



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Escola de Ciências Sociais e da Saúde
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**(DES) Construindo atletas olímpicas:
Análise das práticas discursivas sobre mulheres atletas, no contexto das Olimpíadas de
2016**

Júlia Andrès Rossi

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lenise Santana Borges

Goiânia, março de 2017



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Escola de Ciências Sociais e da Saúde
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**(DES) Construindo atletas olímpicas:
Análise das práticas discursivas sobre mulheres atletas, no contexto das Olimpíadas de
2016**

Júlia Andrès Rossi

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação
Strito Sensu em Psicologia da PUCGoiás como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lenise Santana Borges

Goiânia, março de 2017

R832a Rossi, Júlia Andrès

Análise das práticas discursivas sobre mulheres atletas, no contexto das Olimpíadas de 2016[manuscrito]/ Júlia Andrès Rossi.— 2017.

185 f.; il.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Goiânia, 2017

Inclui referências f.132-140

1. Mulheres - Discursos. 2. Psicologia social. 3. Feminismo. 4. Olimpíadas - Brasil. Borges, Lenise Santana. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 159.9-055.2(043)

Ficha de Avaliação

Rossi, J. A. (2016). *(DES) Construindo Atletas olímpicas: Análise das práticas discursivas sobre mulheres atletas, no contexto das Olimpíadas de 2016*. Orientadora: Lenise Santana Borges.

Esta Dissertação foi submetida à banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Lenise Santana Borges
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Presidente da banca

Prof.^a Dr.^a Eliane Gonçalves
Universidade Federal de Goiás
Membro convidado externo

Prof. Dr. Sebastião Benício da Costa Neto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Membro convidado interno

Prof. Dr. Luc Marcel Adhemar Vandenberghe
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Membro Suplente

À minha família,
que ajuda a me (re)construir,
aceita e apoia minhas (re)construções.

Às/aos minhas/meus amigas/os,
que compartilham a estrada.

AGRADECIMENTOS

(Nessas horas não há clichês, apenas diferentes formas de gratidão)

São as diversas pessoas que, de uma forma ou de outra, possibilitam minha caminhada e meu existir. Durante quase toda a minha vida, tive/tenho o privilégio de conviver, conhecer ou esbarrar em pessoas que me apoiam, me orientam, me questionam, me ensinam, me alegram e me respeitam. Pessoas com quem posso contar, das mais variadas formas.

Durante a jornada no mestrado não foi diferente. Assim, nada me parece mais óbvio e fundamental do que agradecer a algumas dessas. Principalmente porque no cotidiano, acabamos não tendo muito espaço para demonstrar o apreço que temos. Momentos como esse me permitem parar e refletir sobre a importância dessas pessoas. Importâncias que vão além do que escrevo e que me fazem transbordar de sentimentos e sensações acolhedoras e agradáveis, deixando sempre um sorriso no rosto.

A dupla amada e insubstituível Aline e “Limão”, que fizeram sempre o que estava ao alcance por nossa família. Se dedicaram (e dedicam) sem medidas às filhas (e netos e gatos e cachorro). Mesmo quando não aprovaram nossas decisões, estavam presentes dando suporte, aceitação e amor. Obrigada simplesmente não é suficiente.

Ao Luis Gustavo, pessoa única que com muito respeito, racionalidade, diálogo e carinho, compartilha e constrói meu cotidiano. Sempre está disposto a embarcar comigo nas empreitadas e projetos que invento na vida. Me seduz com jogos online, atrasando meu cronograma, mas desce com o cachorro quando preciso colocar as coisas em dia.

À minha companheira de vida e irmã, Laura, que muito admiro e amo. Pelas horas e horas de conversas com e sem propósito. Percorreu percursos acadêmicos (e de vida) que me motivam e me orgulham. Conseguiu tornar-se mestra, doutora e professora em um país estranho a nossa realidade, em um idioma não nativo, mostrando coragem, determinação e competência, apesar das adversidades. Juntamente com o meu “quase-irmão” Felipe, “forneceu” meus dois sobrinhos queridos!

Ao trio de mulheres completamente diferentes entre si, tia Angélica, tia Arly e vó Alzira, que possibilitaram financeiramente a realização desse mestrado. E para além de

materialidades, colocam a acolhedora casa mineira sempre à disposição para dias preguiçosos e conversas regadas a pão de queijo, café e gatos.

A Carmem. Exemplo de hospitalidade, que nunca negou almoço e abrigo nas tardes de espera entre compromissos. E ao Pedro, que nesses almoços discutia comigo metodologias, angústias, caminhos, cronogramas, literatura e experiências de mestrado.

A minha (des)orientadora Lenise, pessoa que muito admiro e tenho apreço. Mediadora de conhecimentos, reflexões e discussões que me transformaram como pesquisadora e, principalmente, como pessoa. Agradeço por criar relações horizontais, respeitar minha individualidade, acolher minha forma de ser e incentivar minha autonomia no fazer, no pensar, no escrever.

Às pessoas que estiveram, em algum momento, presentes no grupo de estudos “Construção de fatos Sociais”: Ana Terra, Sirley, Sonilda, Carol, Priscilla, Zé Arnaldo, Alice, Gerusia e César. Pessoas que sempre contribuíram para a minha pesquisa e reflexões. Se disponibilizaram a construir conhecimento em conjunto. Em especial: ao Vinícius, pelas imensas trocas de angústias, ideias e número de páginas de “texto puro” pelo *facebook*; à Flávia, pela cumplicidade nas disciplinas e pelo cuidado ao compartilhar o que sabe; à Thaís, que sempre se ofereceu para ler (e leu) meus textos.

Agradeço a banca, professora Eliane Gonçalves e professor Sebastião Benício, por aceitarem fazer parte desse momento, ampliando minhas reflexões, escrita e conhecimento crítico. Pela generosidade em compartilhar seu tempo e conhecimentos, pelas contribuições significantes, respeitosas e impagáveis.

À Maria Clara, minha corretora, escritora, poetisa, feminista, vocalista, tecladista, boêmia e amiga de longa data, minha eterna Shina, por acompanhar minhas demandas sem noção e com muita competência auxiliar no processo de me fazer ser entendida.

A Martha, que sempre muito prestativa e disponível, respondia meus mil e-mails de forma rápida, clara e simpática. Bem como enviava com prontidão relatórios, declarações e quaisquer outras demandas relacionadas ao programa.

Às parceiras Cintia, Larissa, Maraíza e Rose Helen pelo incentivo sem fim para que eu assumisse esse projeto. Bem como às minhas colegas e equipe do Departamento III, aqui

representadas pela Martinha, Benedita e Jussanã, que sempre apoiaram meu afastamento e me receberam de braços abertos quando retornei. À amiga Paula que ainda insistiu em me ver fora do ambiente profissional.

Ao “Lexic” e a Isabella, que me proporcionaram passeios no parque, açáis, conversas sobre a vida e um sentimento de ser querida.

Agradeço às pessoas que conheci no Roller Derby e na graduação de Educação Física, por todos os momentos vividos e trocas realizadas, pois estas me permitiram iniciar os questionamentos e problematizações acerca dessa temática!

Ao IFG, por possibilitar a dedicação exclusiva ao mestrado.

Com certeza muitas outras pessoas fizeram parte dessa jornada, mas acredito que essas são as pessoas possíveis de nomear e dizer direcionadamente algum tipo de palavra em agradecimento. Nada é possível de construir sozinha, e assim também é o conhecimento. Esse trabalho só se concretizou devido a essa coletividade amor. <3

Obrigada!!!

RESUMO

Rossi, J. A. (2016). *(DES) Construindo Atletas olímpicas: Análise das práticas discursivas sobre mulheres atletas, no contexto das Olimpíadas de 2016*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

A mídia e sua cobertura esportiva, mais do que veicular informações, produzem saberes e formas específicas de comunicar o que é um corpo e como ele é percebido do ponto de vista dos gêneros e das sexualidades. Apesar da predominância de discursos que insistem em operar sob um modo binário (masculino ou feminino, hétero ou homo), a mídia tem produzido também discursos que questionam esse binarismo, propiciando uma abertura para outras maneiras dos gêneros e sexualidades serem compreendidos e performados. Pensando nisso – e apropriando-me das teorias feministas e de gênero, bem como da Psicologia Social de base socioconstrucionista – busquei, nesta pesquisa, analisar as práticas discursivas que constroem os sentidos a respeito de mulheres atletas na produção digital do site UOL no contexto das Olimpíadas de 2016. Para isso, durante 31 dias, recolhi um total de 454 reportagens que tinham como assunto principal atletas mulheres ou equipes femininas. E a partir deste *corpus* discuti quantitativamente como se deu o processo de visibilidades e temas que abordam as mulheres atletas. Já para a análise qualitativa, foram escolhidas 5 reportagens com a temática desempenho/carreira; 5 com a temática comportamentos/relacionamentos/sexualidade; 4 notícias da sessão especial “Quero treinar em paz”; e 4 matérias produzidas em parceria com a revista feminista *Azmina*. Identifiquei, então, os repertórios e sentidos que circulam sobre as atletas na mídia digital escolhida, e com base nas 18 reportagens distingi 3 matrizes discursivas que dão sentidos a essa categoria, a saber: matriz produtiva, matriz prescritiva e matriz questionadora. Assim, foi possível perceber que na mídia ainda são predominantes as noções prescritivas referentes aos gêneros e às sexualidades. Entretanto, a existência de uma matriz questionadora aponta uma tendência a mudanças nessas práticas discursivas. Quanto aos binarismos e à vinculação de gênero às diferenças sexuais e biológicas, estes quase não são questionados. Assim, encontrei em maior medida a ampliação das noções de feminilidades. Esse vislumbre de mudanças aparece de forma mais acentuada em matérias especiais que abordam o tema da equidade de gênero. E, dessa forma, nota-se que as contribuições das epistemologias feministas para a mídia se mostram urgentes na busca de desconstruir ou pelo menos desfamiliarizar os sentidos, repertórios e noções que circulam e constroem as mulheres atletas.

Palavras-chave: Psicologia Social; Construcionismo Social; Feminismos; Mídia; Atletas.

ABSTRACT

Rossi, J. A. (2016). *(DES) Construindo Atletas olímpicas: Análise das práticas discursivas sobre mulheres atletas, no contexto das Olimpíadas de 2016*. Dissertation (Psychology Master's Degree). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

The media and its sports coverage, more than spread information, produce knowledges and specific ways to communicate what a body is and how it is perceived by the gender and sexuality points of view. Despite the predominance of speeches that insists in operate over a binary way (male or female, homosexual or heterosexual), the media has been producing also speeches that question this binarism, giving an openness for other kinds or genders and sexualities to be understood and performed. Thinking about this - and taking over feminists and gender theories, as well as the Social Psychology of Social Constructionist basis - I looked for, in this research, to analyze the discursive practices that build the senses over the female athletes in digital production of UOL website, in the 2016 Olympics context. For 31 days I've registered a total of 454 articles that have as a main subject female athletes or teams. From this *corpus*, I discussed quantitatively how was the process of visibility and themes that approach female athletes. For the qualitative analysis, 5 articles were chosen with the theme Performance/Career; 5 with the theme behavior/relationship/sexuality; 4 articles from the special session "Quero Treinar em Paz"; and 4 in partnership with the feminist magazine *Azmina*. I identified, though, the repertoires and senses that circles in digital medial about the athletes in the chosen digital media, and based on the 18 articles I distinguished 3 discursive matrices that give sense to this category to know: Productive Matrix, Prescriptive Matrix and Questioner Matrix. This way it was able to notice that in the media the prescriptive notions about gender and sexuality are still predominant. However, the existence of a questioner matrix points to a trend of changes in those discursive practices. About the binarisms and the bindings of gender to biological and sexual differences, those are almost not questioned. Thus, I have found to a greater extent the expansion of the notions of femininity. This glimpse of changes appears most prominently in special articles that address the issue of gender equity. And, this way, it is noted that the contributions of feminist epistemologies to the media are urgent in the search to deconstruct or at least defamiliarize the senses, repertoires and notions that circulate and build female athletes.

Keywords: Social Psychology; Social Constructionism; Feminisms; Media; Athletes.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COI	Comitê Olímpico Internacional
IAAF	International Association of Athletics Federation
IMC	Índice de Massa Corporal
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
ONGs	Organizações Não Governamentais
QTP	Quero Treinar em Paz
UOL	Universo Online

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1: Porcentagem de mulheres atletas em todas as Olimpíadas Modernas	48
Figura 2: Quantitativo de mulheres atletas em todas Olimpíadas Modernas.	50
Figura 3 - parte do <i>printscreen</i> da tela do UOL Geral do dia 10/08/2016, noturno	74
Figura 4 - parte do <i>printscreen</i> da tela do UOL Geral do dia 10/08/2016, noturno, com marcações de acordo com o tema da reportagem	75
Tabela 1 - Diferenças entre as interações, segundo Thompson (1998)	29
Tabela 2 - Exemplo de preenchimento da tabela da ação 04, com algumas matérias do dia 19/08/2016, do período matutino nas 03 plataformas: UOL Geral, UOL Esportes e Uol Olimpíadas	77
Tabela 3 - Quantitativo total e em porcentagem de reportagens registradas, mesmo repetidas, de acordo com os assuntos.	80
Tabela 4 – Quantidade total e porcentagens de reportagens por tema	82
Tabela 5 – Reportagens selecionadas para análise qualitativa na perspectiva de produção da própria mídia, número de comentários de cada reportagem e o(a) autor(a) (Total: 10)	86
Tabela 6 – Panorama geral do quantitativo de reportagens e comentários das reportagens Quero treinar em paz ou de autorias das revistas feministas	88
Tabela 7 – As 5 reportagens mais comentadas da campanha Quero Treinar em Paz	89
Tabela 8 – As 5 reportagens mais comentadas das publicações em parceria com as revistas feministas	89

SUMÁRIO

Introdução: Construindo a pesquisa	06
1. Escolhas epistemológicas e metodológicas	15
1.1. Construcionismo social: uma nova perspectiva em ciência	15
1.2. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano	21
1.3. Uso de documentos de domínio público e mídia	24
2. Um campo em disputa: compreendendo as diversas construções acerca das mulheres atletas	33
2.1. O discurso científico: um breve panorama das produções acadêmicas mais recentes sobre mulheres atletas	34
2.2. Mulheres e esportes: discutindo as noções de feminilidade(s)	40
2.3. Identidades corporificadas: o(s) sexo(s) do(s) corpo(s)	51
2.4. O que a mídia tem a dizer: a cobertura esportiva e atletas mulheres	61
3. Método: acompanhamento das publicações no site da UOL	66
3.1. Limites e possibilidades do uso de jornais digitais	66
3.2. O portal UOL	68
3.3. Registro das reportagens	72
4. Práticas discursivas sobre as mulheres atletas: visibilidades, repertórios e sentidos	79
4.1. Discutindo a visibilidades: análise quantitativa	80
4.2. Recorte qualitativo: reportagens selecionadas	85
4.2.1. Análise na perspectiva de produção da mídia	86
4.2.2. Análise na perspectiva feministas/de gênero	88
4.3. Da produtividade ao questionamento: repertórios, sentidos e vozes que constroem as mulheres atletas	90
4.3.1. Matriz produtiva: repertórios vinculados a desempenho técnico, vitória ou derrota	91

4.3.2. Matriz prescritiva: repertórios que prescrevem comportamentos e/ou lugares adequados às mulheres atletas	94
4.3.3. Matriz questionadora: repertórios que ampliar e/ou desfamiliarizam os sentidos acerca das mulheres atletas	111
4.4. Vozes e posicionamentos: uma comparação entre as práticas discursivas presentes no especial QTP e na revista Azmina	122
Ainda há muito o que desconstruir: apontamentos finais	128
Referências	132
Anexo A – Categorias de divisão temática das reportagens	141
Anexo B – Reportagens, repertórios e matrizes	143
Apêndice A – Reportagens analisadas qualitativamente	147

INTRODUÇÃO: CONSTRUINDO A PESQUISA

A pesquisa nasce da curiosidade e da experiência tomados como processos sociais e intersubjetivos de fazer uma experiência ou refletir sobre uma experiência.

Mary Jane Spink

Os caminhos que percorri durante a graduação e ao longo da vida não me possibilitaram problematizar gênero como categoria de estudo. Muito menos conhecer as perspectivas feministas, seja como movimento social ou como abordagem acadêmica. Os estudos de gênero e os diversos feminismos são novas possibilidades que conheci no mestrado. Possibilidades que, por um lado, me aconchegam: ao encontrar palavras, discussões, estudos e teorias para os incômodos que eu sentia, mas que não sabia nomear; ao descobrir que existem diversas pessoas refletindo e se debruçando sobre questões relativas às desigualdades de gênero.

Por outro lado, as teorias feministas e os estudos de gênero também me perturbam: tiram-me de um lugar cômodo de certezas, de verdades absolutas e me fazem refletir sobre meus posicionamentos, minhas ações, minha linguagem e minha responsabilidade sobre a mudança ou manutenção das desigualdades que percebo. São perturbações que me levam a mover, a pensar, a desnaturalizar, a rever o mundo e, se necessário, tentar recriá-lo. E esse trabalho é uma dessas tentativas.

Apesar de até então eu não fazer reflexões teóricas ou sistemáticas sobre gênero e feminismos, já me incomodavam as hierarquias e as desigualdades de poder que envolvem as relações entre homens/mulheres, mulheres/mulheres e homens/homens que se pautam nas construções de noções de masculinidades e feminilidades. Mesmo que não soubesse nomeá-las ou teorizá-las.

Nunca me reconheci integralmente na imagem tradicional do “feminino”, voltada à fragilidade, ao cuidado, à estética, ao emocional e à dependência. Não sou muito de me maquiar, usar sapatos de salto alto, ser contida, pedir ajuda. Mas isso me faz menos “mulher”?

Também não me vejo como “homem”, segundo a concepção tradicional de masculino: agressivo, dominante, independente e racional. Enfim, nunca senti que pertencia integralmente nem a um nem a outro padrão de gênero. Como se feminino e masculino fossem coisas excludentes, ambivalentes, dois opostos que se complementam. Essa dualidade – homem *versus* mulher, masculino *versus* feminino – me incomodava, mas não ocupava muito meus pensamentos. Talvez porque nunca tenha sido muito cobrada para me encaixar nesses estereótipos. Assim, eu simplesmente era quem eu achava que deveria ser.

Entretanto, essa inquietação se tornou mais incômoda há pouco mais de três anos, quando comecei a prática do *roller derby*, um esporte de contato praticado sobre patins. De origem estadunidense, ele renasceu com novas regras no início dos anos 2000. O esporte é predominantemente praticado por mulheres acima dos 20 anos de idade. Por ser um esporte independente, as integrantes ocupam funções diversas: jogadoras, juízas, treinadoras e administradoras das equipes.

Durante a prática do *roller derby*, há muito espaço para discutir identidade de gênero e sexualidades, pois o esporte aceita atletas transgêneros e transexuais nos times do gênero escolhido pela/o atleta. Também existe a possibilidade de competições e práticas mistas. Além disso, o esporte contempla projetos como o *Vagine Regime*,¹ cujo objetivo é dar visibilidade a pessoas envolvidas com o *roller derby* que possuem sexualidades não normativas.

A possibilidade de prática e discussão sobre gênero no esporte contribui para criar um contexto repleto de discursos feministas e *queer* por parte das Ligas e suas integrantes, mesmo que não necessariamente se nomeiem feministas ou discutam teoricamente os feminismos e a teoria *queer*. Torna-se então um ambiente que incentiva a autonomia, aceitação e diversidade das feminilidades, masculinidades, sexualidades e corporeidades.

¹ Mais informações sobre o projeto disponíveis em: <https://www.facebook.com/Vagtastic/>

Foi na prática do esporte que conheci pela primeira vez uma mulher trans e que entrei em contato com o termo *queer*. No contexto do *roller derby*, minhas inquietações sobre o “ser mulher” vividas anteriormente afloraram. As definições, fronteiras e coerências entre sexo, sexualidade e gênero que eu pensava existir se borraram ainda mais.

A prática do *roller derby* me levou ao curso de Educação Física, realidade da qual nunca imaginei fazer parte, principalmente por estar classificada como “gorda”, segundo padrões estéticos, e não ter perfil atlético nem *fitness*. Nesse novo espaço, percebi como existem diversos controles sobre nossos corpos, incluindo a noção construída e dos diversos discursos sobre “ser gorda”. Controles diretamente relacionados à existência de uma falsa coerência entre sexo, sexualidade e gênero, aspectos que eu já questionava. Notei como nossa estrutura social e comportamentos são pautados por definições binárias e complementares do ser mulher/homem, de heterossexualidade/homossexualidade, do ser macho/fêmea, gorda/magra, saúde/doença; como os discursos e linguagens que utilizamos reforçam essas normativas, expectativas e estereótipos; e como ressaltam estruturas hierarquizadas, que valorizam alguns aspectos de masculinidades e de feminilidades em detrimentos de outros. E, para mim, no curso de Educação Física, essas hierarquias e dualismos se tornaram incrivelmente evidentes.

O contexto esportivo é predominantemente marcado por padrões ditos e naturalizados como masculinos, com uma identidade normativa masculina única. É o sexo biológico que determina se o/a atleta é homem ou mulher, e essa biologia determina sua capacidade física. Homens são considerados fortes, ágeis e hábeis para esportes de alto rendimento, como luta, corrida e de contato. Já as mulheres, de acordo com sua biologia, são maternais; ou seja, o oposto da identidade masculina. Então as mulheres são consideradas mais aptas para esportes que preparem o corpo para a maternidade e ressaltem flexibilidade, estética e beleza, como nado sincronizado, ginástica rítmica e vôlei.

Percebi, então, que essa noção de biologia – de que as mulheres são fisicamente inferiores aos homens – e os desdobramentos que surgem dessa naturalização não são questionados no curso de Educação Física. Esse discurso não é problematizado. E, assim, futuros professores de Educação Física reproduzem discursos que reafirmam que os homens são fisicamente mais capazes que as mulheres e que é a biologia que determina essa hierarquização e aptidão. Foi quando estranhei a existência de esportes ditos mais masculinos e esportes ditos mais femininos e em como há uma valoração entre estes mesmos esportes. Bem como passei a duvidar de metodologias que ainda separavam “meninas para um lado” e “meninos para o outro”, como se fossem dicotômicos e necessariamente com desempenhos diferentes.

Então, de um lado estava o *roller derby*, cujas atletas orientam as regras do esporte e são os modelos a serem seguidos: não são fracas, não são biologicamente determinadas e possuem visibilidade e protagonismo, aceitando diversas sexualidades e formatos de corpo. Do outro lado estava o curso de Educação Física, dizendo que nos esportes os homens possuem melhor desempenho, são mais fortes, e é a biologia que justifica essa aptidão. Contrapondo esses dois contextos nos quais eu estava inserida, passei a questionar os discursos que envolvem os esportes, o “ser homem” e o “ser mulher” atleta.

Com essas inquietações e reflexões, iniciei o mestrado em Psicologia. Sabia que queria investigar e questionar as noções construídas acerca das mulheres atletas. Pois se os discursos e linguagens que percebia na Educação Física podiam reforçar os estereótipos e comportamentos de homens e mulheres praticantes de esportes, também poderiam contribuir para problematizar, desnaturalizar e mudar as características atribuídas aos(às) atletas, assim como acontecia no *roller derby*.

O construcionismo social juntamente com as perspectivas feministas e os estudos de gênero, que conheci por meio da minha orientadora e dos debates no grupo de estudo

“Construções de Fatos Sociais”, foram ao encontro de minhas inquietações e questionamentos.

O construcionismo social considera que qualquer conhecimento, seja ele acadêmico ou não, tem sua origem, necessariamente, nas práticas sociais. Então a linguagem passa a ocupar lugar central nesses estudos. As pessoas e, conseqüentemente, o conhecimento produzido por elas só devem ser pensados em interação, e a interação mais importante é a linguagem (Spink, 2004). A linguagem, portanto, deixa de ser mera representação e passa a ser ação.

A partir das teorias construcionistas, não busco aqui uma “verdade” ou “certeza” sobre os fatos, e sim os diferentes sentidos acerca do contexto em destaque, enfatizando a polissemia. Ou seja, proponho aqui tornar o conhecimento produzido parcial e provisório, bem como interessado e situado, não se constituindo como verdade absoluta e nem aplicável a todos os fenômenos. Busca-se a polissemia dos sentidos, suas variações dos repertórios e práticas discursivas, que na maioria das vezes não é harmoniosa.

Assim, as noções sobre “ser mulher” ou “ser homem”, os sentidos atribuídos aos esportes e quem os praticam também se tornam situados, interessados, históricos e sociais. Passíveis de serem questionados, deslocados e desnaturalizados, bem como reconstruídos, possibilitando, assim, novas práticas ou pelo menos apontando as hierarquias presentes nas práticas discursivas.

Essa postura construcionista de compreender o conhecimento compartilha aspectos com perspectivas feministas². Haraway (1995), teórica feminista, afirma que os saberes e a produção de conhecimento são localizados e corporificados, e que a ciência é um texto contestável e um campo de poder: “[...] todas as fronteiras internas-externas do conhecimento são teorizadas como movimentos de poder, não movimentos em direção à verdade.”

² Não pode ser entendido como hegemônico e único, mas como um movimento diverso e plural, com diferentes pautas e agendas. Não é um movimento universalizado. Assim, opto por sempre utilizar as referências aos movimentos feministas no plural.

(Haraway, 1995, p. 9). Ela critica a objetividade construída nas ciências tradicionais, questionando a objetividade neutra e o conhecimento universal, que separam sujeito-objeto e descorporifica os saberes.

Essa suposta neutralidade se vincula a pessoas e grupos específicos que produziram teorias e conhecimentos, de acordo com o contexto no qual se inseriam. Haraway (1995) provoca uma ressignificação dessa ciência e dessa objetividade, convocando as pessoas a se posicionarem em prol de uma objetividade feminista, que está permeada de subjetividade, de um conhecimento específico feito por pessoas em determinados contextos, que possuem uma história pessoal e social e interesse na produção de conhecimentos.

Outra contribuição aos meus estudos é a perspectiva de gênero. Scott (1989), feminista e historiadora norte-americana é uma das primeiras expoentes no uso e discussão de gênero como categoria analítica. Ela publicou o ensaio “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”, no qual propõe deslocar a categoria “mulher” como identidade e sugere adotá-la como relacional. Seguindo essa linha, Piscitelli (2002) alega que o conceito de gênero vai além da categoria “mulher”, como identidade. Gênero é uma categoria que nos permite questionar as distinções entre características consideradas masculinas e femininas, que se encontram no centro das relações de poder e hierarquias sociais. (Piscitelli, 2002)

Tanto o construcionismo social quanto as teorias feministas compreendem a produção de conhecimento e sentidos como uma questão social. Os sentidos que as pessoas dão ao mundo circulam e se constroem nas relações. Porém não só nas interações face a face, mas também por meio de jornais, revistas, televisão, livros, redes sociais, aplicativos de celular, internet e blogs, levando em consideração que a mídia é compreendida como parte do social.

Os Jogos Olímpicos são um momento de grande repercussão e mobilização mundial. Com isso, o espaço na mídia destinado à temática dos esportes aumenta conseqüentemente, e não só na mídia especializada, mas em todas as categorias. É um evento que envolve diversas

modalidades esportivas. As competições femininas, masculinas e mistas são contempladas com uma maior variedade de reportagens e destaques a atletas e equipes, incluindo mais possibilidades de visibilidade a atletas e equipes femininas. Além disso, em 2016 as Olimpíadas foram sediadas no Brasil, mais precisamente na capital do Estado do Rio de Janeiro, permitindo, então, uma discussão bem mais próxima da nossa realidade. Segundo relatórios da Rio Media Center, órgão da prefeitura do Rio de Janeiro, a cidade recebeu cerca de 1,17 milhão de visitantes no período das Olimpíadas, sendo 410 mil estrangeiros.

Assim, os meios midiáticos dão visibilidade aos acontecimentos, configurando-se uma relação de poder. Ela institui o que se torna destaque e o que é deixado de lado. Ao mesmo tempo em que traz assuntos que a sociedade quer discutir, também orienta os diálogos, como lembra Medrado (2013): constituindo-se também como prática discursiva que participa da construção e circulação de repertórios.

A mídia é um sistema cultural complexo por possuir uma dimensão simbólica capaz de construir, reconstruir, armazenar, reproduzir e circular sentidos e significados diversos acerca do mundo. Além disso, a mídia e o que ela vincula também possuem aspectos de dimensão contextual, visto que estão inseridos em um espaço e tempo específicos, mas também não se limitando a eles, pois permitem que conteúdos linguísticos sejam repassados para pessoas distantes espacial e temporalmente.

Nesse sentido, Nogueira (2001) e Amâncio (1998) enfatizam o papel central da mídia na criação e na manutenção de crenças quanto à naturalização das hierarquias entre gêneros. Assim, a mídia também pode se tornar lócus para questionar e desnaturalizar as hierarquias. Portanto, devido à importância que a mídia possui no nosso cotidiano, opto por utilizar esse espaço como lócus privilegiado para se investigar a produção e circulação de sentidos acerca das mulheres atletas.

Diante desses contextos vivenciados e panorama apresentado, esta pesquisa partiu dos seguintes questionamentos e perguntas norteadoras: que os repertórios escolhidos pelas diversas vozes na mídia esportiva dizem acerca da construção social das mulheres atletas? Quais as narrativas sobre as atletas tornam-se mais legítimas na produção da mídia? E se existem diferenças nos sentidos que são produzidos e circulam de acordo com as diferentes vozes e posicionamentos? Quais são os diversos efeitos dessas diferenças discursivas? Para discutir e refletir sobre esses questionamentos, tenho como **objetivo geral**: analisar as práticas discursivas que constroem os sentidos a respeito das mulheres atletas na mídia digital, no contexto das Olimpíadas de 2016. E como **objetivos específicos**:

- Discutir a visibilidade conferida às atletas mulheres.
- Identificar e discutir por meio dos repertórios discursivos quais discursos mostram-se mais legítimos na mídia, e as possíveis consequências dessa hierarquização;
- Analisar se há na mídia abordagens que se aproximam das perspectivas feministas/de gênero sobre os sentidos atribuídos as mulheres atletas.

Para cumprir os objetivos de minha pesquisa, este trabalho está dividido em 3 capítulos, além das considerações finais e referências bibliográficas. No **capítulo 1**, aprofundo o debate sobre a epistemologia, ontologia e metodologia do construcionismo social. Discuto brevemente a origem dessa perspectiva, seus postulados e quais as posturas recomendadas para o(a) pesquisador(a) que opta por essa abordagem do conhecimento, contrapondo com o que entendemos como ciência tradicional. Em seguida apresento a metodologia das práticas discursivas que embasa minhas análises e discussões. Abordo as teorias acerca de mídia e produção de sentidos, bem como argumentos que consolidam o uso de documentos de domínio público como locus de pesquisa.

O objetivo do **capítulo 2** é pensar como este é um campo marcado por disputas de sentidos nas mais diferentes áreas, discuto sobre a construção, ao longo do tempo, do ser

mulher e sua relação com o contexto esportivo, tentando dar visibilidade às relações de poder que cada sentido e discurso performam. Como parte inicial dessa tentativa, trago um panorama geral das produções acadêmicas mais recentes sobre mulheres atletas, ressaltando temáticas abordadas, perspectivas adotadas e locais de produção.

Em seguida, situo as noções acerca da categoria mulher e como esta vincula-se as concepções de feminilidade(s). Abordo brevemente a entrada mais consistente das mulheres ao contexto esportivo e como esse novo espaço possibilitou ou não questionar os lugares e comportamentos ditos femininos. Na sequência, abordando a relação entre sexo/gênero, numa perspectiva dos estudos de gênero, questiono as definições binárias e biologicistas entre as categorias homem e/ou mulher. Problematizo como essa distinção não é tão simples e causou (e causa) diversos questionamentos e impasses no contexto esportivo.

No **capítulo 03** o destaque é para o método e as diversas escolhas que realizei ao longo do percurso. Trago informações sobre a mídia escolhida e os motivos que me levaram a acompanhá-la. Escrevo sobre as formas e escolhas de registro das reportagens.

Começo o **capítulo 04** apresentando um panorama geral quantitativo dos registros, e por meio destes discuto questões referentes à visibilidade. Analiso quais os possíveis contextos que levam a um maior número de reportagens sobre atletas mulheres, do que o registrado pela literatura.

Em seguida, exponho as reportagens que decidi analisar qualitativamente, justificando as escolhas com base nos objetivos específicos dessa pesquisa e corpus quantitativo. A análise e discussão qualitativa se subdividem em dois momentos. No primeiro momento, por meio da identificação de repertórios, o foco recai sobre 03 diferentes matrizes discursivas e os seus sentidos: 1) matriz produtiva, 2) matriz prescritiva e 3) matriz questionadora. No segundo e último momento comparo a forma de escrever dos(as) jornalistas da UOL, do especial “Quero Treinar em Paz” - QTP e das autoras das matérias em apreção com a revista Azmina.

1. ESCOLHAS EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS

O objetivo deste capítulo é discutir o embasamento epistemológico e metodológico adotado para a presente pesquisa. Aqui exponho os postulados que configuram a produção de conhecimento na perspectiva do construcionismo social e como eles contrapõem a ciência tradicional positivista, caracterizada pela neutralidade, universalidade e essencialismos. Em seguida, discorro sobre como a metodologia das práticas discursivas e da produção de sentidos no cotidiano se relaciona com essa epistemologia. E, ainda, como o uso dessa metodologia embasa minhas análises. Ao final, argumento a favor do uso de documentos de domínio público, incluindo mídia, como lócus de pesquisa.

1.1. Construcionismo social: uma nova perspectiva em ciência

Todo conhecimento é resultado de um processo histórico particular, produzido no seio de uma cultura ou grupo cultural particular.

Lupicinio Íñiguez

As diferentes maneiras de fazer pesquisa produzem diferentes realidades.

Mary Jane Spink, Benedito Medrado e Ricardo Pimentel

O construcionismo social se inter-relaciona com diversas disciplinas acadêmicas, como Antropologia, Sociologia, Literatura, Filosofia, Psicologia, entre outras, não sendo uma abordagem exclusiva de algum campo do conhecimento (Danzinger, 1997). Essa diversidade de disciplinas e a não existência de uma teoria construcionista faz com que não haja um consenso no pesquisar e produzir conhecimento com base epistemológica construcionista (Íñiguez, 2003).

O construcionismo constitui-se por posturas específicas do(a) pesquisador(a) diante do que é o conhecimento, para quem é o conhecimento, quem o produz e quais são os objetivos de pesquisar e produzir conhecimento acerca do mundo. Ou seja, relaciona-se com o

posicionamento do(a) pesquisador(a) diante da produção de conhecimento e como este se articular com a sociedade e as relações de poder/saber instituídas (Spink, 2004; Iñiguez, 2003).

A postura construcionista surge primeiramente de uma crítica à ciência tradicional e positivista. Não existem autores que elaboram explicações únicas e gerais para o que acontece no mundo, não sendo uma teoria. Mas existe uma constância na postura do(a) pesquisador(a) diante do conhecimento que definem a existência do construcionismo social como um movimento no fazer científico.

O conhecimento científico tradicional se pauta na busca de universalizações e generalizações de explicações e teorias, investigando os “porquês”, a causa e o efeito. Também se utiliza de uma suposta neutralidade por parte dos(as) pesquisadores(as). Tudo isso torna o conhecimento produzido abstrato, descorporificado e descontextualizado. Esse tipo de conhecimento não se constitui de situações, mas das essências que causam as situações. Nessa vertente tradicional da ciência, cabe a nós pesquisadores(as) acessarmos essas essências, essas “verdades”, hierarquizando saberes entre o que é considerado conhecimento científico e o senso comum. Além disso, as ciências positivistas dicotomizam sujeito-objeto, como se fossem aspectos separados da pesquisa, e não assumem a interdependência entre eles. O construcionismo social desafia o paradigma positivista e tradicional no fazer científico e na produção de conhecimento.

Iñiguez (2003) discute sete posturas dos(as) pesquisadores(as) que nos apontam se um conhecimento produzido pode ser considerado construcionista social ou não, a saber: 1) antiessencialismo; 2) relativismo/antirrealismo; 3) reflexividade; 4) determinação cultural e historicidade do conhecimento; 5) linguagem como possibilidade; 6) conhecimento como produção social; e 7) construção social.

O primeiro e segundo posicionamentos, antiessencialismo e relativismo/antirrealismo, estão inter-relacionados. Dizem respeito à não naturalização dos fenômenos sociais. Não existem verdades essenciais e naturais, nem uma verdade objetiva. A realidade por si só não existe: é apenas um conjunto de versões construídas coletivamente nas diferentes sociedades e culturas ao longo das histórias e dos tempos, gerando um relativismo.

Um dos maiores desafios para o(a) pesquisador(a) dentro dessa perspectiva construcionista é o relativismo. Essa característica exige a superação do pensamento dicotômico, ainda tão intrínseco na nossa realidade. Porém não é um relativismo de aceitar tudo como uma suposta verdade ou possibilidade, mas sim de caracterizar que o(a) pesquisador(a) não estará em busca de uma “verdade” ou “certeza” dos fatos (Spink, 2004). Adota-se o conhecimento como parcial e provisório, bem como interessado e situado, pois retrata o olhar do(a) pesquisador(a) em um dado momento no tempo e no espaço, não se constituindo como verdade absoluta nem aplicável a todos os fenômenos.

O terceiro postulado refere-se a questionar as verdades geralmente aceitas. Como não há essência, muito menos uma realidade objetiva, deve-se questionar todos os conhecimentos produzidos. De onde vieram? Por que foram produzidos? Por quem? O que os mantém? Quais os interesses por trás dessa “verdade”? Essas perguntas devem sempre nortear nossos estudos. A noção de reflexividade dá suporte a esses questionamentos.

A reflexividade no campo científico sempre existiu de certa forma, pois a ciência foi construída a partir do questionamento de verdades, a fim de prová-las, reafirmá-las e contestá-las. Porém, na pós-modernidade, a reflexividade em ciência se torna mais profunda. Passa-se, então, a questionar o conhecimento como poder, como político e social. Reflete-se e pergunta-se por que há conhecimentos que são mais legítimos que outros; pergunta-se se existe realmente uma verdade que a ciência deve investigar e afirmar (Spink, 2004).

No quarto postulado, Iñiguez (2003) discute a importância da especificidade cultural e do momento histórico na produção das categorias e conceitos, resultando na ideia de que o conhecimento se produz nas práticas sociais. O principal instrumento utilizado socialmente na construção dos sentidos é a linguagem (quinto postulado).

As pessoas, e conseqüentemente o conhecimento que nós produzimos, só devem ser pensados em interação; e a interação mais importante é a linguagem (Spink, 2004). Aqui o conceito de linguagem se diferencia do conceito de discurso. Linguagem é entendida como a própria existência de nosso pensamento, sendo um conjunto linguístico que dá sustentação e favorece as relações sociais.

Não há, na perspectiva do construcionismo social, a ideia de uma mente humana que reflete objetos independentes, pois a realidade é construída socialmente e dependente de diversos contextos. Assim, a linguagem não é mais compreendida como representação do mundo, mas como constituinte desse mundo, como prática discursiva, como ação, que é capaz não só de dar sentidos ao mundo, mas também de alterar esses sentidos (Danzinger, 1997; Spink, 2004; Gergen, 2009).

O sexto postulado refere-se ao conhecimento como produção social, compreende a relação entre conhecimento e prática social como uma relação de influência recíproca, não podendo ser entendido separado ou à parte do contexto social.

De fato, os saberes e conhecimentos sobre o mundo são o resultado de uma ação conjunta (Shotter, 1993 a e b) e dão origem a diferentes formas historicamente e culturalmente situadas. Ao mesmo tempo, cada conhecimento construído em conjunto abre o campo de novas e diferentes formas de ação social. Cada saber, cada conhecimento social possibilita certos modos de ação social e exclui outros. (Iñiguez, 2003, p. 4). Tradução livre

Não devemos criar um conhecimento que seja estático e inquestionável. O conhecimento é construção social (sétimo postulado); e, se é construção, não está acabado. E, ainda, se não possui uma finitude, pode ser alterado, mudado. Para tanto, é importante compreender quais são os reflexos, possibilidades e objetivos sociais e políticos do conhecimento que produzimos.

Kenneth Gergen (2009) afirma que, na perspectiva do construcionismo, devemos ter uma postura crítica em relação à naturalização e essência dos fenômenos sociais, pois estes não nasceram prontos, como estão hoje, e sim são criados no contexto de suas interações. Assim, o(a) pesquisador(a) sempre deve questionar sua temática, que também não está nunca acabada e concluída (Gergen, 2009).

Mary Jane Spink (2004) enfatiza que o fenômeno não precisaria ser como é. Deve-se “entender sua historicidade (condições de possibilidades) de nossas práticas e das teorias que construímos sobre elas, situando-as como produtos humanos histórica e socialmente localizados” (Spink, 2003, p. 34). No construcionismo social, qualquer conhecimento, seja ele de produção acadêmica ou não, tem sua origem, necessariamente, nas práticas sociais. Assim, o conhecimento científico não deveria ser tratado como mais correto ou diferente dos outros conhecimentos.

Apropriando-se desses postulados acerca da produção de conhecimentos, ressalto que os estudos pautados pela perspectiva socioconstrucionista acabam tendo como foco os processos cotidianos (Gergen, 2009). Como afirma Spink (2004), o objetivo torna-se pesquisar no cotidiano, no qual o(a) pesquisador(a) faz parte dos processos do fenômeno, propondo uma compreensão compartilhada entre o objeto e o(a) pesquisador(a), não havendo mais, então, a tradicional dicotomia objeto-pesquisador(a). Com esse posicionamento, a ciência deixa de ser uma pesquisa sobre objetos humanos e passa a ser com sujeitos humanos, com pessoas, seja por meio de pessoas concretas ou pessoas que construíram sentidos sobre o

que se investiga ao longo do tempo. Propõe-se, então, que o conhecimento é gerado necessariamente por e nas práticas sociais:

[P]esquisa construcionista social ocupa-se principalmente de explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam, ou, de alguma forma, dão conta do mundo em que vivem (incluindo-se a si mesmas). Busca articular formas compartilhadas de entendimento tal como existem atualmente, como existiram em períodos históricos anteriores, e como poderão vir a existir se a atenção criativa se dirigir neste sentido. (Gergen, 2009, p. 301).

Adotar a postura construcionista na Psicologia é confrontar a psicologia tradicional, que ao longo do tempo criou teorias e conhecimento que mais salientam a desigualdade de gênero, do que promove bem-estar (Nogueira, Neves & Barbosa, 2005). A apropriação desse paradigma me permitirá desconstruir às feminilidades e masculinidades como categorias fundamentais e essenciais, possibilitando discursos alternativos.

Por meio do construcionismo, como vertente da psicologia crítica, busco desconstruir a psicologia orientada para problemas individuais, e fazer um conhecimento comprometido com questões sociais, analisando fatores estruturais, políticos e culturais.

Além disso, partindo dessa concepção de ciência e em consonância com os pressupostos do Construcionismo Social e do próprio feminismo, opto por me posicionar como parte ativa e corpórea do trabalho. Assim, utilizo a primeira pessoa durante o processo de escrita, procurando evitar a impessoalidade e suposta neutralidade geralmente utilizada nas ciências.

1.2. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano

Diante da postura construcionista acerca da produção de conhecimentos, opto nesta pesquisa por utilizar a metodologia das práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Esta tem a seguinte pergunta como norteadora: “como damos sentidos ao mundo em que vivemos?” (Spink, 2013). Em resumo, é por meio dessa abordagem que procuro explicitar como a mídia constrói e circulam os sentidos a respeito das mulheres atletas.

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta. (Spink, 2013, p. 22).

Vale dizer que a metodologia das práticas discursivas possui três dimensões básicas: linguagem, história e pessoa. Com foco na linguagem em uso, a produção de sentidos é um fenômeno sociolinguístico, pois, além de social, é o uso da linguagem que dá embasamento para os sentidos. Porém, colocar a linguagem como central não significa que o fenômeno seja, necessariamente, de origem linguística. Por exemplo: há uma pessoa que pratica um esporte, isso independe da linguagem. Mas como nomeamos essa pessoa, quais sentidos atribuem-se a ela, ao esporte praticado, ao seu tipo físico e o que mais se atribuir ao que está ao redor dessa pessoa, tudo isso se vincula à linguagem. Ou seja, não há reducionismo linguístico, mas um enfoque na “interface entre os aspectos performáticos da linguagem e as condições de produção, entendidas tanto como contexto social e interacional quanto no sentido foucaultiano de construções históricas” (Spink, 2013, p. 23).

O presente trabalho busca dar destaque as práticas discursivas. Assim, é importante diferenciar discurso de práticas discursivas. Não são termos excludentes, mas apenas possuem objetivos diferentes ao compreender o uso da linguagem. O termo discurso refere-se a

regularidades linguísticas. Ou seja, à linguagem de forma mais institucionalizada, que apesar de ter tendência a permanência e constância, não é imutável. Aqui entram as linguagens sociais, utilizadas por grupos específicos da sociedade e os gêneros de fala, que são enunciados relativamente estáveis e que buscam coerência com o contexto; i. e., o tempo e os(as) interlocutores(as). O discurso diz respeito a essa regularidade e constâncias linguísticas que utilizamos em nosso cotidiano.

Já a prática discursiva volta nosso olhar para a linguagem em uso. Passamos a procurar a não regularidade, a diversidade e a polissemia nos sentidos e linguagem. Remete ao uso ativo da linguagem, à ruptura e ressignificação de produção de sentidos. É a linguagem em ação.

As práticas discursivas possuem vozes e enunciados em sua dinâmica. Os enunciados são as expressões propriamente ditas, palavras e sentenças proferidas em situações específicas. As vozes antecedem aos enunciados e se referem às negociações de sentidos, que ocorrem de forma presentificada ou não, antes do interlocutor proferir seu enunciado. O próprio falante (que também é uma voz) já está “negociando”, “dialogando” um enunciado anterior que já carrega diversas outras vozes. Assim, os sentidos são construídos somente na prática social, quando duas ou mais vozes se confrontam.

Outra característica dos enunciados é que dependem de um código simbólico preexistente, do qual a voz faz uso, apropria-se e posiciona-se para proferir os enunciados. Esse código simbólico preexistente são os repertórios interpretativos. Os repertórios são as unidades (palavras, expressões) que formam os enunciados e atuam como substrato para qualquer argumentação. É por meio dos repertórios interpretativos que podemos compreender tanto a estabilidade como a variabilidade das produções linguísticas e de sentidos. Possibilitando, então, o estudo da polissemia dos sentidos.

Em outras palavras, esse conceito é particularmente útil para entendermos a variabilidade usualmente encontrada nas comunicações cotidianas, quando repertórios próprios de discursos diversos são combinados de forma pouco usuais, obedecendo a uma linha de argumentação, mas gerando, frequentemente, contradições. (Spink, 2013, p. 28).

Essa troca constante entre vozes e enunciados é chamada de interanimação dialógica. E é por meio dessa interanimação dialógica que podemos reafirmar ou alterar nossos enunciados; ou seja, (re)negociamos nossos posicionamentos acerca do nosso mundo social. O posicionamento sempre é intencional e ocorre em um processo discursivo e de interação com outras vozes. Pode ser um posicionamento interativo, no qual nos posicionamos diante do enunciado de outro interlocutor, ou um posicionamento reflexivo, no qual nos autoposicionamos. Esses constantes (re)posicionamentos nos ajudam a construir quem somos e aquilo no que acreditamos, porém de uma forma muito mais fluida e contextual do que o conceito de identidade. Como em qualquer produção de sentidos, ocorre a necessidade de posicionamentos: estamos a todo o tempo revendo nossos posicionamentos de acordo com o contexto que nos inserimos, podendo mantê-lo ou alterá-lo.

Se levarmos em conta que o conhecimento é uma coprodução de participantes específicos numa interação, o conhecimento gerado poderá ser conceituado de diferentes formas. Porém, existir uma polissemia de sentidos não significa que não haja hegemonia de sentidos, ou que os sentidos produzidos têm a mesma equivalência de poder. Mas possibilita, justamente, pensar e repensar essas hierarquias e negociações que foram, são mantidas e reconstruídas ao longo dos tempos.

Os níveis temporais que perpassam e cruzam as práticas discursivas nos permitem verificar os sentidos mais constantes e as polissemias. Há a possibilidade, então, do fato social

atravessar o tempo longo, que é caracterizado pelos conteúdos mais regulares, instituídos ao longo da história cultural da humanidade, que formam os discursos de uma determinada época e acabam por anteceder a existência da pessoa que enuncia; o tempo vivido, vincula-se ao período de socialização, nesse tempo ocorre a construção de memórias afetivas e a ressignificação social dos conteúdos e sentidos situados no tempo longo; e, por fim, o tempo curto, no qual ocorre a interanimação dialógica e é possível analisar e perceber as polissemias.

Essa dialogia, a construção social e a linguística dos sentidos ocorrem não só nos enunciados orais, mas no pensamento e até mesmo nos atos de fala impressos (escritos e imagéticos). Assim, qualquer produção que envolva linguagem é um ato de fala, seja em entrevistas, em livros históricos ou em publicações de jornais. Essa compreensão nos permite estudar e compreender as práticas discursivas em qualquer produção humana.

1.3. Uso de documentos de domínio público e mídia

A Psicologia possui tradição em construir conhecimento com base em entrevistas, grupos focais e observação. Porém, a perspectiva de que os sentidos e as práticas discursivas estão presentes em qualquer produção humana que envolva algum tipo de linguagem amplia as possibilidades de pesquisa para além dos atos de falas orais. Para tanto, podem ser utilizados, então, diversos documentos de domínio público, como documentos históricos, legislações e diretrizes, matérias de jornal, transmissões de rádio, imagens, revistas, sites e uma infinidade de outros contextos e produções linguísticas.

Os documentos de domínio público possuem a característica de livre acesso. Ou seja, qualquer pessoa pode utilizar e discutir o material. Porém, ser público não é sinônimo de ser gratuito. Por exemplo: jornais são de domínio público, mesmo que você precise pagar por eles. Além disso, são produtos sociopolíticos: tornam-se lugares nos quais é possível

expressar e agir de forma que outras pessoas possam se posicionar acerca do documento (Spink et al., 2014).

Conforme os objetivos deste estudo, focalizarei aqui a mídia como documento de domínio público e uma importante esfera de produção de sentidos. A seguir abordarei a importância de se estudar os sentidos que circulam e são produzidos pela mídia, bem como as formas de compreender esse contexto de produção.

O contexto da modernidade é marcado pela noção de instituições sólidas, com distinções claras entre o público e privado (Giddens, 2002). A pessoa, na modernidade, é entendida como centrada, dotada de razão, de consciência e de ação. Com um núcleo interior sólido, predominando uma concepção individualista e de “essência” (Hall, 2005). Entretanto, na década de 1960, as Ciências Sociais passam por transformações, dando origem à concepção de um sujeito sociológico que, segundo Hall (2005), tem sua identidade formada na interação entre o eu e a sociedade, não havendo mais uma única essência imutável. Hall (2005) afirma que a partir dessa nova concepção de sujeito, inicia-se uma crise de identidade. Pois agora somos compostos de várias identidades, que se constroem nas relações sociais, e, muitas vezes, essas identidades podem ser consideradas conflitantes.

As sociedades modernas são marcadas por mudanças constantes, rápidas e permanentes. Assim, as noções e princípios que marcam a modernidade tornam-se marcadas por crises. A crise existe quando surge a dúvida e a incerteza (Hall, 2005). Questiona-se se existe uma única verdade, se a realidade realmente pode ser convertida em dados objetivos que traduzem essa essência da natureza. Assim, essa crise de identidade do sujeito sociológico, começa a refletir o início do que muitos autores chamam de pós-modernidade. Aqui me aproprio da nomenclatura utilizada por Giddens (2002), que defende estarmos numa Modernidade Tardia.

A defesa de uma modernidade tardia é estarmos em um momento de transição para outro momento distinto, mas não cindido, da modernidade clássica. Pois ocorreram e ocorrem mudanças estruturais que estão transformando as sociedades modernas. Antes conceitos sociais nos davam localizações sólidas e a percepção de um sujeito integrado. Com as mudanças³ surge a concepção de deslocamento ou descentração do sujeito, ocorrendo um duplo deslocamento dessa identidade: o primeiro em relação ao mundo social e cultural e o segundo deslocamento é em relação a si mesmo.

A globalização, processo iniciado na modernidade, acelera essas crises, os processos de dúvidas e incertezas. Devido a globalização, a sociedade não está mais delimitada pelo tempo e pelo espaço como antes (Hall, 2005; Giddens, 2002). Assim, esse processo gera discontinuidades. As transformações envolvidas na modernidade são mais profundas, tanto em extensão como em intensidade, do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores (Giddens, 2002).

Giddens (2002) define o processo de globalização como a intersecção entre ausência e presença ou o entrelaçamento de relações sociais e eventos sociais que estão distantes dos contextos locais. A globalização é muitas vezes retratada apenas como fenômeno econômico, porém ela está incorporada às esferas política, social, cultural, esportiva e de saúde coletiva, afetando tanto os aspectos macros quanto os micros da nossa vida cotidiana. Eventos políticos que acontecem no Brasil, como as discussões sobre o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em questão de segundos podem interferir na bolsa de valores de Nova York; eventos esportivos, como as Olimpíadas, podem ser acompanhados por milhões de telespectadores, pela internet ou televisão; epidemias, como o recente caso do vírus ZIKA na

³ A separação do tempo e do espaço, mecanismos de desencaixe e a reflexividade do conhecimento (Giddens, 2002)

América Latina, mobilizam políticas públicas e de incentivo à pesquisa em diversos países do mundo. Podemos fazer compras no mercado chinês sem sair de casa.

Entretanto o processo de globalização não ocorre de forma igual nas diversas partes do mundo, ela se dá de diferentes velocidades, maneiras e importâncias de acordo com o contexto. Bem como a modernidade e, conseqüentemente, seu momento de transição para a pós-modernidade não pode ser entendida e compreendida de forma universal. São contextos que estão em diferentes momentos

Em grande parte, essas possibilidades existem devido aos avanços da tecnologia e da infraestrutura das telecomunicações no mundo. O advento e a popularização da internet permitem uma comunicação em tempo real em quase toda parte do mundo. Antes da popularização da mídia e da globalização, a visibilidade era restringida por aspectos físicos e temporais: só podíamos ter conhecimento e, conseqüentemente, só possuía visibilidade o que estava no aqui e no agora. Porém, como lembra Thompson (1998, 2008), com o advento das novas tecnologias de comunicação, temos acesso a fatos, pessoas, eventos e situações que podem estar em espaços físico, geográfico e temporal diferentes do nosso:

O desenvolvimento das mídias comunicacionais trouxe, desse modo, uma nova forma de visibilidade – ou, para ser mais preciso, novas formas de visibilidade cujas características específicas variam de um meio para outro – que se diferencia em aspectos essenciais da visibilidade situada da co-presença. (Thompson, 2008, p. 21).

Para termos uma ideia, o Comitê Olímpico Internacional (COI) afirma que mais da metade da população mundial se envolveu e consumiu imagens e informações sobre as Olimpíadas deste ano, 2016, nas mais diversas plataformas – como televisão e redes sociais –, o que fez a audiência bater recordes. Foram mais de 500 canais tradicionais credenciados ao redor do mundo para transmitir momentos dos jogos, além das mais de 250 plataformas

digitais. A importância da mídia é tão marcante que parte das agendas esportivas e horários de competição foi definida de acordo com os interesses da rede de televisão norte-americana NBCUniversal,⁴ que ao final do evento já havia acumulado mais de dois bilhões de minutos de transmissões em todas as suas plataformas. Temos cada vez mais acesso a informações e conteúdos simbólicos por meio de fontes que extrapolam a interação face a face.

Diante desses exemplos e do nosso cotidiano, é indiscutível que a mídia possui destaque na produção e reprodução de sentidos na contemporaneidade. Sendo impossível negar que, ao lado de instituições como família, ciência, movimentos sociais, escola e igreja, os espaços midiáticos também se constituem como lugares de formação e circulação de sentidos (Fischer, 2002; Borges, 2008).

Não podemos ser ingênuos ao ponto de pensar que a mídia produz conteúdo e informações desinteressadas, pois a realidade é inversa. Thompson (1998, 2008) afirma que a mídia se constitui como um local de interação, com diversos interesses, posições e carreiras profissionais próprias. Cada organização midiática se preocupa em se autopromover e exercer algum poder simbólico. Apesar de a mídia ter surgido de forma separada do campo político, esta desenvolve relações intrincadas de poder.

Assim, para uma reflexão analítica adequada, Spink *et al.* (2014) lembram que é indispensável investigar por que a peça de publicação é pública, a quem ela é direcionada e o conteúdo que está público. Por exemplo, ao utilizarmos algum tipo de mídia, devemos refletir sobre quem são os leitores daquela mídia; o que a mídia ganha com essas publicações; quem controla e financia a produção daquele material; entre outras questões que envolvem o contexto de produção específico.

⁴ NBCUniversal é uma das maiores empresas de mídia e entretenimento do mundo, com foco na produção e comercialização de entretenimento, notícias e informações para uma audiência global.

Thompson (1998, 2008) adota uma perspectiva interacional da mídia. Ou seja, busca compreender as novas formas de interação social que envolvem o desenvolvimento e os avanços no campo midiático. As mídias comunicacionais levam a formas de interação que extrapolam o face a face para além das restrições espaciais e temporais, criando interações mediadas como as ligações telefônicas e cartas, que precisam de meios materiais para efetivar a interação. As interações mediadas, além dos aspectos de espaço e tempo, diferem-se da interação face a face por conter certa escassez de referências simbólicas. Na interação mediada é preciso escolher e determinar elementos simbólicos específicos que serão veiculados na interação.

Ainda segundo Thompson (1998, 2008), há também as interações quase mediadas, que são as trocas por meios de livros, jornais, rádios, programas de televisão, etc., que se diferem das interações mediadas, por possuírem um número indefinido de receptores e por ser predominantemente monológica; ou seja, o receptor não pode fornecer uma resposta direta e imediata ao conteúdo veiculado. Essas diferenças entre as interações, trazidas por Thompson (1998), estão listadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Diferenças entre as interações, segundo Thompson (1998)

Interação face a face	Interações mediadas	Interações quase mediadas
<ul style="list-style-type: none"> • Interações “ao vivo”, pessoalmente; • Necessidade dos interlocutores estarem no mesmo tempo e espaço; • Alta quantidade de referências simbólicas: expressão facial, tom de voz, postura, gestos, entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Necessitam de algum meio técnico para ocorrerem: telefone, carta, telegrama, etc; • É direcionada a outra pessoa em específico, que poderá estar separada no tempo e/ou espaço; • Baixa referência simbólica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação unilateral, não há possibilidade de troca imediata entre os interlocutores: rádio, televisão, livros, outdoor, entre outros; • Baixa referência simbólica, com elementos escolhidos e pensados previamente; • Possuem número e perfil de receptores indefinido, separados no tempo e espaço; • Vem se alterando devido o avanço nas comunicações digitais.

A mídia eletrônica e redes sociais, porém, vem transformando essas interações quase mediadas. Esse tipo de mídia permite que a informação e o conteúdo simbólico sejam transmitidos por longas distâncias com quase nenhum atraso. Diversos sites possuem atualizações de notícias de minuto em minuto ou transmissões ao vivo. Além disso, a mídia eletrônica amplia os referenciais simbólicos que a interação quase mediada restringia em relação à interação face a face. Permitem também um *feedback* quase que imediato por parte dos expectadores ao que se está veiculando nas interações quase mediadas:

O nascimento da internet e de outras tecnologias digitais amplificou a importância das novas formas de visibilidade criadas pela mídia e, ao mesmo tempo, tornou-as mais complexas. Elas aumentaram o fluxo de conteúdo audiovisual nas redes de comunicação e permitiram que um número maior de indivíduos criasse e disseminasse esse tipo de conteúdo. (Thompson, 2008, p. 23).

Esse novo contexto interacional vem obrigando os diversos meios de comunicação, que se utiliza de interações quase mediadas a adaptar-se e reestruturar-se. Atualmente, existe a possibilidade de conhecer rapidamente a opinião e o impacto do que se está veiculando, pedir a opinião do público, que deixam de ser meros expectadores, mas passam a ter maior capacidade de interagir com o conteúdo disponibilizado pelas mídias quase mediadas.

Para Fischer (2002) a mídia é um dispositivo pedagógico, participa ativamente de como nos constituímos enquanto sujeitos e na construção de nossas subjetividades ao produzir imagens e saberes que de alguma maneira nos mostram formas de ser e estar na nossa cultura e contexto, correspondendo a uma circulação e disputa política e econômica.

Essa mesma autora ressalta que a influência da mídia não é um movimento unilateral, mas uma constante relação entre sociedade/cultura e mídia. A mídia não só retrata formas de ser e estar, mas também se torna local para pensarmos como as diferenças são representadas,

enunciadas. O que é mostrado (ou não) na mídia pode nos levar a questionar “em que medida esses ‘outros’ ganham visibilidade como diferença a ser reconhecida socialmente?” (Fischer, 2002, p. 159), levantando indagações e análises de como visibilizamos (ou invisibilizamos) as diferenças e os(as) diferentes. Nesse sentido, Borges e Ribeiro (2014) afirmam que a mídia é responsável não só pela produção e reprodução de valores e sentidos, mas também introduz ao debate temáticas até então consideradas “tabus” para uma grande parte de pessoas. Sendo esse debate pautado por questões que envolvem relações de poder:

A mídia não é apenas um meio poderoso de criar e fazer circular conteúdo simbólicos, mas possui um poder transformador ainda pouco estudado – e, talvez ainda subestimado – de reestruturação dos espaços de interação, propiciando novas configurações aos esforços de produção de sentidos. (Spink & Medrado, 2013, p. 38).

Alguns posicionamentos acerca de peças jornalísticas ignoram essa relação entre visibilidade/invisibilidades, pois há certo pressuposto de que matérias de cunho jornalístico possuem neutralidade, que são um simples narrar dos fatos, com isenção de posicionamentos. Porém, como discutido anteriormente, nenhuma construção de conhecimentos e sentidos é isenta de interesse e legitimamente neutra:

[...] os meios de comunicação, e seus peritos, são como espécies de pontos de acesso por possibilitar que a sociedade construa vínculos, estabelecendo relações com os sistemas abstratos. O autor considera que as mídias, por meio de suas ações e dos seus “peritos”, é responsável por traduzir para os interlocutores conceitos e problemáticas que, parecendo distante, necessitam do trabalho mediador, como lugar que venha instituir elos de confiança e de segurança para as pessoas. Ao procurar o suporte de peritos, as mídias

tencionam conferir autorização e legitimação, reforçando ou não determinados argumentos, atuando como vozes de “autoridade”. (Borges & Ribeiro, 2014, P. 203).

Quando um(a) jornalista ou escritor(a) trás informações sobre uma atleta, constrói-se uma narrativa sobre essa pessoa. Ao optar enfatizar determinada informação o(a) jornalista ou escritor(a) silencia diversas outras opções de “verdades” que também poderia escolher narrar. Pensar esses aspectos é discutir e apontar como parte dos sentidos e repertórios acerca das mulheres atletas são construídos e circulam no cotidiano. Destacar a polissemia sobre as atletas nos meios de comunicação é questionar e discutir a legitimidade de ser atleta e mulher no nosso contexto histórico e cultural. Bem como interroga que mulher estão/estamos construindo nos meios de comunicação.

Ao adotar o construcionismo social e como perspectiva de produção de conhecimento, deve-se pensar como se relacionam os conhecimentos já existentes com o poder e a legitimidade conferida a esses conhecimentos. Tendo em vista que os vários discursos produzidos ocupam hierarquias diferentes e acabam por performar “realidades” que se tornam mais ou menos legítimas, o segundo capítulo tem por objetivo ampliar a compreensão acerca dos discursos e sentidos que envolvem as mais variadas construções sobre as mulheres atletas.

2. UM CAMPO EM DISPUTA: COMPREENDENDO AS DIVERSAS CONSTRUÇÕES ACERCA DAS MULHERES ATLETAS

Também as mulheres poderiam participar, se é que se considera necessário. Pessoalmente, não aprovo a participação de mulheres em competições públicas, o que não significa que se devam abster de praticar um grande número de esportes, com a condição de que não sejam um espetáculo. Seu papel nos Jogos Olímpicos deveria ser, essencialmente, como nos antigos torneios, o de coroar os vencedores.

Pierre de Coubertin

A fim de tentar apreender como ocorre a disputa de sentidos em torno das mulheres atletas e compreender como se dá a legitimação desses sentidos, inicio este capítulo traçando um panorama das discussões e produções mais recentes no campo acadêmico sobre as mulheres no contexto esportivo.

Em seguida, por me posicionar mais proximamente às teorias feministas e de gênero, enfatizo o percurso das mulheres no contexto esportivo à luz dos estudos de gênero e também demonstro quão importante foi (e é) os movimentos feministas para as mulheres terem a chance de se tornarem atletas, ou mesmo poderem praticar atividades físicas publicamente.

Após compreender as noções e relações entre mulheres e esportes com a lente de gênero e dos movimentos feministas, há a necessidade de questionar a marcação binária tão proeminente nos esportes: masculino *versus* feminino; mulher *versus* homem; sexo *versus* gênero e as constantes reafirmações dos estereótipos de gênero no contexto; para, então, problematizar os testes de sexo, bem como suspeitar da extrema legitimidade e poder dado aos discursos médico-científicos nesse contexto.

Por fim, como última etapa deste capítulo, na tentativa de reconhecer as construções acerca das mulheres atletas, destaco a cobertura esportiva e midiática sobre as atletas e como se estabelece a dinâmica da visibilidade e representatividade que vem sendo conferidas às

atletas. A ênfase recai nas concepções de gênero, feminilidades, sexos e sexualidade que têm sido narradas e circuladas no contexto da mídia, tanto tradicionais como digitais.

2.1. O discurso científico: um breve panorama das produções acadêmicas mais recentes sobre mulheres atletas

A ideia de estudar mulheres e o contexto esportivo com certeza não é inédita. Existe uma infinidade de trabalhos que abordam a temática das mais diferentes formas e com as mais variadas teorias, áreas do conhecimento e perspectivas. Cada um desses interesses demarca uma disputa de poder, uma tentativa de produzir sentidos acerca do assunto e torná-los mais legítimos do que outros conhecimentos.

O contexto esportivo é marcado por sua multidisciplinariedade. Não há somente uma área do conhecimento que discursa sobre o assunto, sendo praticamente inesgotável levantar todas as possibilidades de conhecimento que a humanidade já produziu e vem produzindo sobre os esportes. Temos os discursos médicos e biológicos, com estudos fisiológicos, nutricionais, hormonais e anatômicos. Há a perspectiva da psicologia tradicional e da saúde, com abordagens individuais de motivação, bem-estar, autopercepção, qualidade de vida, construção de identidade, autoestima, entre outros. Existem abordagens da própria Educação Física, que podem tratar da educação física escolar, ou estudos mais voltados para o esporte profissional, como rendimento, desempenho, qualidade de treinamentos etc. Além de conhecimentos das áreas de História, Sociologia e Psicologia Social.

Na busca de me situar nas mais recentes discussões acadêmicas sobre o assunto e demarcar as principais vozes e posicionamentos dentro da temática dos esportes, recorri a pesquisas dos bancos de dados da Capes⁵ e SciELO.⁶ Essa etapa se justifica para

⁵ “O Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da

posteriormente trazer essas produções para dialogar com o corpus de minha pesquisa, que são as reportagens selecionadas na mídia. Além disso, ao verificar o contexto de produção acadêmico, ressalto a importância e diferencial de minha abordagem e pesquisa.

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é compreender e discutir a construção das mulheres atletas numa abordagem feminista e de gênero, enfoquei os estudos que estavam mais sintonizados com os objetivos da minha pesquisa. Assim, como critério de inclusão adotei todos os estudos encontrados nas buscas que tinham mídia e mulheres atletas como enfoque, mesmo que fossem somente estudos quantitativos. Além desse critério, selecionei os estudos que possuíam nas palavras-chaves pelo menos dois dos seguintes termos (em inglês ou português): mulher(es), olimpíadas, gênero(s), esportes e feminismo(s). Registrei também todos os estudos que discutiam a política de verificação de sexo das atletas, tanto com enfoque mais biomédico quanto sociológico.

Excluí na busca os artigos que possuíam uma análise mais individual ou voltada para saúde, como estudos sobre a influência do esporte para a qualidade de vida, autoestima, motivação, autoimagem, rendimento e desempenho de atletas. Também não registrei artigos de educação física escolar ou prática de atividade física, como lazer, nem relevei estudos com abordagens médicas, biológicas, fisiológicas, anatômicas, nutricionais e de psicologia clínica

produção científica internacional. Ele conta com um acervo de mais de 38 mil títulos com texto completo, 123 bases referenciais, 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual.” Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 06/11/2016.

⁶ A Rede SciELO é o resultado de um programa de acesso aberto de cooperação internacional em comunicação acadêmica. [...] [É] uma implementação do Programa SciELO, liderado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), e tem como objetivo melhorar a qualidade e o impacto dos periódicos que indexa e das pesquisas que divulga. Disponível em: <<http://www.scielo.org>>. Acesso em: 06/11/2016.

(percepção corporal, aplicação de testes psicométricos, influência dos esportes em massa corporal e densidade óssea ou no sistema cardiovascular, lesões, desordens alimentares etc.).

Foram excluídas também produções de administração, como estudos de fidelidade em academia. Além disso, descartei estudos sobre as olimpíadas de inverno, paralimpíadas e que focalizavam exclusivamente discussões sobre masculinidades. Além de não contabilizar produções que relacionavam mulheres e olimpíadas vinculadas a outros assuntos, como o turismo sexual. Também descartei estudos que comparavam homens e mulheres, apenas como diferenciação amostral.

Nos periódicos Capes a maioria das produções é de língua inglesa. Assim, para a pesquisa utilizei três combinações de descritores nesse idioma: “*gender + olympics*”, “*women + olympics*” e “*women + athletes*”.⁷ A busca para os termos em português foi somente “gênero + esportes”. Também foram feitas buscas em português com as palavras “mulheres + olimpíadas” ou “gênero + olimpíadas”, mas sem resultados. Além disso, tendo em vista a vasta produção na temática de mulheres e esportes, e com a intenção de me situar nas discussões mais recentes, restringi a busca no site da Capes para os últimos cinco anos (2011-2016). Já no site da SciELO não restringi limite de tempo, pois essa base de dados possui categorias próprias para a seleção dos trabalhos acadêmicos, tornando-se uma base de dados menor e mais local. Nesta, encontrei resultados somente em português e espanhol e utilizei somente os descritores “*gender + sports*”, pois ao realizar a busca com outros termos não obtive resultados.

Em um primeiro momento, antes de aplicar os critérios de inclusão/exclusão, havia ao todo 917 artigos nos períodos da Capes e 148 publicações na SciELO. Após a triagem mais

⁷ Tradução para o português dos descritores, respectivamente: “gênero + olimpíadas”, “mulheres + olimpíadas” e “mulheres + atletas”.

detalhada, contabilizei ao todo 42 artigos, aos quais voltei minha atenção para uma análise mais detalhada.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o fato de a temática dos esportes ainda ser marcada pelos discursos das áreas biomédicas e estudos com abordagens mais individuais. Tal constatação se confirmou quando comparei o número inicial de artigos que abordavam essa temática com a quantidade que efetivamente restou ao final dos critérios de inclusão/exclusão. A maioria dos estudos identificados ainda se pauta na quantificação e empirismo, destacando as diferenças individuais para explicar os contrastes entre homens e mulheres, não abordando relações culturais, históricas e/ou sociais (Devide, 2005).

Outro aspecto a ser destacado é que a língua inglesa é a que possui maior número de produções, contabilizando 31 estudos. Em português registrei dez estudos e em espanhol apenas um. Os anos com mais produções ficam entre 2012 (dez estudos), 2013 (sete estudos) e 2014 (nove estudos). O fato de o ano de 2012 ter sido ano de ocorrência das Olimpíadas pode justificar esse aumento de interesse no assunto no período específico.

No que tange à temática central de cada estudo, encontrei sete temáticas. A seguir descrevo brevemente as principais abordagens presentes em cada temática:

- a) **Mídia e atletas (22 estudos).** A maioria das publicações é na área de comunicação social (14), seguido pela Psicologia (cinco) e Sociologia (três). As teorias feministas e estudos de gênero são destaque em cinco dessas publicações enquanto três delas utilizam teorias de objetificação, teoria que analisa e discute como uma pessoa é tratada ou transformada em objeto. Um estudo pauta-se na noção de microagressão nas representações da mídia. Os demais abordam e comparam a representatividade das mulheres atletas nas diversas mídias, com estudos comparativos e quantitativos. Dentre os tipos de mídias estudados registrei seis estudos que utilizam jornais impressos para análises, 4 com cobertura televisionada, três recorrem a jornais

digitais, três fazem revisão de literatura, dois utilizam fotografias e dois enfocam publicações em revistas. Apenas um estudo aborda mídias sociais, mais especificamente o microblog *Twitter*, e um faz entrevista com os fotógrafos acerca das suas coberturas esportivas das atletas mulheres.

- b) Política de verificação de sexo (nove estudos).** Nessa temática a maioria dos estudos é da área biomédica (quatro estudos), porém três deles utilizam a própria ciência médica para questionar a legitimidade do uso dos testes de verificação de sexo, argumentando sobre ética, responsabilidade médica e incongruências nessa política. O outro estudo biomédico defende a alternativa de um parâmetro endócrino para definir o que separaria homens e mulheres nas competições esportivas, utilizando como critério objetivo o índice de hormônio testosterona circulante no(a) atleta. Há dois estudos que se posicionam na perspectiva dos estudos de gênero e estudos feministas sobre a temática. Dois estudos abordam a relação do “jogo limpo” ou “*fair play*”⁸ com os testes de verificação de sexo, um na área do direito e outro na sociologia. E um estudo em Psicologia que enfatiza como esses testes impactam o emocional e vida das atletas.
- c) Feminismos e esportes (quatro estudos).** Um utiliza a noção de empoderamento, analisando como o empoderamento individual das mulheres se relaciona com as conquistas esportivas internacionais das atletas; o segundo estudo aborda como a terceira onda do feminismo impacta os esportes, dando destaque à prática do *roller derby*; o terceiro estudo faz uso do *standpoint* feminista, discutindo como esta perspectiva pode contribuir com autonomia política para as mulheres nos esportes. E o

⁸ *Fair Play* pauta-se em respeitar as normas e regras sem utilizar meios ilícitos ou de má-fé para benefício próprio.

último faz uma análise do panorama geral das mulheres e o contexto esportivo, por meio de revisão da literatura, utilizando a noção de papéis de gênero.

- d) Corporalidades (três estudos).** As publicações que tratam de corporalidades são de autoria brasileira e se pautam nos estudos culturais e epistemologias feministas, discutindo como se dá a relação entre esportes e a construção das corporalidades de mulheres atletas.
- e) Gênero como categoria de análise no contexto dos esportes (dois estudos).** Um é nacional e o outro, estadunidense. Ambos realizam uma análise histórica para discutir como gênero ganhou *status* de categoria analítica no contexto dos esportes.
- f) Raça e gênero (um estudo).** O único estudo que aborda raça é do Rio de Janeiro e realiza análise de narrativas orais das experiências e vivências de duas atletas negras no contexto da ditadura militar no Brasil. Além disso, também pauta-se nos estudos de gênero.
- g) Sexualidade e esportes (um estudo).** A pesquisa realizada nos Estados Unidos discute a construção e reprodução do mito da atleta lésbica a partir dos estudos feministas e pós-estruturalistas.

Diante desse panorama geral é possível perceber que a relação entre cobertura esportiva e as mulheres atletas é assunto de maior interesse no meio acadêmico. Talvez por possibilitar uma leitura mais ampla das relações de gênero, partindo do pressuposto de como a mídia dá visibilidade a algumas narrativas e sentidos e ao mesmo tempo invisibiliza outras, o que dá brechas para discussões acadêmicas sobre representatividade, relações de poder, desigualdade de gênero, feminilidades, binarismos, relações entre sexos/gêneros/sexualidades, entre outras questões.

É possível destacar também que as mídias impressas ainda são a principal fonte das pesquisas, o que sugere a importância de se desenvolver estudos que utilizem as novas mídias

e as mídias sociais. E percebe-se também uma carência de publicação de estudos brasileiros que relacionem mídia e as atletas mulheres, pois dentre os resultados encontrados apenas quatro dos 22 estudos são de autoria brasileira.

Os estudos nas epistemologias feministas e de gênero têm cada vez mais conquistado espaço no meio acadêmico e no contexto dos esportes, independentemente da temática e da área de estudo. E nos últimos cinco anos não há registro de estudos que se pautem no Construcionismo Social. Sendo a junção dessas perspectivas, construcionismo social e epistemologias feministas e de gênero, uma diferenciação importante da minha abordagem em relação às produções levantadas.

2.2. Mulheres e esportes: discutindo as noções de feminilidade(s)

Citius, Altius, Fortius.
Mais rápido, mais alto e mais forte.
(Lema do Comitê Internacional)

O exercício da prática esportiva pelas mulheres e a existência e persistência de atletas profissionais mulheres questiona o estereótipo feminino. Isso porque a sociedade, o senso comum, não se espera que mulheres sejam rápidas, nem altas, nem as mais fortes. Muito pelo contrário. As mulheres, de forma geral, são ensinadas desde que nascem a serem frágeis e dóceis. Devemos ser as tradicionais princesas e donzelas em perigo.

Nesse sentido, podemos pensar que as atletas não podem ser consideradas mulheres, propriamente, ou que a visão sobre o que é feminino está amplamente equivocada e restrita. Segundo Nogueira (2001, p. 108), as diferenças entre homens e mulheres são invenções das sociedades humanas, cujo objetivo é construir arranjos sociais que modelam e disciplinam o olhar sobre o mundo: “houve sempre, ao longo dos tempos, grande quantidade de discursos, teorias, visões acerca da mulher, essencialmente associados à sua capacidade de reprodução”.

Para Amâncio (1998), o feminino no ocidente está vinculado aos traços de submissão, expressividade dos sentimentos e funções familiares. Além de uma imagem associada à insegurança, à passividade e à emotividade. Guzzi (2010) e Nicolson (1996) ainda acrescentam que, para ser mulher, a feminilidade é uma exigência, e o processo de socialização busca prepará-la à maternidade, aos cuidados com a aparência física, à dependência e à falta de assertividade.

Em contrapartida, o estereótipo masculino seria constituído por independência, segurança, objetividade, coragem, entre outros. Estes traços são considerados mais positivos e desejados socialmente para a vida adulta. Por meio de tais características, a ideia é de que a mulher deveria cuidar da vida privada enquanto o homem deveria ocupar os espaços públicos. Havendo aqui uma tensão entre o que deve ser visto e o que deve ser escondido.

Na Grécia, berço dos jogos Olímpicos, era justamente a tensão entre o público e o privado que impediam as mulheres de competir. Mesmo tendo corpos considerados aptos para a prática esportiva, somente os homens possuíam *status* de cidadãos e, assim, somente eles poderiam executar atividades públicas, como as guerras ou competições esportivas. Às mulheres era reservado o espaço doméstico, no qual poderiam desempenhar o papel de mães dos cidadãos (Rubio & Simões, 1999).

Essa construção ainda ecoa nas sociedades ocidentais contemporâneas e é gradualmente apreendida e naturalizada. Diante desse controle do corpo feminino, voltado para a família e a reprodução, as mulheres na contemporaneidade não são autorizadas a praticar esportes que resistem à função social de reprodução e de cuidados familiares. E quando autorizadas à prática esportiva, esta deveria ser feita somente por mulheres solteiras e jovens, a fim de auxiliar e preparar para a futura função maternal (Adelman, 2003).

Dowling (2001) discute como as mulheres crescem em ambientes que apontam o tempo todo como são mais fracas fisicamente em relação aos homens; e, assim, naturaliza-se

que as mulheres possuem uma capacidade física subdesenvolvida. Dessa forma, não se explora as potencialidades físicas do corpo das mulheres, prejudicando também o conhecimento corporal como um todo.

A construção histórico-social de feminilidade, baseado na fragilidade física, dificulta que as mulheres tenham a mesma oportunidade de se desenvolver fisicamente que os homens, afirma Dowling (2001). A feminilidade construída nas características de fragilidade, do cuidar, da beleza, é ensinada desde antes do nascimento, fazendo com que as próprias mulheres aprendam a não querer tais aptidões físicas, por medo de se masculinizarem.

Ainda segundo Dowling (2001), esse processo é definido como “fraqueza aprendida”. E essa noção acaba por afastar muitas mulheres das práticas esportivas, já que padrões corporais aptos ao esporte distanciariam as mulheres do que é socialmente esperado para elas. Mas se existe uma fraqueza aprendida, ela pode ser questionada ou desaprendida. Não deve ser vista como natural. É possível destacar como essa divisão entre comportamentos e características entre homens e mulheres pautou-se em uma suposta natureza biológica, em uma divisão e na noção de papéis sexuais.

Valcárcel (1991) questiona o uso de argumentos pautados nas diferenças, que são utilizados como mera explicação do mundo. Segundo a filósofa, esses argumentos essencializam as construções das hierarquias entre homens e mulheres, não conferindo nenhuma ameaça a essa ordem de poder. Reafirmar essas construções é uma forma de “garantir” que as mulheres (cuidadoras, procriadoras, maternais etc.) continuem “sendo mulheres”. Ezzell (2009) cita vários estudos com mulheres atletas com o objetivo de amenizar essa relação hegemônica entre esporte e masculinidade: as mulheres buscam feminilizar os esportes investindo em moda, ornamentações, postura e penteados tradicionalmente associados com a imagem convencional de feminino.

A lógica do estereótipo feminino é recriada nos esportes, espaço no qual, na maioria das vezes, não se questiona a suposta inferioridade das mulheres. Por mais que as mulheres pratiquem e compitam nas mais diversas modalidades esportivas, não há uma ameaça à suposta superioridade masculina, pois as mulheres competem entre si, muitas vezes com regras diferentes das modalidades masculinas, não há um embate direto.

Finley (2010) afirma que nos esportes as regras e estruturas são muitas vezes alteradas nas competições femininas, buscando reafirmar essa suposta inferioridade física das mulheres. Existem diversos exemplos, mas para ser breve citarei apenas dois: o baseball em competições oficiais é para homens, enquanto o softball é uma versão do baseball criada para a prática das mulheres; na ginástica, as provas no cavalo com alças são para homens e a ginástica rítmica somente para as mulheres.

Finley (2010) corrobora Valcárcel (1991) ao apontar como a cultura dos esportes acaba naturalizando a dominação existente dos homens e as categorias femininas dos esportes, por serem adaptadas e diferentes, acabam não desafiando as relações de gênero hegemônicas e muitas vezes confirmam e naturalizam a inferioridade e inaptidão física das mulheres.

Messner e Sabo (1990) ainda afirmam que na maioria das vezes a versão masculina do esporte é vista como “verdadeira”, e, portanto, os esportes femininos tornam-se limitados e inferiorizados em relação à versão masculina. E se são considerados ilegítimos, mulheres atletas acabam não sendo levadas a sério, tendo mais dificuldade para conseguir patrocínio, profissionalização e oportunidades de se envolverem com modalidades esportivas. Desde a industrialização, os principais esportes de desempenho têm sido privilegiados para a construção e legitimação de uma masculinidade normativa (Messner & Sabo, 1990).

As regras para as mulheres e os homens atletas são diferentes, com a justificativa de que os corpos e os comportamentos são diferentes, marcados por uma diferença naturalizada. Assim, o poder de um é o não poder do outro (Valcárcel, 1991). Portanto, esse jogo de

hierarquias e permissões leva a concluir que as diferenças nas regras esportivas entre modalidades masculinas e femininas cria uma teia de hierarquia, o que torna as mulheres atletas diferentes das mulheres não atletas. Porém, aquelas estão mais próximas da igualdade com os homens não atletas, mas ainda inferiores aos homens atletas.

Essa concepção de que a prática esportiva acaba por masculinizar as mulheres parte de um pressuposto essencialista e binário dos gêneros. Como se a prática, mesmo que autorizada, não devesse ultrapassar certos limites construídos culturalmente e moldados por suas configurações biológicas (Goellner, 2001). Assim, a categoria gênero se torna indispensável para desconstruir as naturalizações tão marcadas no contexto esportivo.

Para Goellner (2001), essa categoria permite pensar como os corpos, os gestos, as representações que possuímos de saúde, beleza, performance e até sexualidade são construídas de acordo com os tempos, contextos e culturas, e são dessa mesma forma associadas a homens e/ou mulheres, produzindo a(s) concepção(ões) de masculinidade(s) e feminilidade(s). E para além de simples definições e diferenciações, nos permite pensar como essas diferenças se constituem como hierarquias.

Ao mesmo tempo que os esportes serviam (e servem) ao propósito de educar e criar corpos dóceis, e muitas vezes manter a ordem social pré-estabelecida, também possibilitam questionar esses padrões, sendo um meio de colocar em dúvida os discursos essencializados em relação ao “ser mulher”. Possibilitando ampliar os limites do que as mulheres eram (são) ou não autorizadas a fazer em público (Adelman, 2003).

Deve-se considerar também que as mulheres passaram a ter acesso à prática esportiva amadora só na modernidade como forma de buscar preparar o corpo, torná-lo forte e saudável, para a maternidade. Pautando-se em preceitos higienistas. Mesmo que de forma restrita e controlada, o acesso de mulheres a práticas esportivas deram margem para o aparecimento de contradições em relação ao “ser mulher” e a essa biologia. Ao abrir o espaço público para

presença feminina, abre-se espaço para questionar a construção privada e maternal do ser mulher. Práticas esportivas que desafiavam a visão tradicional de comportamentos femininos, principalmente nos EUA e Europa, formaram ao longo do tempo posicionamentos diferentes acerca das mulheres (Adelman, 2003):

A habilidade esportiva dificilmente se compatibilizava com a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal; de fato, o esporte oferecia a possibilidade de tornar igualitárias as relações entre os sexos. O esporte, ao minimizar as diferenças socialmente construídas entre os sexos, revelava o caráter tênue das bases biológicas de tais diferenças; portanto, constituía uma ameaça séria ao mito da fragilidade feminina. (Adelman, 2003, p. 448).

Com um argumento diferente, Rubio e Simões (1999) afirmam que as mulheres sempre estiveram presentes no contexto das atividades físicas e dos esportes, em maior ou menor grau, mesmo que a história tradicional negue essa afirmação. Assim, devemos lembrar que a maioria dos registros históricos é majoritariamente sob o ponto de vista de homens, o que justificaria esse apagamento das atuações das mulheres na cultura esportiva.

No livro *Gênero e mulheres no esporte*, Devidé (2005) recapitula historicamente a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos. Pierre de Coubertin, ao fundar os Jogos Olímpicos modernos, pregava a ideia de que deveriam seguir os moldes dos jogos Olímpicos Clássicos. Neste, somente os homens participavam, e as mulheres tinham a função apenas de coroar os vencedores. Essa restrição se pautava no ideal dos papéis tradicionais vinculados ao masculino e feminino. As Olimpíadas Modernas tiveram sua primeira competição na Grécia em 1896, mas apenas os homens puderam participar da competição. Não era permitido a qualquer mulher competir, nem aos negros.

As mulheres competiram pela primeira vez nos Jogos Olímpicos somente na segunda edição, em 1900, em Paris. Mesmo assim, a porcentagem de mulheres atletas era de apenas 2%, ou seja, por volta de 23 mulheres. Os registros da época são escassos, mas a estreia das mulheres aconteceu nas seguintes modalidades: tênis (sete atletas); no golfe (dez atletas); hipismo (duas atletas); vela (uma atleta); e croqué (três atletas). Há posicionamentos de que as mulheres só puderam competir por desorganização do Comitê Olímpico Internacional (COI). As modalidades permitidas eram somente as que não possuíam contato físico e eram consideradas belas esteticamente para o desempenho feminino (Rúbio & Simões, 1999).

Somente em 1919 que ocorreu a oficialização da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos pelo COI, após o fim da I Guerra Mundial. Entretanto, somente a natação e o tênis eram reconhecidos como modalidades femininas. O atletismo não havia sido reconhecido como esporte para mulheres, e a Federação Internacional de Atletismo Amador não apoiou as mulheres. Entretanto, em todas as Olimpíadas pequenas brechas se abriam, permitindo aos poucos a inserção das mulheres nesse contexto.

No Brasil, as mulheres só tiveram acesso à prática esportiva de forma mais livre a partir de 1979. A legislação antes dessa data, que proibia a prática de alguns esportes por mulheres utilizava, até então, o argumento de que os esportes comprometiam a feminilidade e capacidade maternal. Após revogação dessa lei, as mulheres brasileiras puderam oficialmente praticar esportes que não eram categorizados como femininos, uma conquista que possui apenas 36 anos:

às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua Natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as Necessárias instruções às entidades desportivas do país (Brasil, 1941)

O documentário, “Mulheres Olímpicas⁹”, dirigido por Laís Bodansky, resgata a memória do Esporte Olímpico feminino brasileiro. Trás depoimentos das atletas antigas e atuais, imagens e alguns marcos nesse percurso. A primeira brasileira a competir em uma Olimpíada foi Maria Lenk, na natação, em 1932. Mas a primeira medalha em uma modalidade feminina ocorreu somente 64 anos depois, em 1996, no vôlei de praia, com a dupla Jacqueline e Sandra. No mesmo evento, posteriormente as atletas brasileiras conseguiram medalha de prata no vôlei de praia e no basquete, e de bronze no vôlei de quadra.

Aida dos Santos, corredora, foi à única mulher brasileira a participar das Olimpíadas de Tóquio em 1964: “Eu não tinha técnico, nem dirigente e nem sapato de pregos para treinar (muito menos para competir)...”. A equipe feminina de vôlei competiu a primeira vez em 1980. Jacqueline, ex-atleta do vôlei, no documentário relata que os patrocinadores começaram a investir na seleção em 1984, autorizaram fabricação de camisetas da seleção e outros materiais de divulgação, entretanto somente a seleção masculina recebia porcentagem nos valores das vendas desses materiais. No boxe, Adriana Araújo quebrou um jejum de 44 anos de medalha na modalidade, a anterior havia sido masculina, em 1968.

As Figuras 1 e 2 mostram como que, quantitativamente, em cada Olimpíadas o número de atletas mulheres competindo oficialmente só aumenta, sendo que a curva se amplia a partir dos anos 1970. Essa ampliação na participação das Olimpíadas e o acesso das mulheres aos contextos mais públicos, fora do ambiente doméstico, como trabalho e esportes, faz parte de um contexto maior de mudanças políticas e sociais que ocorreram na primeira metade do século XX. Porém, foi a partir das décadas de 1950 e 1960 que as mulheres passaram a se aproximar com mais propriedade dos esportes competitivos (Rúbio & Simião, 1992),

⁹ Disponível em < <http://espnw.espn.uol.com.br/cinema-mulheres-olimpicas-assista-ao-documentario-na-integra/>>. Acessado em: 31/10/2016

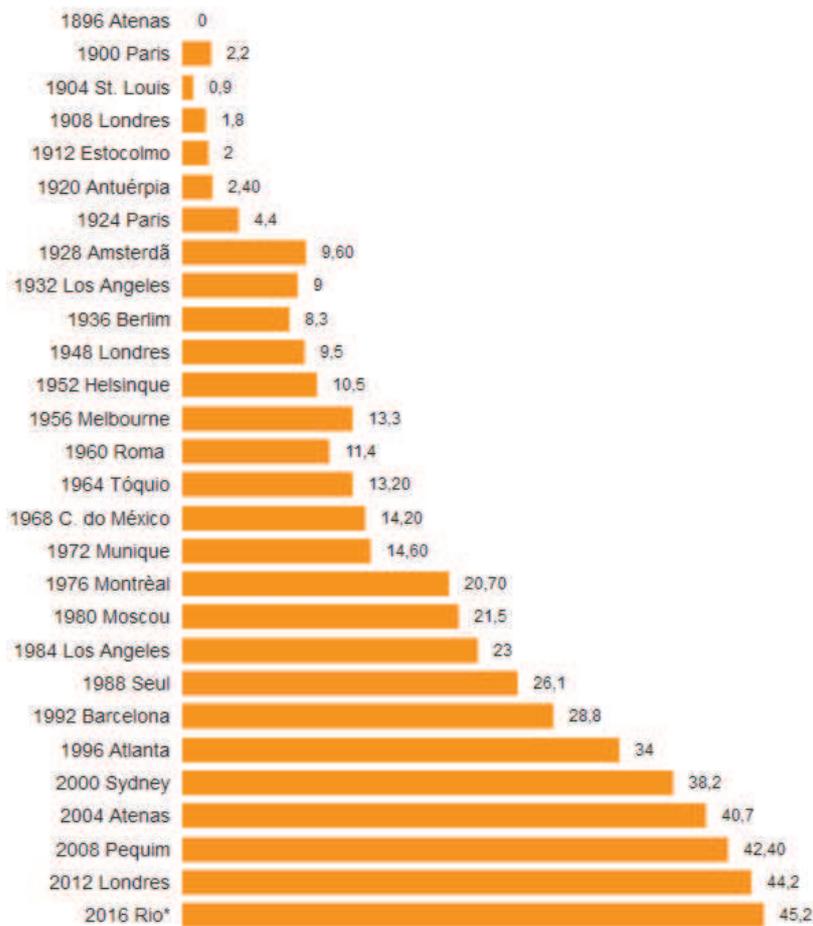


Figura 1: Porcentagem de mulheres atletas em todas as Olimpíadas Modernas.

Fonte: *Folha de São Paulo*

De fato, os movimentos feministas e a demanda crescente das mulheres no mercado de trabalho são fatores que impulsionaram a saída das mulheres dos espaços privados para os diversos espaços públicos, aumentando a presença das mulheres também nos esportes, competitivos ou não. À medida que as mulheres começaram a sair dos espaços privados e a ocupar espaços públicos, aumentaram as forças das reivindicações para serem consideradas cidadãs. O movimento sufragista, que se iniciou em Nova York, em 1912, tornou-se um marco na história da reivindicação de direitos de igualdades entre homens e mulheres. As sufragistas lutavam para que o direito ao voto fosse concedido às mulheres (Miragaya, 2002).

Goellner (2012) destaca a importância dos movimentos feministas ao questionar ‘mulher’ como categoria identitária, única e pautada em uma ‘essência feminina’, que ao

propor um caráter relacional entre os sexos, não mais enfatizando questões físicas e biológicas, mas discutindo essas construções como sociais:

Ao desconstruírem a representação naturalizada de que homens e mulheres formam-se masculinos e femininos devido às diferenças corporais, sendo que as mesmas justificam determinadas desigualdades, atribuem funções sociais e determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo, os estudos feministas e de gênero possibilitaram outros pontos de vista sobre o esporte. Permitiram, por exemplo, identificar que os corpos, as gestualidades, as representações de saúde, beleza e desempenho são construções históricas, as quais, em diferentes tempos e culturas, foram associadas aos homens e/ou às mulheres. Tornaram visíveis os processos generificadores constituintes do esporte, ao ressaltarem que são produzidos e reproduzidos nele masculinidades e feminilidades e que estas são sempre históricas, mutantes e provisórias. (Goellner, 2012, p.48)

Devido as grandes guerras e como reflexo da Revolução Industrial e Francesa as mulheres passaram a ocupar espaços que até então eram destinado exclusivamente aos homens, como operárias em fábricas, chefes de família. Entretanto, com o fim das guerras e o retorno da população masculina a vida cotidiana, foi cobrado das mulheres que as mesmas retornassem as suas funções anteriores. Gerando conflitos e uma busca mais marcante das mulheres para estarem onde desejassem (Macêdo, 2003).

O mesmo ocorreu com alguns esportes. O futebol, por exemplo, era muito popular na Europa. Com o início da Primeira Guerra Mundial as mulheres passaram a ocupar os espaços nos estádios que até então eram destinado aos homens, como jogadoras, torcedoras e até

equipe técnica. Porém, com o fim das guerras, elas perderam grande parte desse espaço que estavam ocupando (Elias & Dunning, 1996).

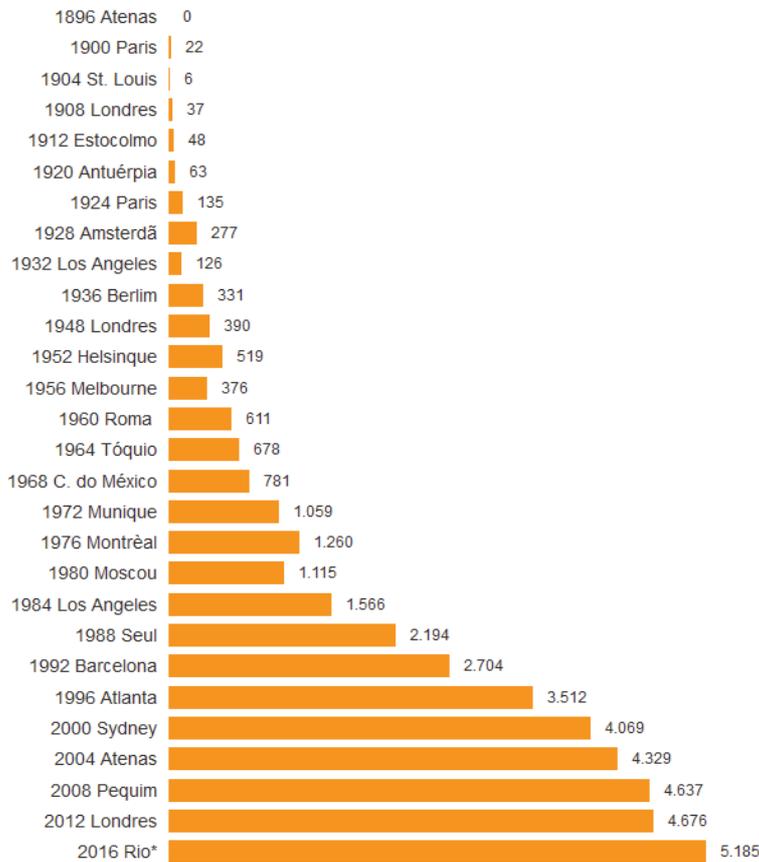


Figura 2: Quantitativo de mulheres atletas em todas as Olimpíadas Modernas.
Fonte: *Folha de São Paulo*

Também possui papel de destaque na ocupação dos espaços por parte das mulheres e da ressignificação corporal o surgimento da pílula anticoncepcional e de técnicas de reprodução assistida, na segunda metade do século XX (Bruschini, 2007). Um maior controle sobre períodos de fertilidade e menstruais, contribuíram para que as mulheres pudessem praticar atividades físicas de maneira mais autônoma. Esse é um fator de destaque, na atualidade criou-se uma especialidade médica chamada ginecologia esportiva. Ramo que trabalha junto as atletas na busca de controlar seus ciclos reprodutivos e aspectos biológicos e hormonais buscando otimizar o desempenho esportivo de acordo com o perfil da atleta. Por exemplo, em entrevista a judoca Sara Menezes afirmou que prefere lutar menstruada e trabalha junto da sua ginecologista para alinhar sua menstruação as competições. Assim, aspectos biológicos que anteriormente poderiam ser considerados como desvantagens para as

mulheres estão sendo ressignificados e podem passar a ser algo a favor do desempenho esportivo das mesmas.

Além disso, os métodos contraceptivos hormonais facilitaram uma desvinculação da sexualidade com a reprodução. Dando um pouco mais de liberdade as mulheres heterossexuais para escolher terem filhos ou não, abrindo possibilidade para planos a longo prazo que não envolvessem a estrutura tradicional familiar (Bruschini, 2007).

O percurso das mulheres nos esportes foi (e é) marcado por hierarquias, lutas e dificuldades. O que demonstra que apesar das condições e dificuldades de acessos das mulheres aos esportes, esse contexto vem tornando-se também um espaço de fortalecimento de sujeitos mulheres e o descentramento da dominância masculina.

2.3. Identidades corporificadas: o(s) sexo(s) do(s) corpo(s)

Meu amigo, nós não estamos aqui para falar sobre especulações. Hoje é um dia para se falar sobre a nossa performance.

Eu acho que [ser exemplo] é sobre amar um ao outro e não sobre discriminar como as pessoas se parecem ou soam. Você pensa sobre performance, e não sobre como seu oponente parece. É para todo mundo ir lá e se divertir, ver o quanto vai conseguir atingir.

Caster Semeya

Caster Semeya é uma atleta maratonista, negra e da província de Limpopo, no interior da África do Sul. Para além disso, ela é a atual pivô das polêmicas sobre os testes de gênero nas competições. No ano de 2009, a atleta foi campeã do Mundial de Atletismo de Berlim e acusada de ter hiperandrogenismo, um distúrbio endócrino que a faz produzir hormônios, como a testosterona, em grande quantidade. Essa quantidade de hormônios é maior do que as mulheres devem produzir, segundo as ciências biológicas. Embora não confirmado, após a polêmica, a sul-africana passou a ser tratada como intersexual, nome dado à pessoa que possui

variações genéticas que não permitem identificá-la totalmente no que a tradição chama de sexo macho ou sexo fêmea.

Casos como o da Caster Semeya não são novos nos esportes. A tentativa de diferenciação entre homens e mulheres nos esportes é um exemplo empírico da dificuldade de definir e separação entre os sexos (e gêneros), pois essa separação muda de acordo com o contexto e ainda não existe uma definição clara do que nos divide em homens e mulheres. As diferenciações pautadas em nível hormonal, tipagem genética ou fenótipo ainda são opções exclusivamente pautadas no biológicos. Entretanto há posicionamentos e pesquisas que propõe alternativas e questionam essa diferenciação exclusivamente biológica. Nosso corpo é a matriz para o discurso biológico. Por isso, ao discutir gênero e esportes há demanda de pensarmos o corpo e o lugar que este ocupa nas práticas corporais. O corpo é o meio material pelo qual as práticas esportivas acontecem. Para além disso, o corpo nos aproxima e nos diferencia; é o limite físico entre nós e o mundo; é o espaço no qual performamos nossas identidades e operamos no mundo. Algo que pode parecer simples à primeira vista, mas está envolto em diversas tramas de discursos que criam, recriam e hierarquizam o corpo a todo instante.

Le Breton (2013, p. 11), por exemplo, afirma que o corpo é fator de individuação: “Em nossas sociedades ocidentais, o corpo é, portanto, signo do indivíduo, o lugar de sua diferença, de sua distinção; e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, está frequentemente dissociado dele”. O corpo torna-se, em nossa sociedade, fator integrante da nossa identidade. Silva (2000, p. 1) afirma que ao se discutir identidade se discute também a diferença. Identidade é entendida como “aquilo que se é”, portanto, ao se firmar o que somos, estamos também afirmando o que não somos. Assim a identidade e a diferença, são autocontidas e autossuficientes. Porém, a identidade se torna “a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença”, ou aquilo que não se é.

Ainda segundo Silva (2000), a relação entre a identidade e a diferença é marcada por questões de poder. A identidade é o que existe, o que é visível, o que é identificado como modelo, é o que inclui. A diferença é o não visto, é o que se exclui. Assim, divide-se o mundo entre o “nós” (a identidade) e “eles” (a diferença). Essa separação gera uma classificação, feita a partir da identidade. E classificar significa ter “o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados”, hierarquizando os grupos (Silva, 2000, p. 3).

Como fator central de nossa identidade, o corpo está imbricado nas relações de poder entre identidade e diferença. Assim como a identidade (e a diferença) é construída pela linguagem, não possuindo valor absoluto, é instável e se modifica (Silva, 2000). A noção de corpo também é simbólico e traduz concepções de determinados contextos (Le Breton, 2013). Portanto a noção de corpo, e a identidade vinculada a ele, necessariamente é uma construção simbólica e cultural. A experiência do corpo torna-se cultural e específica de cada sociedade.

Tanto é que a linguagem e o vocabulário anatômico, comum em nossa sociedade, não encontram referências no mundo. São convenções linguísticas que definem, classificam e criam nossos corpos, ressaltando como as sociedades ocidentais separam e individualizam os corpos do mundo social (Le Breton, 2013). A identidade que se manifesta nos corpos os hierarquiza de acordo com suas diferenças, tanto anatômicas como simbólicas. Criando também identidades corporais modelos e hegemônicas, ressaltando quais diferenças corporais devem inexistir e quais devem calar-se.

Na modernidade tardia as identidades tornam-se voláteis e instáveis, e o corpo encontra-se no centro dessa construção identitária (Hall, 2005). Ao mesmo tempo que as pessoas assimilam e apropriam-se dos valores, normas e costumes sociais por meio dos seus corpos, estes se tornam também meio para questionar essas práticas instituídas e hegemônicas. Assim, o corpo é tanto meio de diferenciar-se como meio de identificar-se, tendo sua construção localizada nas práticas sociais e discursivas do dia a dia.

Vale lembrar, nesse caso, de algumas práticas às quais as pessoas se submetem, como cirurgias plásticas, *body building* (cultura da malhação), *body art e body modification* (tatuagens, piercings e marcas corporais de diversos tipos). Algumas dessas práticas são consideradas exóticas, ao passo que outras técnicas são legitimadas pelo saber científico e acabam sendo adotadas por um número cada vez maior de pessoas, que buscam aparências idealizadas e uma identidade corporal legitimada (Goldemberg & Ramos, 2002). O poder dessa classificação e hierarquização corporal nos leva a um controle do corpo, colocando-o como central. Assim, a exposição do corpo em nossos dias exige controle tanto de aspectos biológicos como de sua aparência física (Goldemberg & Ramos, 2002).

Laurentis (1994) nomeia como tecnologias de gênero as diversas formas existentes de moldar o corpo aos gêneros, e Foucault (1994) discorre amplamente sobre as diversas formas de controle social dos corpos, abordando o conceito de corpo disciplinado. Nesse sentido, Foucault discute e problematiza como dispositivos como a escola, os hospitais e as prisões criam e disciplinam os corpos. E os esportes enquadram-se também como um desses dispositivos. Esses mesmos dispositivos também são considerados como tecnologias de gênero.

Os esportes, então, acabam por também reproduzir a lógica da adestração dos corpos e das tecnologias de gênero. Os corpos sexuados são definidos como masculinos ou femininos, e assim também é no desporto. A própria concepção de gênero, então, é corpórea.

Adelman (2003) enfatiza que as construções identitárias e corporais de gênero são fluidas, mas que só reconhecemos o corpo “generificado”. O corpo atrela-se à identidade de gênero e a molda ao mesmo tempo que este também é encaixado nas noções de feminilidades e masculinidades que o circundam. Assim, ao nascer com o sexo feminino (corpo), a criança já sai da maternidade com orelhas furadas e roupas cor-de-rosa com lacinhos (concepção de feminino). Sendo aspectos que se inter-relacionam e se autoconstituem.

Entretanto, Delphy (1996) ao discutir a origem do termo gênero, busca em Margaret Mead (1935) a noção de que dividir as características, os trabalhos e os comportamentos entre homens e mulheres com base nesse corpo biológico, no sexo, é utilizar um critério muito arbitrário, o que equivaleria a dividir em grupos com base em cor dos olhos ou estatura. Para a autora não há argumentos que justifiquem vincular sexo ao gênero. Ela ainda defende a possibilidade de pensarmos que gênero precede o sexo. Entre seus argumentos, afirma que sexo já demarca uma divisão social: ressalta quem é dominado (diferença) e quem é dominante (identidade). O sexo não apenas diferencia ou simplesmente nomeia diferenças, mas também hierarquiza a diferença.

Ao longo do surgimento e consolidação da categoria gênero, este tornou-se um termo referente ao que é variável, mutável, à produção social e histórica da atribuição de características e comportamentos a homens e mulheres. E sexo passou a referenciar a parte biológica, natural e quase imutável. “Na maioria das discussões o sexo e a natureza são considerados reais, e o gênero e a cultura são vistos como construídos. Mas trata-se de falsas dicotomias” (Fausto-Sterling, 2002, p. 77).

Muitos estudos e teorias acerca de gênero e sexo ainda mantêm fortemente a noção de sexo como algo definido biologicamente muito antes do gênero, em que este só passaria a ser definido a partir do contato com o mundo e a cultura. Ou seja, o que é considerado biológico acaba tornando-se “natural” – os debates muitas vezes giram em torno do quanto cada comportamento está ou não inscrito nesse biológico. Essa dificuldade de não contemplar o mérito do sexo biológico se relaciona aos discursos das ciências naturais, que são considerados mais legítimos em nossa sociedade do que os das ciências sociais (Fausto-Sterling, 2002).

Naturalizar a noção de sexo impede questionar a dominação que existe (Wittig, 2006). Além disso, essa naturalização existe em um terreno de disputa entre o biológico e o cultural,

que define o que pode ou não pode ser contestado. Wittig (1996) discute que esse pensamento dominante, em relação ao sexo como natural e gênero como social, acaba por nos ensinar e fazer acreditar que antes de qualquer sociedade ou pensamento há a diferença sexual. Nesse sentido, os sexos seriam naturalmente e biologicamente diferentes e essa diferença teria consequência sociológicas. Então, considerando o biológico como naturalizado, deve-se existir uma divisão natural do trabalho na família e sociedade. Esse discurso é reforçado em todos os níveis da sociedade, porém, ainda segundo Witting (1996), o sexo não é natural, e sim existe somente a partir da existência de uma sociedade.

Assim, na mesma linha de Delphy (1996) e Wittig (1996), Fausto-Sterling (2002) afirma que o gênero precede o sexo. E que nossas crenças sobre gênero também afetam o conhecimento que produzimos acerca do sexo. A autora discute justamente como são complexos os sexos que se inscrevem no corpo: “rotular alguém homem ou mulher é uma decisão social” (Fausto-Sterling, 2002, p.15). A ciência, então, pode nos ajudar a tomar alguma decisão, mas só as crenças sobre gênero realmente definem nosso sexo. Os conhecimentos produzidos pelas ciências – Biologia, Psicologia, Sociologias, Antropologia – foram cunhados e se iniciaram partindo de uma matriz social já dividida por gênero. Sexo não é uma categoria física pura. “Os sinais e funções corporais que definimos como masculinos e femininos já vêm misturados em nossas ideias sobre gênero” (Fausto-Sterling, 2002, p.19).

Laqueur (2001) faz uma análise histórica acerca dessa diferenciação sexual. Por meio da análise de documentos, o autor não conseguiu achar evidências históricas que apontassem a criação de conhecimentos pautada em um sexo “neutro”, não generificado. Em todos os materiais investigados, as concepções de sexo apontavam para criações situacionais e traduziam uma luta entre gêneros e poder.

Wittig (2006) afirma que essa primazia da diferença sexual é muito constitutiva do nosso pensamento, e isso dificulta considerar outras formas ou questionar essas visões e

“naturezas”. A ideia original de sexo como natural e gênero como social, e uma diferenciação entre homens e mulheres pautada na diferenciação biológica e anatômica, ainda é incrivelmente presente em na sociedade ocidental contemporânea. Um exemplo é a divisão dos esportes entre categorias masculina, feminina e mista. Essa divisão parte do pressuposto de corpos biológicos diferentes, com sexo distintos e que por isso devem performar práticas esportivas e corporais também diferentes, de acordo com o gênero.

A Política de Verificação de Gênero, conhecida também como teste de sexo,¹⁰ aplicada no esporte, é uma dessas tentativas de hierarquizar, definir e identificar os corpos e seus respectivos gêneros, pautando-se, principalmente, por um conhecimento biológico e pela autoridade conferida aos conhecimentos científicos. O objetivo dessa política é identificar se um corpo realmente é “de mulher”, ou seja, se este pertence ao sexo feminino.

Aqui já podemos demarcar o controle do corpo feminino, visto que não há teste de gênero para competidores nas categorias masculinas. São as mulheres que devem se submeter e comprovar a legitimidade de seus corpos. O argumento explícito se pauta na ideia discutida na seção anterior, de que os homens são naturalmente mais aptos (superiores) para as práticas esportivas do que as mulheres.

Assim, a verificação de sexo é uma tentativa de impedir que os homens se disfarçam de mulheres para, acredita-se, vencer. E segundo essa visão essencialista, não há propósito das atletas fazerem o contrário. Afinal, para que nós mulheres nos passaríamos por homens nas competições? Se naturalmente somos mais fracas, e assim, certamente, perderíamos?

Entretanto há dois casos que contradizem essa suposta verdade. Fausto-Sterling (2002) comenta sobre o que supostamente seria o único caso registrado de um homem que já competiu na categoria feminina. Em 1936, Hermann Ratjen se inscreveu no salto em altura como “Dora”. Entretanto, o fato de ser homem não garantiu sua vitória. Este terminou as

¹⁰ Verifica-se que até os conceitos de sexo e gênero são confundidos e tratados como sinônimos.

provas em 4º lugar. Outro caso que abriu as portas para discussões sobre sexismo nos esportes, e até em outros contextos, foi uma partida ocorrida em 1973, disputada entre a tenista Billie Jean King e Bobby Riggs,¹¹ um dos mais famosos tenistas estadunidenses na década de 1930-1940. Contrariando as expectativas, a tenista venceu a partida, que é considerada a mais famosa das batalha dos sexos.¹²

A primeira verificação de sexo ocorreu em 1950 e foi conduzida pela International Association of Athletics Federation (IAAF). Segundo Pires (2016), coincidentemente (ou não), na mesma década o psicólogo e sexologista John Money forjou um conceito de gênero binário, elaborado por meio de teorias e experimentos de adequação de gênero com pessoas intersexuais. No início a definição era pautada apenas em fatores de fenótipo, com a realização de exames físicos somente. Vale lembrar que até 1968 as mulheres que competiam nas Olimpíadas eram frequentemente convidadas a desfilarem nuas diante de um corpo de examinadores, a fim de comprovar sua biologia. Seu fenótipo confirmava seu sexo e, conseqüentemente, sua categoria de competição, se masculina ou feminina (Fausto-Sterling, 2002).

Com o crescimento dos movimentos feministas, passou-se a questionar a exposição dos corpos das mulheres ao comitê de verificação, visto que o procedimento feria a dignidade das atletas e expunha desnecessariamente seus corpos, possibilitando o vazamento de fotos íntimas para a mídia. Além disso, os estudos científicos produziram uma série de conhecimentos acerca dos hormônios e tipagem genética. Assim, a partir dos protestos, o Comitê Olímpico Internacional (COI) passou a utilizar o teste do cromossomo e exames de sangue na busca de medir níveis de testosterona, hormônio considerado masculino e que

¹¹ Em 2001, foi produzido um filme chamado *When Billie Beat Bobby* (em português: Guerra dos Sexos) que conta a história da partida.

¹² Nome que se dá as partidas amistosas de tênis entre tenistas de sexos opostos.

biologicamente é usado como argumento para justificar a melhor performance nos atletas masculinos.

Ainda segundo Pires (2012), em 2011 e 2012 a IAAF e o COI mudaram a resolução que regulamentava a identificação das atletas que portariam o hiperandrogenismo. A resolução trazia métodos de investigação das concentrações de hormônios androgênicos naturais¹³ no sangue das atletas. A testosterona é considerada o principal hormônio nessa categoria, e taxas mais elevadas do que 10 nanomoles por litro de sangue estariam acima do permitido para uma atleta ser identificada como mulher. A solução dada na resolução era o tratamento médico, cirúrgico ou com bloqueadores hormonais, para que as taxas fossem reguladas. Caso as atletas negassem se submeter a essas alternativas, estariam impedidas de competir nas categorias femininas e também não poderiam competir nas masculinas. Tais medidas as deixavam reféns da sua biologia e do conhecimento científico acerca de seus corpos.

Entretanto, não há evidência científica que relaciona definitivamente a testosterona ao desempenho esportivo. Na verdade, os fatores que deveriam ser considerados para o melhor desempenho no esporte seriam sistemas de treinamento, nutrição ou mesmo outras características genéticas que não são questionadas, como altura ou envergadura. Tudo isso nos remete novamente ao pensamento de Wittig (1996), que afirma como a hierarquização e separação por sexo se mostram arbitrária.

Em 2015, então, a Corte Arbitral do Esporte determinou que devido à falta de evidências científicas acerca da testosterona e do desempenho dos atletas, homens e mulheres, não há necessidade de intervenções médicas nesses casos. A IAAF ainda tem dois anos para

¹³ É uma técnica com objetivos diferentes dos testes antidoping que são aplicados tanto em homens quanto em mulheres. Os testes antidoping procuram verificar taxar hormonais de substâncias androgênicas, mas que estão inseridas artificialmente nos corpos, como os anabolizantes.

recorrer dessa decisão, apresentando provas científicas que justifiquem a resolução de 2011 e 2012.

Ainda é preciso relevar que há um discurso que legitima e confere poder ao conhecimento médico-biológico como superior aos outros conhecimentos:

Os médicos acreditam que seu saber lhes permite “ouvir” a verdade que a natureza lhes diz sobre o sexo a que tais pacientes devem pertencer. Suas verdades, porém, vêm do campo social e são reforçadas, em parte, pela tradição médica de tornar invisíveis os nascimentos intersexuais. (Fausto-Sterling, 2002, p. 77).

Entre as prerrogativas das mudanças nos corpos intersexuais está a manutenção de uma suposta normalidade, na qual só há duas possibilidades: macho ou fêmea, masculino ou feminino. As sociedades ocidentais baseiam a forma de conhecer o mundo em dualismos. (Fausto-Sterling, 2002). E podemos perceber como esses dualismos são frágeis e problemáticos.

Para além dos índices hormonais ou genitálias aparentes, as atletas consideradas intersexuais também apresentam aspectos vinculados aos estereótipos de gênero masculinos: são musculosas, possuem voz mais grave. Esses fatores nos levam a refletir sobre como os testes de sexo são formas de invisibilizar corpos que acessam masculinidades. Masculinidade que não é autorizada a performar nos corpos ditos femininos. Visibilizar essas questões, problematizá-las, é tornar público que o corpo e tudo o que nele se insere é construído socialmente e contextualizado. É colocar em xeque toda uma estrutura de pensamento e argumentos que essencializa feminilidade e masculinidade e deslegitima os diversos espectros e arranjos que se encontram entre esses dois extremos. Enfim, permitir a existência de pessoas

que não enquadram-se nas categorias “XX” (fêmea) ou “XY” (macho) é aceitar apagar as fronteiras entre os sexos.

2.4. O que a mídia tem a dizer: cobertura esportiva e atletas mulheres

Podemos acessar o contexto do desporto como atletas profissionais, praticantes amadores, torcedores ou mesmo quando nos posicionamos como “desligados” desse espaço. Afinal, até neste caso, relacionamo-nos com o esporte de forma indireta: temos de mudar nossas rotinas em dias de jogos de futebol; utilizamos os esportes para lazer, brigas, confraternizações, para a prática de alguma atividade física ou ainda a fim de melhorar a saúde. São infinitas as possibilidades de os esportes interferirem em nosso dia a dia. Para Goellner (2004), os esportes nos arrebatam, nos envolvem e mobilizam paixões e sentimentos.

Assim, é compreensível que os esportes ocupem grande parte do espaço nas mídias. Há diversos canais exclusivos para transmissão de partidas esportivas, além de sessões e programas que discutem esportes. Castellani Filho (1997) o considera um dos fenômenos culturais mais relevantes na contemporaneidade. O contexto esportivo é imbuído das principais problemáticas sociais e está presente tanto na política quanto na educação ou lazer, envolvendo questões geográficas, demográficas e legais. E segundo Koivula (1999), a maioria das pessoas só acessa eventos esportivos por meio das diversas mídias, o que ressalta ainda mais a importância dos veículos de comunicação para o contexto esportivo.

Essa construção acaba por criar uma interdependência entre mídia e esporte. A forma como a mídia retrata os esportes e os(as) atletas reflete em como estes constituem a sociedade e vice-versa (Firmino, 2014). Os esportes acabam por vender mídia, e a mídia também vende os esportes. Souza e Knijnik (2007) relatam a pesquisa de Clarke's, em 1984, a qual registrou que dois terços dos leitores dos jornais impressos desejavam sessões maiores dedicadas aos

esportes. A visibilidade conferida aos esportes pela mídia permite a criação de um mercado consumidor, com venda de artigos esportivos, público para eventos, mercadorias de times e seleções, direitos e imagem, entre outros. E ao pensar nos(as) atletas propriamente, a visibilidade possibilita maior chance de patrocínios, maior número de fãs, crescimento da modalidade praticada etc.

Souza e Knijnik (2007) realizaram um estudo que buscava quantificar a visibilidade conferida às atletas no jornal *Folha de São Paulo* durante três meses. Os pesquisadores chegaram à conclusão de que as mulheres atletas eram invisibilizadas, denunciando uma diferença de 700% na cobertura jornalística de atletas homens em detrimento das atletas mulheres. E para perceber isso, basta folhear qualquer jornal, revista ou assistir a programas esportivos. A mídia de forma geral ainda prioriza atletas e esportes masculinos. Mas, para além dos dados quantitativos, devemos questionar também de que forma a mídia retrata as atletas mulheres e os esportes na categoria feminina.

Ainda segundo Souza e Knijnik (2007), na *Folha de S.Paulo* as mulheres recebiam mais citações em relação a sua aparência física, enquanto os homens foram mais vezes citados por suas habilidades atléticas. De fato, devido às diversas construções de estereótipo de gênero, a mulher nos esportes acaba sendo retratada como o oposto das figuras masculinas (Kolnes, 1995). Esses estudos mostram como a cobertura das atletas ainda é dependente da visibilidade conferidos aos atletas, não possuindo ainda legitimidade para existirem e serem traduzidas, independentemente da cobertura e das imagens masculinas.

Para Adelman (2003), atualmente as mulheres atletas lidam com dois principais preconceitos sociais: 1) de que suas diferenças físicas as fazem menos capazes para os esportes se comparados com a biologia masculina; e 2) a prática esportiva as aproxima dos padrões corporais masculinos, tornando-as “menos mulheres”, “mulheres anormais” ou que interferem em sua sexualidade. As atletas, então, acabam por adotar uma postura pública

corporal, física e comportamental do “feminino tradicional”, para comprovar que sua prática esportiva não compromete sua feminilidade.

A mídia, que reforça e reproduz esses estereótipos, retrata as atletas com base em sua aparência física, sua feminilidade (pautada no discurso tradicional), seu comportamento fora do contexto competitivo e relacionamentos; enquanto sobre os atletas se destaca as conquistas, competitividade, força física, psicológica e a coragem de jogar mesmo lesionados (Kolnes, 1995).

Firmino (2014) também realizou um estudo semelhante acompanhando as publicações sobre as Olimpíadas de 2012 em dois jornais brasileiros. O objetivo era verificar como as atletas eram retratadas nas mídias escolhidas. Segundo sua pesquisa, vôlei, futebol e handebol foram os esportes mais citados ao abordar as atletas. Além disso, utilizando a metodologia de análise de conteúdo de Bardin, ela separou os conteúdos em quatro categorias: fator emoção, fator técnica, fator gênero e fator estereótipo.

A autora concluiu, então, que a busca por representatividade nos esportes é diferente de acordo com cada modalidade e contexto. E, ainda na cobertura esportiva de 2012, o desempenho e conquistas das atletas eram invisibilizados por conteúdos relacionados a elementos sexuais ou beleza física. Além disso, os discursos narravam um comportamento feminino relacionado à fragilidade e desequilíbrio emocional.

Diversos estudos, realizados em diferentes épocas e contextos, acabam relatando os mesmos resultados obtidos por Souza e Knijnik (2007) e Firmino (2014). Apesar de um aumento significativo do quantitativo de reportagens que abordam as competidoras, qualitativamente ainda há uma manutenção dos estereótipos de gênero e hierarquia nas coberturas jornalística tanto sobre homens quanto mulheres atletas. Além de relatos de uma incompatibilidade entre desempenho esportivo e feminilidade, ou a atleta é exaltada por sua

feminilidade, ou por suas conquistas, sejam estudos que se utilizam de mídia televisionada, de jornais impressos, de revistas ou de mídias digitais.

O único estudo encontrado que contradiz a revisão da literatura, apresentada anteriormente, é de autoria de Bissell e Smith (2013), que analisaram as narrações e o enquadramento das câmeras de cinco partidas televisionadas de jogos femininos de vôlei de praia. Segundo elas, na maioria das vezes eram enfatizados a força e o desempenho das atletas em detrimento da aparência física ou outras abordagens comumente relatadas na literatura.

A falta de diversidade nas representatividades das mulheres atletas acaba por impactar também a audiência. Whiteside e Hardin (2011) alegam que a representação midiática das mulheres atletas cria barreiras às próprias mulheres, diminuindo o consumo de conteúdo esportivos por elas, ou mesmo que as incentivem a se tornar fãs de esportes. Cria-se, então, um ciclo em que a mídia produz material sobre as atletas pensando no estereótipo masculino, o que dificulta a adesão feminina ao contexto esportivo. Assim, um quantitativo maior de homens usufrui dessa mídia, e a mídia, conseqüentemente, acaba focando os consumidores usuais.

Em um contexto mais individual, Daniels (2012) analisou como meninas e mulheres percebiam as imagens midiáticas das atletas. Para isso, ela pesquisou imagens sexualizadas de atletas, imagens sexualizadas de modelos e imagens de atletas em desempenho esportivo. O estudo concluiu que as atletas nas imagens de desempenho transgrediam estereótipos de gênero tradicionais. As participantes do estudo, após análise das imagens, criticaram a posição das mulheres na hierarquia da sociedade: como objetos sexuais.

Nós, mulheres, acabamos por ter poucos referenciais atléticos que possamos usar como modelos de diversas feminilidades. Mesmo as atletas tendo diversas conquistas, estas vêm sendo pouco divulgadas ou minimizadas pelas mídias. A produção da mídia acaba por manter a lógica da hegemonia masculina nos esportes.

Partindo do pressuposto de que a mídia se apresenta como um campo de destacada influência na produção e reprodução de valores e sentidos em nossa sociedade, os veículos midiáticos se tornam um lugar privilegiado para analisar as dinâmicas relativas a processos de transformação social ou de manutenção das hierarquias (Borges, 2008; Medrado, 2013). Sendo assim, investigar essas produções pode ser um caminho para verificar quais são as diversas posições presentes nas notícias, bem como quais são as vozes e relações assimétricas performadas nesse espaço. Dessa forma, é possível analisar, questionar e promover a construção de relações que possam implicar em uma sociedade com mais equidade de gênero.

3. MÉTODO: ACOMPANHAMENTO DAS PUBLICAÇÕES NO SITE DO UOL¹⁴

Ao falar de mídia, podemos pensar em uma diversidade de veículos e ferramentas, como televisão, jornais impressos, rádios, revistas, filmes, entre outros. É preciso considerar também a emergência das mídias alternativas, como as redes sociais, blogs, jornais e revistas digitais, sites e canais de vídeos. Diante de toda essa gama de opções, cada qual delas com características próprias, foi necessário tomar decisões ao longo do processo de pesquisa.

O objetivo deste capítulo é explicitar as diversas escolhas metodológicas realizadas neste trabalho. Para tanto, exponho por que escolhi analisar um jornal digital, bem como apresento o site escolhido – o portal UOL– e explico os motivos que me levaram a essa escolha. Em seguida, relato como realizei os registros das reportagens, bem como defino o *corpus* de pesquisa. Concluo justificando as matérias escolhidas para a análise qualitativa e explico a metodologia de análise desse material.

3.1. Limites e possibilidades do uso de jornais digitais

Ao optar pela análise de um veículo jornalístico digital, é importante pensar sobre o uso das mídias digitais bem como explicitar os limites e possibilidades do material escolhido. Por se caracterizar como um contexto que se expande em nível de consumo e de produção, devemos pensar qual o perfil das pessoas que acessam os jornais digitais e se o crescimento de acessos é significativo. Em uma pesquisa realizada em 2015 pelo Instituto IBOPE¹⁵ sobre os hábitos de consumo de mídia da população brasileira, fica explícito o aumento na utilização de novas mídias. Ainda segundo a pesquisa, 42% dos brasileiros utilizam a internet

¹⁴ Disponível em: <<http://www.uol.com.br>>. Acesso em: 31/10/2016.

¹⁵ Líder de pesquisa de mídia na América Latina, empresa auxilia veículos, agências de publicidade e anunciantes na tomada de decisão sobre seus investimentos, realizando pesquisas em consumo, investimento e monitoramento de mídia.

como principal meio de comunicação. E ao acessar as mídias digitais, 67% afirmam estar em busca principalmente de informações sobre temas diversos, bem como de diversão e entretenimento.

O consumo de internet no Brasil ainda é demarcado por questões sociodemográficas: quanto mais jovem, maior a renda, a escolaridade e o uso das novas mídias. Sendo assim, pode-se pensar em como as mídias digitais acabam atingindo um público bem demarcado e mais homogêneo do que comparado às mídias tradicionais, como televisão aberta e rádio, que ainda se configuram como os principais meios de comunicação utilizados pela maioria da população: estes por 93% dos pesquisados, e as mídias digitais por 46%.

Mesmo com o crescimento de blogs e das redes sociais, os jornais continuam citados pelos brasileiros e brasileiras como os meios mais confiáveis para se obter notícias e informações. Essa suposta noção de confiabilidade afeta também o consumo de jornais impressos e digitais: 79% dos leitores o fazem no formato impresso, uma parcela de 10% migrou para o ambiente on-line e apenas 4% utilizam ambos os suportes.

Há também um recorte de gênero, pois a maioria das pessoas que lê jornal, tanto impressos como digitais, é do sexo masculino. A maioria que acessa o jornal digital é composta por homens, brancos, mais jovens, de classes média e alta. Portanto as reportagens publicadas têm grande propensão a serem mais direcionadas a esse público. Portanto, esses fatores e recortes devem ser levados em consideração ao discutir, usar e analisar esse tipo de material.

O aumento do consumo de jornais digitais também não pode ser descartado como fonte importante de sentidos e repertórios acerca do nosso contexto. A possibilidade de compartilhar publicações digitais diretamente nas redes sociais aumenta a probabilidade de circulação desse material para além da interação jornal-leitor. Nos jornais impressos não há possibilidade de acessar a receptividade da notícia nem as trocas entre leitores, uma realidade

diferenciada nos jornais digitais. Neste caso, é possível acessar os comentários e se informar sobre a quantidade de comentários em cada uma das publicações, ampliando a possibilidade de análise.

Também é possível ter acesso às trocas que ocorrem pautadas nas posições do jornalista. Nas publicações digitais há uma maior amplitude de possibilidade de análise e de inter-relações. Há um maior dinamismo nas publicações, podendo conter vídeos, imagens em alta resolução e links para outros conteúdos e sites, possibilitando uma infinidade de recursos e conteúdo para ser analisado e discutido.

3.2. O portal da UOL

Há uma infinidade de jornais digitais que publicaram sobre as Olimpíadas de 2016. Assim, foi importante estabelecer alguns critérios na escolha do veículo a ser acompanhado. Os critérios utilizados aqui foram os discutidos por Borges e Ribeiro (2014), ao utilizarem o jornal como objeto de pesquisa socioconstrucionista:

Alguns critérios para justificar essa escolha incluem: i) informações sobre a abrangência do veículo de comunicação nos diversos contextos (internacional, nacional, regional e local); ii) a sua importância para o objeto pesquisado; iii) e a capacidade desse veículo em pautar outras mídias e promover a formação de opinião. (Borges & Ribeiro, 2014, p. 188).

Por ser uma mídia digital, o portal da UOL tem abrangência nacional e internacional. De qualquer lugar do mundo é possível acessar os serviços e as publicações do portal. Além disso, ao utilizar uma guia anônima¹⁶ para pesquisa no Google¹⁷ com as palavras “notícias

¹⁶ Geralmente ao realizar alguma pesquisa ou navegação em diversos sites, é criado um perfil do usuário, que também se vincula as suas redes sociais, a fim de direcionar posteriormente sua navegação na internet para

olimpíadas”, o site da UOL aparece em segundo lugar na listagem da busca, ficando atrás somente do site oficial das Olimpíadas¹⁸, que aparece em primeiro:

O UOL é a maior empresa brasileira de conteúdo, serviços digitais e tecnologia. Com cobertura de 70% da internet brasileira (7 em cada 10 brasileiros acessam o UOL todos os meses). Sua homepage recebe mais de 60 milhões de visitantes únicos/mês. Pioneiro na internet brasileira, em 2016 o UOL completa 20 anos de trajetória, oferecendo mais de 1.000 canais de jornalismo, informação, entretenimento e serviços. O UOL também oferece aplicativos, todos gratuitos, para celulares e tablets, como Placar UOL, UOL Cotações, UOL Notícias, entre outros, e juntos já somam 13 milhões de downloads.

Outro aspecto que contribuiu para a escolha do provedor UOL é o fato de ser uma empresa exclusivamente digital. Apesar de oferecer diversos serviços para esse meio – como antivírus, autenticação de compras online, e-mail e hospedagem de sites de outras empresas –, o UOL também é provedor de conteúdo. É um dos primeiros sites de notícias do país, completando 20 anos de atuação e existência em 2016. Também é um dos líderes no seguimento, atingindo mais de 70 milhões de visitantes únicos ao mês por meio de seus diversos portais de notícias.

A escolha pelo UOL também se justifica pela cobertura especializada dispensada às Olimpíadas. O UOL possui parceria com ONGs e blogs/revistas feministas, como Azmina¹⁹,

preferências e sites que tenham mais relação com o perfil traçado. Porém quando você usa uma guia anônima, você está no modo invisível, as páginas que você visita não aparecem no seu histórico de navegação e de pesquisa, nem armazenam arquivos, sendo uma pesquisa independente do histórico anterior do usuário.

¹⁷ Atualmente é a principal ferramenta de buscas na internet, com abrangência mundial: <*google.com.br*>.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.rio2016.com>>. Acesso em 31/10/2016

Think Olga²⁰ e Dibradoras²¹, que, na ocasião dos jogos olímpicos, publicaram nos portais de notícias da UOL. Esses parceiros auxiliaram na criação da campanha ***Quero Treinar Em Paz (QTP), idealizada pela UOL***. Abordando as dificuldades que as mulheres enfrentam na prática de esportes, a campanha contou com a participação de 21 atletas, ex-atletas e técnicas do esporte nacional por meio da publicação de cinco vídeos, além de criar a hashtag²² #Querotreinarempaz com o objetivo de encorajar mulheres a relatarem nas redes sociais os preconceitos, barreiras e dificuldades que já enfrentaram na prática esportiva.

¹⁹ AzMina é uma instituição sem fins lucrativos, que tem por objetivo usar a informação para combater os diversos tipos de violência que atingem mulheres brasileiras, considerando as diversidades de raça, classe e orientação sexual. Elas realizam consultorias, palestras e debates para aprofundar a discussão sobre os direitos da mulher. Atuam nas redes sociais com campanhas, e também possuem uma revista digital e gratuita. Disponível em <<http://azmina.com.br>>, acesso 31/10/2016.

²⁰ O Think OLGA é um projeto feminista criado em abril de 2013 pela jornalista Juliana de Faria. Possuem o objetivo de “criar conteúdo que reflita a complexidade das mulheres e as trate com a seriedade que pessoas capazes de definir os rumos do mundo merecem”. Tem como missão “empoderar mulheres por meio da informação e retratar as ações delas em locais onde a voz dominante não acredita existir nenhuma mulher.” Disponível em <<http://thinkolga.com>>, acesso em 31/10/2016.

²¹ Criado em maio de 2015, o Dibradoras tem como objetivo destacar a participação e os feitos das mulheres no futebol. É composto de quatro integrantes são apaixonadas por esporte e militam - em causa maior - por mais espaço e visibilidade para o futebol feminino. Disponível em < <http://dibradoras.com.br/>>, acesso em 31/10/2016.

²² Tags são palavras-chave ou termos associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita nas redes sociais, como Twitter, Facebook, Google+ e/ou Instagram. As Hashtags são formadas pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha (#). Elas viram hiperlinks dentro da rede, indexáveis pelos mecanismos de busca. Sendo assim, outros usuários podem clicar nas hashtags (ou buscá-las em mecanismos como o Google) para ter acesso a todos que participaram da discussão e o que foi indexado na relação do assunto.

Outros pontos a serem considerados aqui sobre o portal UOL se referem à possibilidade de interação entre as diversas plataformas digitais existentes. Na ocasião das Olimpíadas, o veículo integrava sua produção jornalística a partir de: 1) e-mails periódicos das notícias em destaque na semana; 2) notícias diárias enviadas via aplicativo de celular *Whatsapp*; e 3) envio e possibilidade de buscas de notícias pelo aplicativo de bate-papo online *Messenger* do Facebook.

Essa multiplicidade de canais de comunicação poderia ser uma ferramenta extra para o controle e registro das reportagens. E as reportagens selecionadas pelo portal para destaque nessas plataformas poderiam gerar indicativos importantes para serem analisados posteriormente. Porém, essas ferramentas extras não se mostraram eficazes, uma vez que ao iniciar as Olimpíadas o site parou de utilizá-las, sem dar muitas explicações aos usuários.

Por fim, considerou-se o fato de o acesso às reportagens e matérias da UOL ser gratuito e sem limite diário de leituras. Além disso, havia três plataformas distintas para acompanhar as notícias: o site principal da UOL, que chamarei de **UOL Geral**²³, a plataforma específica de esportes, à qual me referirei como **UOL Esportes**²⁴; e, por fim, o site exclusivo das Olimpíadas, **UOL Olimpíadas**²⁵. Essa gama de opções me possibilitou registrar um grande número de reportagens. A seguir, o diretor de Conteúdo da UOL, Rodrigo Flores, explica a proposta diversificada do veículo para cobertura jornalística dos Jogos Olímpicos:

Sempre fazemos perfil dos atletas, tutorial sobre as modalidades, contamos um pouco da história olímpica. Mas queríamos ir além, fazer diferente. E decidimos investir em pautas mais originais e o resultado foram reportagens de impacto e com altíssima qualidade”

²³ Disponível em: <<http://www.uol.com.br/>>. Acesso em: 31/10/2016.

²⁴ Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/>>. Acesso em: 31/10/2016.

²⁵ Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/>>. Acesso em: 31/10/2016.

explica Rodrigo Flores, diretor de conteúdo do UOL. “A Olimpíada é um dos eventos esportivos mais importantes do mundo e, este ano, ainda acontecerá no Brasil. Por isso, estamos nos preparando há dois anos para fazer uma cobertura completa e diferenciada. [...] Contamos com uma estrutura gigante e complexa para não deixar nada de fora e para levar ao público um conteúdo inovador, sem deixar de acompanhar nenhum momento importante”, complementa Rodrigo. (Sobre UOL²⁶)

3.3. Registro das reportagens

Após selecionado o veículo midiático para acompanhamento, o próximo critério se refere aos registros das reportagens. Segundo Borges e Ribeiro (2014), nas pesquisas com mídia há a necessidade de delimitar o período no qual será feito o acompanhamento. As autoras destacam que o primeiro passo é localizar o fato social em um tempo e espaço, para em seguida propor o recorte. Além disso, o *corpus* da pesquisa é constituído a partir das matérias selecionadas, sendo fundamental descrever “as formas de acesso, o período pesquisado, a escolha dos descritores e o tipo de arquivamento realizado” (Borges & Ribeiro, 2014, p. 193).

No caso das Olimpíadas, elas foram realizadas de 5 a 21 de agosto de 2016, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Ou seja, há um recorte de tempo bem demarcado. Como o objetivo da pesquisa é verificar os sentidos que circulam na mídia sobre as mulheres atletas nas Olimpíadas de 2016, optei por acompanhar as reportagens uma semana antes do início do evento até uma semana após seu término. Assim, o registro das publicações ocorreu no

²⁶ Disponível em: < <http://sobreuol.noticias.uol.com.br/imprensa/uol-realiza-serie-de-reportagens-que-compoem-uma-campanha-de-encorajamento-para-as-mulheres-no-esporte.html>>. Acesso em: 31/10/2016

período de 29 de julho de 2016 até 28 de agosto de 2016, contabilizando o total de 31 dias registrados.

Por ser um evento que não possui competições previamente agendadas para a madrugada, o fluxo de postagens sobre as Olimpíadas era constante, incluindo “atualizações minuto a minuto”, com pequenas notas sobre o evento. Seria impossível acompanhar e registrar tudo, sendo fundamental determinar quais momentos do dia eu faria os registros.

A pesquisa do Instituto IBOPE, em 2015, sobre os hábitos de consumo de mídia da população brasileira aponta que o uso da internet no Brasil é relativamente contínuo, sendo que o período com maior fluxo de usuários se dá das 10 às 21 horas. A maioria dos veículos midiáticos digitais se utiliza dessas informações e pesquisas para priorizar as publicações. Assim, optei por registrar as reportagens 3 vezes ao dia: no período matutino (entre 9 e 12 horas); no período vespertino (entre 14 e 17 horas); e no período noturno (entre 19 e 22 horas).

Além disso, segui e registrei os três sites principais de notícias do UOL – UOL Geral, UOL Esportes e UOL Olimpíadas – a partir da plataforma com conteúdo mais geral para a de conteúdo mais especializado. Conforma dito anteriormente, o objetivo dessa escolha é ter uma maior quantidade de reportagens registradas para, num futuro, verificar quais sentidos e destaques foram dados às atletas de acordo com a especialização da plataforma. Também optei por registrar somente as reportagens mais completas, descartando as atualizações “minuto a minuto”.

Sempre que acessava as plataformas, em cada um dos três períodos do dia, o registro ocorria em quatro ações descritas a seguir.

Ação 1: *printscreen*²⁷ da tela do jornal e salvamento no computador, conforme exemplo na Figura 3.

The screenshot shows the UOL website interface. At the top, there's a navigation bar with links for 'Págs de UOL', 'Autologin', 'Dólar', '10 de Agosto de 2016', 'ROR', 'UOL HOST', 'PagSeguro', 'Curso de inglês', and social media icons. Below this is the UOL logo and a search bar. The main content area is dominated by the 'Olimpiada 2016' section, which includes a live broadcast for the Brazil vs Denmark football match, a medal count table, and several news articles such as 'Força Nacional é alvejada; soldado é ferido na cabeça', 'Carmelo salva EUA de 1ª derrota em 10 anos', and 'Brasil bate a Sérvia por 6 a 5 e alcança sua vitória mais expressiva'. The page layout is clean and organized, typical of a major news portal.

Figura 3 - parte do *printscreen* da tela do UOL Geral do dia 10/08/2016, noturno

Ação 2: separar no *printscreen* quatro categorias de reportagens: a) as reportagens referentes a atletas ou modalidades femininas, com uma marcação em cor roxa ao redor; b) notícias sobre

²⁷ *Printscreen* é um ferramenta que possibilita salvar a tela do computador em formato de imagem, para registro e possibilidade de editar a imagem.

atletas homens e suas modalidades, com um quadrado em cor azul ao redor; c) reportagens mistas, que abordam tanto homens quanto mulheres atletas; e d) com um destaque em cor cinza, outras publicações sobre as Olimpíadas, que contemplam outros assuntos, como estrutura física do evento, orçamento, passagem da tocha olímpica etc. Segue exemplo de uma dessas marcações:

Figura 4 - parte do *printscreen* da tela do UOL Geral do dia 10/08/2016, noturno, com marcações de acordo com o tema da reportagem

O objetivo dessa demarcação era definir visualmente o principal assunto das reportagens, facilitando o registro posterior em uma tabela. Além disso, a marcação

possibilitaria verificar a visibilidade e o quantitativo de reportagens sobre cada uma das quatro categorias, incluindo as focadas nas atletas. Pensando em como o contexto esportivo ainda é pautado por um binarismo de sexo e gênero (homens e mulheres, femininos e masculinos), separei as quatro categorias de reportagens, pois os esportes ainda são duais, ou se é homem ou se é mulher, ou pratica-se uma modalidade masculina, ou uma modalidade feminina, ou uma mista. Sendo separações bem demarcadas nas reportagens.

Ação 3: acessar individualmente as reportagens previamente classificadas com abordagem de atletas mulheres e/ou de modalidades femininas e as notícias mistas, e em seguida copiar e salvar em um único arquivo de texto. Com essa ação eu buscava facilitar futuras buscas textuais nas reportagens e garantir posterior acesso a elas, mesmo que o site da UOL saísse do ar ou as alterasse. Considerando que esta pesquisa tem como objetivo os sentidos atribuídos às atletas mulheres, o registro integral das reportagens foi feito somente com as notícias que abordavam as atletas mulheres e as reportagens mistas. Também não foi feita nenhuma distinção por nacionalidade das atletas.

Ação 4: preencher uma tabela em formato de texto com as seguintes informações: a) quantidade total de notícias sobre as Olimpíadas: atletas homens, mulheres, notícias mistas e outros assuntos; b) títulos de notícias focadas nas atletas mulheres ou notícias mistas; c) resumos sobre as matérias; e d) em qual plataforma ela estava publicada, se UOL Geral, UOL Esportes ou UOL Olimpíadas. Na Tabela 2, a seguir, há apenas um breve exemplo desse registro:

Tabela 2 - Exemplo de preenchimento da tabela da ação 04, com algumas matérias do dia 19/08/2016, do período matutino nas 03 plataformas: UOL Geral, UOL Esportes e Uol Olimpíadas

19/08/16	JORNAL	Qtd total de notícias relacionadas as olimpíadas	Qtd de notícias com Homens atletas em destaque	Qtd de notícias com mulheres atletas em destaque	Notícia mista – atletas homens e mulheres	Outros assuntos	Título da notícia	Breve resumo da notícia
M A N H Ã	GERAL	27	16	04	03	04	DR ajudou Martine e Kahena, mas dupla tem dúvida sobre futuro	Fala sobre a relação das duas antes e depois de serem dupla, e que não garantem se continuarão juntas, e como lidam com divergências ocorridas nas provas, técnico fala sobre como é a responsabilidade de sintonizar duas personalidades diferentes.
	ESPORTE	13	07	01	02	03	Mulheres são últimas esperanças na briga por top 10 do quadro de medalhas	Expectativas de ganho de medalhas do Brasil nesses 03 últimos dias de provas.
	OLIMPÍADAS	39	17	11	03	08	Brasil perde para China e se despede da Rio-2016 em último no polo aquático	Resumo de como foi o percurso do time brasileiro nessas olimpíadas e como foi o resultado final na derrota contra a China.

É importante ressaltar que nesse primeiro momento não fiz distinção entre as matérias que foram replicadas nas diversas plataformas e/ou em diferentes horários. Realizei o registro conforme mencionado, contendo todas as reportagens sobre as Olimpíadas, nas três plataformas e nos três períodos, mesmo que repetidas. Porém, após o período de registro,

retornei ao material empírico e mantive somente as notícias que não foram repetidas. E é esse arquivo que compõe o *corpus* deste trabalho.

Muitas vezes ao acessar a notícia no dia da sua postagem no site da UOL, não havia nenhum comentário dos usuários, pois a publicação era muito recente. Assim, optei por acessar novamente as matérias após o encerramento dos 31 dias de registro, tanto sobre as mulheres atletas como reportagens mistas, para realizar novo registro dos comentários recebidos em cada uma das reportagens.

Como lembra Borges e Ribeiro (2014, p. 195),

[u]ma vez que o material que vai compor o *corpus* empírico esteja selecionado e organizado, a análise discursiva, propriamente, já pode ser iniciada. As primeiras leituras e buscas pelas matérias jornalísticas funcionam como uma espécie de familiarização dos conteúdos publicados, que podem ser filtrados a partir de uma análise quantitativa. A perspectiva quantitativa nos permite visualizar a frequência com que o tema estudado é publicado, bem como identificar as ausências e os períodos de maior ou menor visibilidade. Esse trabalho quantitativo serve de “aquecimento” para a análise discursiva, além de ajudar a produzir informações que irão sustentar a interpretação dos conteúdos das matérias.

Após a composição do *corpus* de pesquisa foi preciso organizar o material quantitativamente, verificar qual história o registro empírico contava, manuseá-lo, lê-lo e decidir quais reportagens iriam compor minha análise discursiva. Aspectos que são tratados no capítulo 04, a seguir.

4. PRÁTICAS DISCURSIVAS SOBRE AS MULHERES ATLETAS: VISIBILIDADES, REPERTÓRIOS E SENTIDOS

Ao apropriar-me do construcionismo social, busco compreender como as pessoas explicam, descrevem e dão sentido ao mundo em que vivem (Gergen, 2009), considerando que é por meio das práticas discursivas que produzimos os sentidos acerca do mundo, significamos e construímos as diversas realidades sociais.

Portanto, em consonância com os objetivos deste trabalho, é neste capítulo que apresento, analiso e discuto a visibilidade e os sentidos que circularam sobre as mulheres atletas no portal da UOL.

Início abordando questões de visibilidade, por meio de uma breve análise quantitativa do *corpus* registrado.

Em seguida, exponho e justifico as reportagens selecionadas para a análise qualitativa, que foi dividida em duas análises distintas. Na primeira parte, pensando nas temáticas que o portal da UOL mais publicou, analiso dez reportagens separadas em duas temáticas principais: cinco sobre carreira e/ou desempenho; e cinco sobre comportamento, relacionamento e/ou sexualidade. Na segunda parte, analiso os repertórios das reportagens que foram consideradas como sendo em prol da equidade de gênero. As publicações selecionadas se referem a cinco reportagens do projeto Quero Treinar em Paz e 5 reportagens escritas por redatoras da revista *AzMina*.

Nessas análises qualitativas, o foco está nos repertórios interpretativos que dão sentido às atletas no *corpus* selecionado e suas relações com os possíveis sentidos, bem como discute se e como as diferentes vozes presentes na reportagem (jornalistas, atletas, familiares e público) se utilizam de repertórios diferentes para atribuir sentidos às atletas. Vale lembrar – como já discutido no Capítulo 1 – que os repertórios, segundo Spink (2014), são as palavras e expressões que formam os enunciados e atuam como substrato para qualquer argumentação.

Ou seja, destacar os repertórios interpretativos possibilita compreender tanto a estabilidade como a variabilidade dos sentidos.

4.1. Discutindo a visibilidade: análise quantitativa

Para analisar de que forma os veículos midiáticos enxergam as atletas mulheres, partindo de um ponto de vista mais distanciado, para posteriormente realizar uma análise mais aprofundada, considero importante traçar um panorama de todas as reportagens investigadas a partir de indicadores quantitativos. Esse registro é importante para verificar como se dá, em números, a visibilidade das mulheres atletas no veículo midiático escolhido, a saber, o portal da UOL, além de servir ao propósito de organizar o material empírico e justificar algumas das escolhas de reportagens para análises qualitativas.

Após 31 dias acompanhando as notícias, obtive, ao todo, o registro de 5.880 reportagens, contabilizando todas as entradas de reportagens, mesmo as repetidas. Essa contagem incluiu publicações sobre atletas homens, atletas mulheres, as notícias mistas e as referentes a outros assuntos, conforme mostra a Tabela 3.

Tabela 3 - Quantitativo total e em porcentagem de reportagens registradas, mesmo repetidas, de acordo com os assuntos.

	Atletas homens e modalidades masculinas	Atletas mulheres e modalidades femininas	Reportagens e modalidades mistas	Outros assuntos	Total
Número absoluto	2.126	1.388	403	1.963	5.880
Porcentagem	36,2%	23,6%	6,8%	33,4%	100%

No que tange às publicações que abordavam exclusivamente atletas mulheres e modalidades femininas, registrei ao todo 454 reportagens únicas, ou seja, sem repetições.

Nas pesquisas com mídia o número de reportagens sobre as atletas mulheres e suas modalidades se mostra bem inferior ao de atletas homens e modalidades masculinas. Assim

como aponta a pesquisa de Pereira, Pontes e Ribeiro (2014), que comparou a cobertura esportiva nas Olimpíadas de Pequim 2012 feita por dois jornais impressos. Os pesquisadores e a pesquisadora – que tinham o objetivo de contrapor as imagens presentes na cobertura dos esportes – encontraram uma diferença superior a 50% entre as duas coberturas, sendo presente um maior quantitativo de imagens de atletas homens e suas modalidades do que de atletas mulheres e suas modalidades, bem como o fato de foram utilizadas imagens com tamanhos maiores para ilustrar modalidades masculinas.

Porém, o levantamento registrado por mim mostra resultados diferentes da pesquisa citada, em relação aos estudos comparativos realizados entre a cobertura esportiva masculina *versus* feminina. A diferença entre esses números na mídia analisada é de apenas 12,6% a mais de reportagens sobre atletas homens e suas modalidades. Essa diferença pode ser um reflexo da discrepância entre a participação de atletas homens (54,8%²⁸) e atletas mulheres (45,2%¹) nas Olimpíadas, que soma 9,6% a mais de homens. Essa informação reflete o aumento da visibilidade das atletas mulheres e suas modalidades, pelo menos no que diz respeito ao período Olímpico e ao veículo midiático analisado – no caso da minha pesquisa, vale lembrar, das Olimpíadas Rio 2016.

Outra informação que caminha em sentido diferente da literatura analisada é no que se refere aos temas abordados nas reportagens. A revisão teórica aponta que a principal temática nas reportagens acerca das mulheres atletas se refere a temático do corpo e estética. Entretanto, o levantamento realizado apontou que desempenho/carreira (257 publicações) e comportamento/relacionamento/sexualidade (108 publicações) foram os temas com maior quantidade de publicação, com uma diferença de mais de 15% em relação ao terceiro tema, corpo/estética (38 publicações).

Levando em consideração que muitas vezes diferentes temas são abordados em uma mesma reportagem, a classificação foi feita de acordo com o título da notícia, considerado como temática principal. Cada uma das reportagens foi classificada de acordo a Tabela 4. As categorias abaixo elencadas foram divididas conforme os critérios presente no Anexo A.

Tabela 4 - Quantidade de reportagens por tema e suas porcentagens

Tema/assunto principal	Quantidade de reportagens	Porcentagem
Desempenho/carreira	257	56,6
Comportamento/relacionamento/sexualidade	108	23,8
Corpo/estética	38	8,4
Sexo/gênero/raça/classe	29	6,4
Emocional/psicológico	17	3,7
Mídia/cobertura esportiva	5	1,1
Total	454	100

Essas mudanças em relação ao ampliação numérica da participação das atletas, ao quantitativo de reportagens e temáticas acerca das mulheres atletas, presentes nesse veículo midiático, não aconteceram por acaso ou por iniciativa dos gestores da UOL. Esses avanços em direção a uma visibilidade um pouco menos hierarquizada refletem a própria demanda social por equidade de gênero, uma das pautas dos movimentos feministas.

Gomes (2016) discute na revista *Cult 219* como os movimentos feministas foi dado como morto e ressuscitado diversas vezes. Nos anos de 2010 até 2015 eclodiram diversos protestos com pautas feministas no Brasil, que ganharam eco nas redes sociais, sendo chamado por alguns como a “primavera das mulheres”. Protestos que iniciaram e/ou tiveram novas edições, como a “Marcha das Vadias”, a “Marcha das Margaridas” e a “Marcha Mundial de Mulheres”, renovam, reinventam e dão nova visibilidade às diversas agendas do movimentos feministas.

Sem falar nas diversas formas de organização que se mantiveram ou surgiram nos últimos anos. Desde os mecanismos institucionais, que se preocuparam ou foram pressionados para incluir e aumentar o número de mulheres nos ministérios, nas plenárias e nas articulações partidárias, passando por núcleos com pautas e ideais feministas dentro de sindicatos, Organizações Não Governamentais (ONGs) e movimentos populares, chegando a incontáveis possibilidades de grupos autônomos e coletivos que discutem as diversas interseccionalidades que atravessam a categoria gênero, como sexualidade, raça, etnia e geração, criando coletivos de feministas negras, feministas lésbicas e outras infinitudes de arranjos e interfaces com o feminismo.

O próprio aumento no uso e do acesso às redes sociais e mídias digitais ampliam as vozes daquelas e daqueles que lutam por equidade de gênero e suas interseccionalidades, por meio do que é chamado de *ciberativismo* (Castells, 2013). A internet cria espaços menos hierarquizados, descentralizados e burocráticos para manifestações de paradigmas, valores e interesses, e possibilita que pessoas com visões semelhantes se aproximem e criem ações como uso de *hashtags*, campanhas virtuais, grupos de discussão e movimentos diversos em prol daquilo que acreditam, confirmando as mudanças em relação as interações quase mediadas apontadas por Thompson (1998). Não estando os movimentos feministas a parte dessas novas formas de se manifestar:

A questão fundamental é que esse novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma. A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e ao possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação. (Castells, 2013, p.21)

Canuto (2016) e Oliveira (2016) discutem em suas dissertações como os blogs classificados como feministas têm relevância para a repercussão e crescimento dos movimentos feministas na contemporaneidade. Ambas reconhecem as mídias alternativas feministas como um espaço de engajamento e conquistas políticas, que articulam demandas sociais com debates e posicionamentos políticos. Os próprios *Think Olga* e *Azmina*, ONGs feministas que firmaram a parceria com o UOL nas Olimpíadas de 2016, são parte desse movimento digital, tendo sua fundação posterior a 2013.

Todo esse cenário em relação aos movimentos feministas repercute tanto na produção midiática como em ações institucionais. Por exemplo, o Comitê Olímpico possui projetos como o *Women and Sport*, fundado em 1995, que busca propor ações afirmativas para ampliação da participação de mulheres nos esportes, como atletas, gestoras e equipe técnica. Um dos mais recentes marcos desse projeto foi a *Declaração de Los Angeles*, produzida na 5ª Conferência Mundial sobre a Mulher e o Desporto, em 2012. O documento tem como foco o aumento das mulheres em cargos de liderança dentro do contexto esportivo; e, no que se refere aos jogos que ocorreram no Rio 2016, propõe aumentar a visibilidade do desempenho das atletas nos esportes profissionais. A 6ª conferência sobre as mulheres e o desporto, ocorreu em junho de 2016, na Finlândia, e teve como temas centrais a importância da atividade física para a saúde e a ligação do desporto com os direitos humanos, discutindo como a participação de mulheres em competições desportivas pode ser a porta de entrada para a vida pública, política e comunitária.

Além disso, no início dos anos 2000, o Comitê Olímpico instituiu que até 2015, pelo menos 20% dos cargos de gestão dentro da organização deveriam ser ocupados por mulheres. Entretanto, o número chegou a apenas 10%. Ainda são porcentagens pequenas, sendo

fundamental que mais ações como estas sejam criadas e incentivadas para caminharmos em direção à equidade de gênero no esporte.

Toda essa diversidade e movimentação ampliam os sentidos e pautas que se referem aos sujeitos do feminismo, incluindo as atletas e audiências esportivas, levando a mídia a rever a visibilidade e as temáticas publicadas acerca das atletas. Percebe-se um movimento inicial de ampliação do número de reportagens e uma busca por priorizar temáticas que tenham a ver com o desempenho e carreira das esportistas em detrimento de notícias que ressaltam atributos físicos e estéticos.

Entretanto, as mudanças na produção quantitativa não necessariamente estão vinculadas a mudanças nos sentidos atribuídos às mulheres atletas ou questionam a dicotomia mulher/homem, feminino/masculino. Também não questionam os estereótipos de gênero, ampliando as noções de feminilidades e masculinidades.

4.2. Recorte qualitativo: reportagens selecionadas

Pensando no objetivo geral de minha pesquisa – que é identificar os sentidos que circulam sobre as mulheres atletas na mídia – e os objetivos específicos, selecionei, ao todo, 20 reportagens para a análise qualitativa. A seleção desse material foi feita considerando duas perspectivas: 1) de produção da própria mídia; e 2) de feministas/de gênero. Além de considerar perspectivas diferentes, a divisão serviu para seleção do material e identificação dos repertórios. Já a discussão dos sentidos e análises foram feitas em conjunto. As reportagens selecionadas podem ser conferidas na íntegra no Apêndice A.

Além disso, é importante destacar que selecionei reportagens que abordavam atletas de forma específica. Notícias que tratavam de seleções femininas no geral se mostraram muito genéricas, relatando passes do jogo e número de gols; ou seja, não se referiam necessariamente às atletas. Optei também por selecionar as reportagens que possuíam maior

número de comentários dos usuários do site, pois estes, de certa forma, funcionam como um termômetro do que mais tem suscitado interesse e repercussão entre os leitores. O volume de comentários se mostrou muito alto, sendo que uma análise mais detalhada deles estenderia demais as discussões, bom como muitos apenas confirmavam posicionamentos dos(as) jornalistas. Assim, ressalto que os comentários propriamente ditos não entraram nas análises, apenas foram utilizados como critério para a seleção das reportagens para serem analisadas.

4.2.1. Análise na perspectiva de produção da mídia

Com o interesse de analisar os sentidos e repertórios numa perspectiva mais voltada para o contexto de produção da própria mídia, utilizei as temáticas com maior número de publicações como critério de escolha para a análise. Retornei à Tabela 4 e optei por analisar as 5 reportagens mais comentadas dentro das temáticas: desempenho/carreira (257 publicações) e comportamento/relacionamento/sexualidade (108 publicações). Esses números indicam que a equipe responsável pelas publicações no site da UOL considerou esses assuntos os mais relevantes sobre as atletas, bem como utilizou essas temáticas para dar destaque à notícia.

Assim, construí a Tabela 5 a seguir:

Tabela 5 – Reportagens selecionadas para análise qualitativa na perspectiva de produção da própria mídia, número de comentários de cada reportagem e o(a) autor(a). (Total: dez)

Temática	Título da Reportagem	Número de comentários	Jornalista
Desempenho; carreira	Hope Solo é suspensa por seis meses por chamar suecas de 'covardes' na Olimpíada	176	Pedro Vilela
	Rafaela Silva dá ao Brasil sua primeira medalha de ouro na Rio-2016	170	Bruno Doro
	Murer chora, cita lesão e anuncia aposentadoria: 'Foi minha última Olimpíada'	165	Pedro Ivo Almeida e Luis Augusto Sim
	Ingrid confirma fim de dupla com Giovanna e mira Tóquio: "ganharei medalha"	133	José Ricardo Leite
	Eliminada, Joanna ganha afago e diz: 'Quem decide a hora de	117	Antônio Strini e Igor Resende

	parar sou eu'		
Comportamento; relacionamento; sexualidade	Ingrid desabafa sobre Giovanna e diz: "Minha vida só diz respeito a mim"	158	Sem indicação de autoria
	Joanna presta queixa após ataques, mas admite erro em piada com transgênero	158	Pedro Ivo Almeida
	Após vaias, Hope Solo explica cuidado com zika: "Quero começar uma família"	99	Sem jornalista
	Mayra e Rafaela não prestam continência por receio de represália	90	Bruno Doro e Luiza Oliveira
	Casal-símbolo dos Jogos: conheça a história de amor de Isadora e Marjorie	79	Fernanda Schimidt

Na temática comportamento/relacionamento/sexualidade, as 5 reportagens mais comentadas eram sobre o episódio de agressões virtuais sofridas pela nadadora Joanna Maranhão e as narrativas envolvendo a atleta dos saltos ornamentais Ingrid Oliveira. Assim, a fim de buscar maior variedade nessa temática, optei por escolher as 5 reportagens mais comentadas relativas a diferentes atletas.

Mas é interessante notar que mesmo pensado nessa diversidade, nas duas temáticas, tanto Desempenho/Carreira, como Comportamento/relacionamento/sexualidade, as atletas mais comentadas se repetem. Podemos pensar na própria retroalimentação entre audiência-mídia. A UOL publica uma reportagem sobre uma atleta, que gera muitos comentários, e o interesse do público sobre o tema faz com que a UOL torne a publicar sobre a atleta e o assunto, gerando um ciclo relacionado ao consumo.

Pode-se perceber que quantitativamente há uma baixa diversidade em relação à representação das atletas. Contabilizei somente 170 atletas diferentes nas 454 reportagens registradas, sendo que participaram aproximadamente 5 mil atletas nas categorias esportivas classificadas como femininas nas Olimpíadas do Rio.

4.2.2. Análise na perspectiva feministas/de gênero

A Tabela 6 contabiliza as reportagens que teriam maior probabilidade de se aproximar das perspectivas feministas/de gênero por fazerem parte da campanha QTP ou por serem escritas por integrantes de revistas nomeadamente feministas. Separei a produção da campanha QTP da produção das revistas, pois as primeiras reportagens foram escritas por jornalistas da UOL, já as segundas são de autoria das revistas feministas, portanto não possuem a identificação QTP.

Tabela 6 – Panorama geral do quantitativo de reportagens e comentários das reportagens Quero treinar em paz ou de autorias das revistas feministas

Produções	Total de publicações	Total de comentários
Revista Azminas	11	366
Quero treinar em paz	9	272
Dibradoras	1	1
Think Olga ²⁹	0	0
Total	21	639

A Tabela 6 destaca os quantitativos referentes ao total de reportagens, bem como à somatória dos comentários de todas as reportagens e média simples entre quantidade de comentários e de reportagens identificadas como integrantes da campanha QTP ou de autoria das revistas feministas. A comparação entre o quantitativo total de reportagens (454) e as reportagens que deliberadamente se dizem em prol de uma equidade de gênero (21) é muito pequena.

Objetiva-se verificar quais as aproximações e/ou distanciamentos do conteúdo dessas reportagens com as teorias feministas/de gênero. Para esta análise optei por escolher 4

²⁹ A ONG, por meio da sua revista, apenas participou da produção dos vídeos da campanha QTP, portanto não foi contabilizada nas publicações escritas.

reportagens da campanha QTP e 4 reportagens de autoria das autoras feministas. Nessa seleção, optei por escolher reportagens que tratavam de atletas em específico, em detrimento de reportagens sobre modalidades coletivas. Também escolhi somente reportagens que abordavam atletas profissionais. Devido esses dois critérios de escolha, não foi necessário levar em consideração o número de comentários, pois ao aplicar os critérios anteriores, analisei as reportagens que restaram.

Além disso, essa divisão na escolha, entre QTP e revistas feministas, se deu com a intenção de comparar os sentidos produzidos pelos diferentes grupos de redatores, tendo em vista as diversidades de lugar de fala. Penso nesse primeiro momento que ambas as produções, tanto das matérias do QTP como das autoras feministas, teriam como função problematizar questões de equidade de gênero no esporte. Seguem as matérias selecionadas, na tabela 7, do especial QTP, e na tabela 8, escritas em parceria com a revista AzMina:

Tabela 7 – As 5 reportagens selecionadas da campanha Quero Treinar em Paz

Título da reportagem	Quantidade de comentários	Jornalista	Temática principal
“Acho errado esse negócio de 'vou ver só porque ela é bonita’”, diz Ingrid	190	José Ricardo Leite	Corpo/estética
“Me perguntam como sou musa se sou baixinha e gordinha”, diz esgrimista	25	Adriano Wilkson	Corpo/estética
Desafiou equipe - Ela teve de parar de nadar para ser ouro nos 50 m no Rio	02	Guilherme Costa e Gustavo Franceschin	Desempenho/carreira
"É o meu maior desafio", diz inglesa sobre defesa do ouro após gravidez	00	Fernanda Schimidt	Desempenho/carreira

Tabela 8 – As 5 reportagens selecionadas dentre as publicações em parceria com as revistas feministas

Título da reportagem	Quantidade de comentários	Autora	Temática principal
Ingrid Oliveira, atleta dos saltos ornamentais, faz sexo - e sua mãe também	327	Letícia Bahia	Comportamento/relacionamento/sexualidade
Reflexões de uma favelada sobre a vitória de Rafaela Silva	6	Ana Paula Lisboa	Sexo/gênero/raça/

			classe
Exigência de beleza e uniforme curto atrapalham mulheres, dizem estudiosos	1	Carolina Vicentin	Corpo/estética
Novas regras olímpicas abrem portas para atletas transexuais. Ainda é pouco.	1	Amara Moira	Sexo/ gênero/ raça/ classe

Nessa seleção, nota-se que o assunto se divide em quatro principais temas: corpo/estética (três reportagens), sexo/gênero/raça/classe (duas reportagens), desempenho/carreira (duas reportagem) e comportamento/relacionamento/sexualidade (uma reportagem), mostrando certa diversidade nos interesses temáticos.

4.3. Da produtividade ao questionamento: repertórios, sentidos e vozes que constroem as mulheres atletas

Hacking (2001) afirma que as ideias não ocorrem em um vácuo, mas em uma estrutura social, denominada pelo estudioso como matriz discursiva, dentro do qual se forma uma ideia, um conceito. As interações não ocorrem sozinhas, mas dentro das matrizes. Essas matrizes geram, sustentam e circulam diferentes formas de tratamento em relação às ideias e conceitos. As matrizes dão aporte às interações sociais e às negociações de sentidos, sendo que as instituições e as práticas sociais mantêm essas matrizes. Por serem necessariamente interativas e se referir a conceitos vinculados a pessoas, as matrizes possibilitam que as pessoas possam se identificar ou reagir a essas matrizes, criando uma polissemia de sentidos.

Os repertórios encontrados enfatizam certos sentidos e lugares que uma atleta deve ocupar. Portanto, levando em consideração a teoria de Hacking (2001), foi possível identificar três matrizes discursivas, que dão força e sentido aos repertórios interpretativos identificados, os quais serão discutidos a seguir.

4.3.1. Matriz produtiva: repertórios vinculados a desempenho técnico, vitória ou derrota

Encontram-se na matriz produtiva repertórios como: “campeã olímpica”, “medalhista de bronze”, “atleta”, “nadadora”, “saltadora”, “espadachim”, “boa”, “rápida”, “mais rápido”, “melhor ainda”, “não foi muito eficiente”, “última colocação”, “lesionada”, “maior destaque individual”, “grande esperança”, “não pode errar”, “não tem margem para erro”, “precisou enfrentar os fantasmas olímpicos”, “desacreditada”, “chance muito grande de ganhar”, “coisa que ninguém fez”, “a melhor”, “competição digna”, “decepção”, “futura campeã”, “eliminada”, “alto nível”, “treinei o máximo que podia”, “treinei muito”, “continuar tentando e treinando”, “será medalhista”.

Na matriz discursiva produtiva, as atletas são descritas com uso de termos técnicos e/ou esportistas. Estes dão sentido ao desempenho, que está relacionado a derrota, vitória, perspectivas futuras, dificuldades do passado e de superação de resultados. Os repertórios tendem a se referir a conquistas mais objetivas e mensuráveis: ou se ganha ou se perde; ou se tem medalha ou não se tem. Não abrem muito espaço para questionamentos, e sobra somente à atleta se posicionar em relação a sua vitória ou prometer que irá melhorar o desempenho, caso tenha perdido, ou então anunciar aposentadoria.

Portanto, os repertórios partem de uma perspectiva mais produtivista e de rendimento, e dizem respeito à profissão da atleta. Não há muita noção de gênero ou de outros marcadores sociais nesses repertórios. Como exemplo, trago a fala de Joanna Maranhão, nadadora, presente na reportagem “Eliminada, Joanna ganha afago e diz: 'Quem decide a hora de parar sou eu'”, de autoria dos jornalistas Antônio Strini e Igor Resende:

Jogos Olímpicos é isso. Quem está na situação que estou, do 16º ao 24º, não pode errar de manhã, não tem margem de erro. Esses cinco centésimos foi um erro, causou com que eu não passasse para as

semifinais. Mas eu queria muito, lutei o tempo inteiro, e por lutar tanto que meu *crawl* não foi muito eficiente, quis sair rodando muito o braço". (grifos meus).

Já na reportagem “Mulher chora, cita lesão e anuncia aposentadoria: Foi minha última Olimpíada”: “A atleta de 35 anos é o maior destaque individual na modalidade do país nos últimos anos” (grifo meu), os jornalistas Pedro Ivo Almeida e Luis Augusto Simon utilizam o repertório “maior destaque individual” para apresentar a atleta Fabiana Murer, do salto com vara. Esse tipo de repertório geralmente é utilizado para discorrer sobre a modalidade na qual a atleta compete, sobre as expectativas em relação ao desempenho e/ou os resultados obtidos.

Os repertórios e conteúdos pertencentes a essa matriz muitas vezes se tornam apenas ponte para falar de aspectos que não se vinculam ao desempenho/carreira, mesmo quando a chamada e assunto principal da notícia dá destaque ao desempenho/carreira da atleta. Na reportagem de José Ricardo Leite, “Ingrid confirma fim de dupla com Giovanna e mira Tóquio: ‘ganharei medalha’”, a primeira parte do texto se encaixa na matriz produtiva, cujo enfoque é maior é sobre o fim da dupla de saltos ornamentais e os planos futuros da atleta.

Entretanto, após essa passagem, o jornalista acrescenta aspectos relacionados à temática comportamento/relacionamento/sexualidade, trazendo informações sobre um suposto relacionamento de Ingrid e a opinião de outra atleta sobre isso. Mesmo quando as notícias são sobre desempenho/carreira, os repertórios da matriz produtiva não são tratados como suficientes para dar sentido à atleta. Então utilizam-se repertórios que compõem as outras matrizes.

Sobre essa constatação, Souza e Knijnik (2007) apontam que a mídia se preocupa em relacionar o esporte às vidas pessoais das atletas como forma de mostrar que, mesmo estando inseridas no contexto esportivo, as outras áreas de suas vidas continuam conforme “devem ser”. Ou seja, os veículos buscam ressaltar que mesmo sendo atletas elas ainda são esposas,

mães, filhas, estudantes. Isso também pode ser observado na reportagem já citada, sobre Joanna Maranhão. No trecho a seguir, é possível notar que os jornalistas dão bastante importância à relação de matrimônio da atleta:

Assim que passava pela zona mista do Estádio Aquático Olímpico, a nadadora recifense recebeu o apoio do marido, o judoca Luciano Corrêa. Eles conversaram por alguns minutos, trocaram um abraço até que ela atendesse os jornalistas.

Outro aspecto interessante é que quando a reportagem fala sobre vitórias, os(as) próprios jornalistas se encarregam de ressaltar as conquistas das atletas, utilizando os repertórios “campeã”, “medalhista”, “a melhor”. Quando há derrota, os(as) jornalistas não marcam as conquistas e desempenhos, e usam termos como “era o maior destaque individual”, “decepção” ou “era a grande esperança”, ressaltando que a atleta frustrou as expectativas dos torcedores. E então as atletas que acabam por utilizar repertórios que exaltam seus feitos e suas próprias conquistas, utilizando repertórios como: “boa”, “rápida”, “coisa que ninguém fez”, “minha competição foi digna”, “salto de alto nível”. Além disso, as atletas que não obtiveram medalhas tendem a prometer superação de resultados nas próximas competições, por meio de repertórios como “posso ir mais rápido”, “melhor ainda”, “será medalhista”, “continuar tentando e treinando”.

Neste momento da análise, é possível perceber que há diferenças de posicionamentos de acordo com as vozes do texto. É fato que os(as) jornalistas não estão envolvidos(as) com o dia a dia de treinos das atletas, e não acompanham a dedicação, os problemas, os desafios e as vivências cotidianas delas. Ou seja, quem faz a cobertura jornalística entra em contato com essa realidade apenas nos momentos competitivos. No momento da conquista da vitória, o que se publica, então, é que a atleta “fez seu dever de casa” e cumpriu o que era esperado dela. Mas quando não é vitoriosa, seu desempenho e capacidade competitiva são colocados

em dúvida, criando a necessidade de que a atleta se posicione, reafirme que tem competência técnica e que já traçou planos para corrigir o erro.

Ao ocupar um espaço considerado masculino, há necessidade de a mulher reafirmar suas competências, suas capacidades e lembrar que também pode ocupar aquele lugar. Afinal, o contexto esportivo ainda é encarado como pertencente ao masculino. Ao estarem nesse espaço, as mulheres tornam-se infratoras, sendo cobradas para apresentarem resultados significativos ou mostrarem que realmente se dedicam e vivem em função do esporte (Maia, 2015). Pois se as atletas não convencem de sua dedicação, logo são questionadas sobre aposentadoria e/ou convidadas a ocuparem suas “devidas funções sociais”, como matrimônio ou maternidade, em vez de estarem em um espaço que “não as pertencem”.

Ainda acerca dos diferentes repertórios e sentidos relacionados a perder ou vencer, é importante notar que as reportagens selecionadas para análise feita aqui apenas envolvem duas medalhistas, ambas judocas:³⁰ Rafaela Silva e Mayara Aguiar. As outras atletas abordadas nas reportagens não foram medalhistas nessas Olimpíadas. Outro dado observado é que os(as) usuários(as) do site da UOL tendem a comentar mais em notícias não vinculadas a vencedoras.

4.3.2. Matriz prescritiva: repertórios que orientam comportamentos e/ou lugares adequados às mulheres (atletas)

Uma das funções dos esportes e das atividades físicas é disciplinar os corpos. Torná-los adequados ao desempenho das mais diversas funções sociais, seja para guerra, maternidade, estética, conquista da autonomia etc. Assim, a prática esportiva vincula-se diretamente à noção de corpo que uma sociedade constrói. Então, dependendo do sexo,

30 Ao todo, nas modalidades femininas, tivemos 02 medalhas de ouro (judô e vela); 01 medalha prata (vôlei de praia) e 02 medalhas de bronze (maratona aquática e judô).

gênero, raça, classe, idade, sexualidade, entre outros marcadores, temos ou não autorização social e institucional para transitar, performar ou existir.

Além dos corpos biológicos, o esporte também nos diz sobre nossos corpos simbólicos e orienta sobre o que é considerado (in)adequado fazer ou deixar de fazer em nossos contextos de acordo com os lugares (e corpos) que ocupamos. Segundo Soares (2008, p. 75),

[a]s pedagogias que se elaboram para educar o corpo incorporam, em seus lentos processos de constituição, as transformações da sensibilidade de cada época e, mais precisamente, uma racionalização da vigilância sobre o outro e sobre si mesmos, sobre o próprio corpo. É possível, portanto, falar de “[...] modelos que ao governar o funcionamento do corpo, governam mesmo os meios que o educam” (Foucault, 1994, p. 302).

Ao considerar essa noção pedagógica que envolve as práticas esportivas, encontrei a segunda matriz discursiva: a prescritiva. Nos repertórios relativos a esta matriz, os sentidos direcionam o que é indicado ou não para as atletas. Para além de quem ocupa o espaço esportivo, esses sentidos nos dizem respeito ao que é esperado para as mulheres também em outros ambientes.

Nos repertórios prescritivos há poucos – ou quase nenhum – questionamentos acerca das hierarquias, dicotomias e estereótipos que envolvem as questões de gênero. Não questionam a naturalização biológica que separa e hierarquiza homens e mulheres, masculino e feminino, tratando esses conceitos como opostos e binários. Ainda são predominantes os estereótipos de feminino tradicional, pautados no emocional, na aparência física, relacionamentos e comportamentos não competitivos (Kolnes, 1995; Adelman, 2003).

Em relação ao emocional, há repertórios como “irritada”, “decepcionada”, “chorando”, “pressionada”, “indignada”, “temerosas”, “receosas”. Todos os repertórios citados são

utilizados pelos jornalistas para descrever as atletas. São termos que demonstram fragilidade emocional. Firmino (2014, p. 45), em seu trabalho com mídia e olimpíadas, também destaca como as notícias relacionam as mulheres à fragilidade ou ao descontrole emocional:

É comum observarmos na mídia diversas representações estereotipadas sobre a mulher atleta: em algumas, ela se torna refém de sua própria condição física e se destaca pela beleza – como musa – em outras aparece apenas como reflexo de seus sentimentos e do descontrole emocional caracterizado como tipicamente feminino – explicado, inclusive, por fatores biológicos.

É interessante notar que geralmente são emoções presumidas pelo(a) jornalista, com exceção do “choro”, que é algo visível, conforme trechos a seguir: “Pressionada e indignada com os fracassos anteriores, a atleta foi para a terceira tentativa com os mesmos 4,55 m e não teve êxito.” (Grifos meus). “A decepção pelo erro no salto duplo e meio mortal de costas carpado, que custou uma vaga nas semifinais da prova da plataforma de 10 m dos saltos ornamentais, era visível na face de Ingrid Oliveira.” (Grifos meus).

Percebe-se pela leitura dos trechos que as palavras grifadas não definem emoções classificadas pelas próprias atletas. Foram os(as) jornalistas que “leram” e nomearam as emoções, sendo deduções de quem escreve a matéria. O tom do texto poderia recair sobre o esforço e a dedicação das atletas, ou ainda sobre outros elementos considerados positivos pela nossa sociedade a respeito do esporte. Entretanto, os(as) jornalistas optam por enfatizar o emocional fragilizado, que influencia o desempenho das atletas.

Pereira, Pontes e Ribeiro (2014), em uma pesquisa que analisou fotos de atletas mulheres e as legendas em jornais no contexto das Olimpíadas, afirmam que era comum a mídia utilizar termos que faziam alusão à sensibilidade e ao emocional das atletas. Esse estereótipo da fragilidade ou do descontrole emocional está constantemente presente nas

práticas discursivas. Algumas vezes as próprias atletas utilizam esses termos ao se referirem a si mesmas: “Achei que foi uma competição muito boa, tirando o penúltimo salto, que eu estava muito ansiosa em fazer” – Fala de Ingrid Oliveira (Grifo meu).

Em contrapartida, alguns estereótipos, quando não são assumidos pelas mulheres, acabam por serem confrontados ou questionados pelos(as) repórteres. Por exemplo, a goleira Hope Solo, que em vez de ser relacionada à fragilidade, foi vinculada à hostilidade, e até punida institucionalmente por isso, sendo posteriormente suspensa.

Na reportagem “Hope Solo é suspensa por seis meses por chamar suecas de 'covardes' na Olimpíada”, destaca-se o fato de a atleta ter ofendido as adversárias após a derrota. A atleta referiu-se às adversárias como “covardes”. A hostilidade e agressividade geralmente é vinculada ao estereótipo masculino, não devendo as mulheres agirem assim, sob pena de serem punidas:

A vontade de vitória, garra, luta pelo espaço e destruição simbólica do adversário, que estão presentes no mundo esportivo, requerem ações bruscas dos atletas, sejam homens ou mulheres. Com as mulheres atletas é comum que atitudes mais ríspidas sejam deturpadas e levem ao preconceito, surgindo insinuações dúbias e piadas estigmatizantes, como se esse tipo de atitude fosse de domínio masculino. (Knijnik & Vasconcellos, 2003, p. 40).

Assim, o destaque para o emocional fragilizado pode se referir também à necessidade de demarcar uma certa simpatia e não hostilidade por parte das atletas, como forma de amenizar a postura agressiva muitas vezes associada ao esporte. Às mulheres é ensinada uma postura mais receptiva, mesmo quando assume um porte mais combativo diante de algum acontecimento.

Na reportagem “Joanna presta queixa após ataques, mas admite erro em piada com transgêneros”, a nadadora comparece à delegacia para denunciar ameaças virtuais que recebeu após participar das Olimpíadas. Joanna afirma: “Acredito em punição, mas sem rancor.” (Grifo meu). Ou na notícia “Ela parou a carreira para treinar como queria. Agora é campeã olímpica”, em que o destaque são os desafios que a nadadora Pernille Blume teve de enfrentar para poder treinar na modalidade que preferia: “Coroadada, ela prefere não atacar quem a impediu de treinar como queria” (Grifos meus).

De acordo com o senso comum, mulheres consideradas “brigonas” ou hostis devem encontrar nos esportes motivos para se acalmar e se adequar. Afinal, elas só são autorizadas a ocupar um espaço “masculino” se for para finalmente se adequarem ao “feminino”. E, caso isso não ocorra, podem haver punições, como no caso anteriormente apresentado da goleira Hope Solo. Essa noção acerca das mulheres no esporte também está presente no trecho da reportagem “Rafaela Silva dá ao Brasil sua primeira medalha de ouro na Rio-2016”. Bruno Doro registra que “A história da judoca começou em uma academia montada em sua rua, quando seus pais buscavam uma atividade para acalmar a menina brigona.” (Grifo meu).

Os esportes, então, reproduzem uma lógica da adestração dos corpos, tornando-se tecnologias de gênero e mecanismos de controle dos corpos e suas performances de gênero e sexualidade (Foucault, 1994). Existe uma prescrição de

uma forma “feminina” de estar no espaço que é de limitação: de deferência e diminuição, em lugar de expansividade. Nessa construção, o que está em jogo são as energias e os recursos do corpo feminino, uma verdadeira *batalha política*, em que, evidentemente, tem muito para ganhar ou perder. (Adelman, p. 451, 2003).

Às mulheres não são adequados comportamentos ou corpos combativos. Caso assim sejam, elas devem direcionar essa energia para atividades institucionalizadas e aceitas socialmente, como os esportes – e somente ao contexto da competição esportiva. E então diante dessa demanda da mídia de encaixar-se socialmente nos estereótipos do que é esperado para uma mulher atleta, ou para as mulheres de forma geral, as “mulheres atletas profissionais são quase obrigadas a adotar uma postura apologética, tomando o cuidado necessário de mostrar para o público que sua prática no esporte *não compromete* sua feminilidade” (Adelman, 2003, p. 448).

Atletas que de alguma forma não agem conforme esperado, devem posteriormente se justificar e se desculpar publicamente por seus comportamentos. Novas reportagens são feitas, depoimentos vêm a público, tudo isso a fim de que elas possam se retratar. Essa demanda da mídia aponta como elas devem agir na vida pública, além, é claro, de deverem satisfação por suas performances e ações, pois punições podem ocorrer caso nós, mulheres, não performemos de acordo com o esperado – de suspensões (Hope Solo) a ameaças de estupro (Joanna Maranhão).

Assim, estamos sempre pensando se devemos e como devemos agir e nos comportar. Há ameaças (in)visíveis que limitam e direcionam nossos posicionamentos, discursos e comportamentos. Na reportagem “Mayra e Rafaela não prestam continência por receio de represália”, a dupla de jornalistas Bruno Doro e Luiza Oliveira destaca os motivos que levaram as duas atletas, que são atletas militares, a não prestarem continência à bandeira ao subir ao pódio. Eles definem a atitude como “temor” e “receio”, e comparam, ao final da reportagem, com a atitude do atleta militar masculino que prestou continência.

Também trago à análise a reportagem “Após vaias, Hope Solo explica cuidado com zika: “Quero começar uma família”. O foco seria os motivos que levaram Hope Solo a fazer uma brincadeira sobre o excesso de proteção em relação ao zika vírus. Mas a fala da atleta

não foi bem recebida pela torcida brasileira, o que gerou diversas vaias e manifestações contra a atleta durante as Olimpíadas. Ela teve que se justificar posteriormente, ressaltando a intenção de engravidar num futuro próximo. Neste caso, é possível verificar como ações pautadas no feminino tradicional tornam-se mais aceitas. O fato de buscar maternidade torna o comportamento zombador da mulher mais aceitável.

A maternidade também é assunto na reportagem “É o meu maior desafio”, diz inglesa sobre defesa do ouro após gravidez”. Apesar da notícia exaltar a carreira da atleta, o destaque está em algumas dificuldades para retomar a rotina de treinos e conseguir classificar-se para as Olimpíadas após a atleta Jessica Ennis-Hill descobrir uma gravidez não planejada. A matéria, da seleção do especial QTP, trás repertórios como: “(o filho) foi a melhor coisa que poderia ter acontecido”, “estou numa posição privilegiada”, além do repertório que dá título a notícia, “É o meu maior desafio”. São todos sentidos exaltando a gravidez e a maternidade, mesmo que tenha sido não planejada.

Ao contrário de Hope Solo, que se utilizou da maternidade como justificativa para apaziguar a situação, ou a Jéssia Ennis-Hill, que se tornou exemplo por conseguir conciliar a profissão de atleta com a maternidade, Ingrid Oliveira teve na sua sexualidade motivos para tornar-se alvo de diversas reportagens e comentários ao longo do evento. A atleta dos saltos ornamentais chegou a usar seus perfis nas redes sociais para explicar os diversos conflitos com a companheira de time Giovanna, o que culminou na separação da dupla. Sua justificativa pública tornou-se conteúdo para a reportagem “Ingrid desabafa sobre Giovanna e diz: “Minha vida só diz respeito a mim”. Ou seja, assim como a maternidade de Hope Solo deve ser compartilhada e discutida socialmente para defender sua postura, a sexualidade de Ingrid também não diz respeito somente a ela”.

Segundo Rubin (1989, p. 1),

[a] esfera da sexualidade também tem sua política interna, desigualdades, e modos de opressão. Como em outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade em um determinado tempo e lugar são produto da atividade humana. São imbuídas de conflitos de interesse e manobras políticas, ambas deliberadas e incidentais. Nesse sentido, o sexo é sempre político. Mas há períodos históricos em que a sexualidade é mais nitidamente contestada e mais excessivamente politizada. Nesses períodos o domínio da vida erótica é, de fato, renegociado.

Os diversos grupos sociais nos quais uma pessoa se encontra são atravessados transversalmente por um sistema de opressão sexual. Apesar de afetar de forma diferente cada um dos grupos, não se reduz ou restringe a eles, sendo que mesmo os grupos mais privilegiados (homens, brancos, ricos, heterossexuais) sofreriam em menor grau opressões sexuais. E, claro, as consequências da sexualidade, mais ou menos aceitas, também são variadas, desde pequenos aborrecimentos a construção de patologias (Rubin, 1989).

O trecho na reportagem apresentada anteriormente, por exemplo, afirma que Ingrid “quebrou as regras”. Mas que regras seriam essas?

Giovanna Pedroso e Ingrid se desentenderam. E o caso se complicou depois de Ingrid quebrar as regras com a sua colega ao levar para o quarto que dividia com ela na Vila o também atleta Pedro Henrique Gonçalves da Silva, 23. A parceria terminou na oitava (e última) colocação. (grifo meu).

Ao mesmo tempo, aos atletas masculinos, como o corredor Usain Bolt, são permitidos e autorizados exercerem sua sexualidade no alojamento do evento, não causando “polêmicas”,

punições e nem necessidade de justificar-se. Geralmente, às mulheres (brancas³¹) é determinado o lugar da pureza em relação ao sexo e à sexualidade, sendo permitido somente para a maternidade; ou seja, o envolvimento é heteronormativo, orientado para construção e manutenção familiar: “Parte da ideologia moderna do sexo pressupõe que o apetite sexual é da província do homem e que a pureza é da mulher” (Rubin, 1998, p. 48).

Assim, o fato de Ingrid assumir uma sexualidade, mesmo que heteronormativa, é motivo para ser questionada, bem como seu desempenho na competição, na última colocação, ser relacionada ao envolvimento sexual “não permitido”. Além disso, o “sujeito” da ação é a mulher, o que contradiz o esperado para uma relação sexual. Bordo (1988) afirma que nos discursos sobre a sexualidade, que orientam a hierarquia social entre homens e mulheres, é relegado ao feminino o *status* de objeto, estruturado para o prazer masculino.

Os repertórios e sentidos discutidos na matriz prescritiva nos mostram que nós, mulheres, não devemos estar nesses espaços ou desempenhando certos comportamentos. Não devemos emitir opiniões, não devemos confrontar ameaças e muito menos ter sexualidade. Diz-nos onde e como devemos estar. Caso essas obrigações não sejam cumpridas, somos suspensas, vaiadas, questionadas e até mesmo “merecemos ser estupradas”.

Em relação a esses casos, os repertórios mais usados para se referirem a essas atletas são “polêmica” e “comentários polêmicos”. Quando a atleta (ou a mulher) não age conforme esperado, confronta ou questiona seu lugar ou ainda o que é esperado dela, ela é identificada como “polêmica”, causadora de transtornos e criadora de desordem. E recebe destaque por isso, e não por sua carreira e/ou desempenho.

Outro repertório constantemente presente na matriz prescritiva se refere ao corpo, mais especificamente à idade. Há uma constante busca pela manutenção do corpo jovem. E, caso esses corpos não se adéquem à juventude, eles devem se esconder e se envergonhar.

31 Pois às mulheres negras é guardado o lugar da sexualidade instintiva e “aflorada”, dos serviços sexuais. (gonzales, 1984).

Acompanha a busca pela juventude diversos produtos e mercados, cosméticos dos mais variados, procedimentos médicos e cirúrgicos, academias de ginástica e fórmulas rejuvenescedoras milagrosas. As mulheres (ricas e de classe média) são o principal público-alvo desse comércio. Diante desse contexto, a mídia reforça a demanda pela juventude, como se os corpos que ultrapassassem certa idade não deveriam mais transitar e se expor (Sibilia, 2012): “Porque nesta ‘sociedade do espetáculo’, que insta a conquistar a qualquer custo a visibilidade e a celebridade midiática para poder ‘ser alguém’, a velhice é um direito negado” (Sibilia, 2012, p. 149).

Os corpos que antes não podiam ser nus, agora quando nus devem observar as regras de suas exposições. E torna-se doloroso mostrar o corpo com todas as suas imperfeições, sem disfarces. O problema não é mais em relação à nudez, mas à inadequação aos padrões estéticos:

Pode-se dizer que sob a moral da “boa forma”, um corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis e sem excessos é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido. [...] Nessa cultura, que classifica, hierarquiza e julga a partir da forma física, não basta ser gordo(a) é preciso construir um corpo firme, musculoso, livre de qualquer relaxamento ou moleza, e qualquer sinal dessas características são tomados como símbolo tangível de indisciplina, do desleixo, da preguiça, da falta de certa virtude, isto é, da falta de investimento do indivíduo em si mesmo. (Goldemberg & Ramos, 2002, p. 4 e 5).

Nesse processo, a mídia tem um papel fundamental, por meio de publicidade, revistas, programas televisivos, internet, reportagens e etc. Esses veículos, muitas vezes de forma desinteressada, vendem “ilusões bem fundamentadas” (Bourdieu, 2002), que tomam como

referência o discurso científico de especialistas e prometem uma perfeição estética, desde que sejam cumpridas, rigorosamente, todas as suas orientações. Incluindo noções de atividade física adequadas para aperfeiçoar a manutenção desse corpo jovem e com boa forma.

Junta-se a essa noção de “culto ao corpo” e moral da “boa forma” a própria permissão social da prática esportiva por mulheres no Ocidente. Com argumentos médicos/higienistas, as mulheres passam a ser autorizadas à prática amadora de atividades físicas e esportes a fim de preparar o corpo da mulher jovem para a maternidade (Nicolson, 1996; Amâncio, 1998; Adelman, 2003; Guzzi, 2010).

Assim, atletas mais velhas deveriam parar de praticar esportes, já que não exercerão a maternidade, ou, pelo contrário, devem parar de praticar esportes para se dedicar à maternidade, pois de qualquer forma seus corpos “velhos” já não mais pertencem a esse lugar. Além disso, como ressalta Goellner (2005), o corpo das atletas passam a ser objeto de desejo, tanto no sentido da erotização quanto no sentido de corpo saudável (e jovem), o que faz questionar a presença de corpos que não se enquadram nesse padrão.

Os(as) jornalistas sempre destacam a idade da atleta. Quando ela possui por volta de 30 anos, chamam-na de “veterana”: “Juliana Veloso, 35, [...]. A veterana [...]” (Grifos meus); caso a atleta tenha por volta dos 20 anos, a nomeiam como “novata” ou “jovem”: “A jovem saltadora de 20 anos garantiu que o erro não será motivo para não tentar mais a execução do salto.” (Grifos meus). E, neste caso, a inexperiência é considerada fator que afeta o desempenho.

As veteranas são questionadas quanto a uma próxima participação nas Olimpíadas e uma possível aposentadoria, como se corpos com mais de 30 anos não pudessem produzir o mesmo desempenho e atingir resultados capazes de alcançar medalhas. Na reportagem “Murer chora, cita lesão e anuncia aposentadoria: Foi minha última Olimpíada”, os jornalistas destacam por duas vezes, na mesma reportagem, a idade da atleta: “a lesão preocupa a

brasileira de 35 anos”; e mais à frente repete: “A atleta de 35 anos é o maior destaque individual na modalidade do país nos últimos anos” (Grifos meus). Apesar de ser destaque, seu corpo de 35 anos não acompanha as promessas de desempenho, sendo cometida por hérnia de discos e lesões.

O mesmo acontece com a nadadora Joanna Maranhão. Os jornalistas destacam sua idade e que, por isso, há a expectativa de que ela opte por aposentar-se: “E aos 29 anos, negou que pense em se aposentar das piscinas e deixou aberta a possibilidade de tentar uma nova vaga nos Jogos de Tóquio em 2020, quando terá 33” (Grifos meus). A atleta precisa afirmar que apesar de ter 29 anos – idade que a mídia já considera avançada – Joanna Maranhão ainda é capaz de competir e ter um bom desempenho, afastando a ideia de uma aposentadoria:

Sinceramente me sinto muito jovem. [...] Não estou com um corpo e uma cabeça de uma pessoa de 29 anos. E enquanto eu quiser nadar e acreditar que posso nadar, vou continuar vindo forte, brigando por uma semifinal, pelo meu melhor. Quem decide a hora de parar sou eu. [...] Ainda sou boa, rápida, e acredito que posso ir mais rápido e melhor ainda. Enquanto acreditar nisso, vou estar aí brigando.

“Musa” é outro repertório encontrado nas matérias relacionado aos corpos das atletas. Ao contrário do que apontam pesquisas acerca de mulheres atletas e mídia, somente uma reportagem fez uso do termo na matriz prescritiva. O texto é da seleção do QTP: “Me perguntam como sou musa se sou baixinha e gordinha’, diz esgrimista”. Escrita pelo jornalista Adriano Wilkson, a notícia tenta desconstruir a noção de musa, com o argumento de que a esgrimista brasileira Amanda Simeão encontra-se “fora dos padrões” de um corpo considerado “modelo”. Entretanto, a forma como a matéria é escrita e os argumentos utilizados não desconstruem a noção de musa. Muito pelo contrário, o texto reafirma padrões estéticos e a necessidade de a mulher se destacar por atributos físicos.

A reportagem também se refere a Amanda Simeão como “a mulher que disse não à Playboy” ou “a musa da esgrima”. Ainda segundo o texto, a esgrimista teria recusado fazer o ensaio sensual à revista dedicada ao público masculino por ser atleta militar. Aqui, novamente, temos a noção já discutida sobre o receio das mulheres de se comportarem contra normas e padrões sociais ou institucionais e sofrer represálias: “Ela só recusou fazer o ensaio porque, como é atleta militar, as fotos se chocariam com os valores das Forças Armadas”.

A matéria também destaca o fato de a atleta gostar de “ser musa” mas não entender por que recebe esse título, já que se considera “gordinha e baixinha”: “Amanda mede 1,66 m e pesa 62 kg. Suas duas colegas do time de espada são dez centímetros mais altas e têm praticamente o mesmo peso”. A construção do texto nos leva a pensar sobre o que é considerado um corpo “gordo” ou “magro”, “alto” ou “baixo”, e como a relação entre essas duas medidas nos tornam “musas” ou “não musas”.

Se temos um peso maior do que o de Amanda e/ou se somos mais baixas, nos sentimos “gordas”, já que Amanda Simeão, com as medidas reveladas, e ainda atleta, se considera fora dos padrões estéticos. Além disso, pela reportagem, uma “musa gordinha e baixinha” são qualidades que se excluem, afinal uma mulher “gorda” e/ou “baixa” não é considerada “desejável” ou “bonita”. Como afirma a própria esgrimista na reportagem: “Se você passa na frente de uma obra e os pedreiros não falam nada, alguma coisa está errada com você.”

Sant’anna (2014), em sua pesquisa com anúncios brasileiros, ressalta uma crescente vinculação da beleza do corpo com a felicidade, a saúde e aceitação social. Cada vez mais os corpos precisam de auxílio de cosméticos e intervenções médico-biológicas para serem considerados bons e bonitos. Além disso, o discurso médico define padrões do que é um corpo saudável, pautado em relações de massa corporal, gordura corporal, idade, altura e aspectos objetivos que definem critérios para determinar se um corpo “está aceitável” ou não.

Segundo Soares (2008), as pedagogias do corpo estão em constante atualização, pois há cada vez mais modos de intervir no corpo e medir de forma progressiva e intensiva todas as suas funções e expressões. A autora afirma que a própria noção de medida vincula-se à domesticação e docilidade conferida aos corpos:

A medida inaugura um modo de olhar e ao mesmo tempo um modo de intervir, materializando com intensidade, e quase mecanicamente, os processos de conformação dos corpos, trazendo à cena mais claramente o conjunto de saberes e práticas aos quais tem recorrido a pedagogia [...].

Medir torna-se, de fato, a ação e a intenção primeira para domesticar o corpo e enquadrá-lo em supostas normalidades. Medir o peso, a força, a resistência, a velocidade, a flexibilidade, e, hoje mais intensivamente, medir os *índices de massa corporal (imc)*: o quanto de massa magra (massa muscular), o quanto de gordura um corpo deve conter. (Soares, 2008, p. 76).

Sant’anna (2014) lembra que o corpo se torna capital e instrumento para ascensão social. Um corpo “bonito” é um corpo que pode ser visto, que pode circular na mídia. Em relação aos esportes, é mais provável que a atleta que possui um corpo considerado bonito receba patrocínio de grandes marcas, afinal, o produto estará vinculado a um corpo “desejável”, tendo maior probabilidade de se tornar um produto igualmente desejado: “*A medida do peso corporal* dada pela balança permite, portanto, pensar na sensibilidade e na tolerância em relação à visibilidade dos corpos e é instrumento indispensável na constituição das pedagogias higiênicas” (Soares, 2008, p. 46).

Corpos não considerados belos tornam-se invisíveis. Assim,

a cultura de beleza feminina da nossa sociedade – que se vale do atual *poder das imagens*, de uma forma sem precedentes históricos – atualizou-se a partir da incorporação dessa noção da “mulher ativa”, elaborando novos padrões que desembocam na atual ênfase no *fitness*. O corpo feminino “ideal” é magro e firme, embora não “musculoso demais” – e requer muitas horas de trabalho, de investimentos em tempo e dinheiro que, com certeza, não estão à disposição de uma boa parcela da população. (Adelman, 2003, p. 448).

Assim, apesar de na reportagem a atleta afirmar que teve de batalhar muito para chegar onde está em sua carreira e que “algumas pessoas não veem isso”, o texto não destaca sua trajetória, e sim ressalta apenas os aspectos relacionados a ela ser ou não ser “musa”, e que por isso ela “não é um atleta qualquer”. Além disso, nomeia o *status* de “musa” como “vantagem de não ser invisível”. Ou seja: prega a ideia de que a mulher deve se destacar pela estética e beleza ou ela se torna invisível.

O repórter torna a “ vaidade” de Amanda sua identidade, e atletas que não são “vaidosas” tornam-se, então, “as outras” – não identidade (Silva, 2000). “No sábado, antes de entrar na pista para jogar sua primeira Olimpíada, enquanto as outras meninas se concentravam e soltavam gritos de guerra, Amanda ajeitava a maquiagem e o cabelo refletindo-se em um espelho de mão” (grifos meus). E apesar de demarcar como as mulheres devem ser, a esgrimista destaca: “[é] só o jeito que eu sou, eu me sinto bem assim e gostaria que as pessoas não me julgassem. Se a menina quiser se maquiar pode, se não quiser pode também, tanto faz, ela faz o que quiser com a vida dela.”

Além disso, como a reportagem é da sessão QTP, cuja proposta é de questionar/desconstruir estereótipos de gênero. Ao final da matéria, em contrapartida ao “feminino tradicional” no qual a atleta é encaixada, o jornalista a nomeia progressista, por ser

a favor da legalização do aborto: “Amanda gosta de ser tratada “como uma joia” e dá pontos a homens que lhe dão presentes e pagam toda a conta do restaurante, mas também tem opinião que pode ser considerada progressista sobre ao menos um tema controverso: aborto” (Grifos meus).

As prescrições de estereótipos de gênero e padrões de comportamento não são criadas apenas por meio da mídia ou dos grupos sociais; muitas vezes as próprias mulheres, “guardiãs do lar”, acabam por exigir, reprimir ou impor o que consideram “ser mulher”:

No final do século XIX, essas novas formas de controle social se encontravam firmemente arraigadas, internalizadas pelas próprias mulheres, especialmente as da classe média e da elite, que se dedicavam em tempo integral aos afazeres domésticos, como mães e esposas, sendo muito limitadas em termos de outras oportunidades. Profissionais das áreas da medicina e da educação se juntavam à imprensa no esforço de “educar as mulheres” como guardiãs do lar. (Adelman, 2003, p. 446).

Os diferentes posicionamentos, que muitas vezes parecem contraditórios (tradicional *versus* progressista), podem ser resultado das interações no tempo vivido da atleta com as vivências ao longo de sua vida, sendo as interanimações dialógicas momentos para refletir, pensar, analisar, reposicionar, renegociar e desconstruir aspectos referentes as (não) identidades (Spink, 2004, 2013). Além disso, na modernidade tardia as identidades não precisam mais ser coerentes, tornando-se híbridas (Hall, 2005): “[e]u sei que é complicado escrever sobre mim. Eu penso coisas que podem parecer conflitantes, mas as pessoas são assim, complexas. Eu mesma estou me conhecendo e tentando me entender sempre”, afirma Amanda.

Ainda sobre a mesma reportagem, é perceptível que o repórter provoca certa rivalidade entre a Amanda (vaidosa) e as outras atletas (não vaidosas). E na reportagem discutida anteriormente, sobre a atleta Ingrid Oliveira, os repórteres classificam a relação entre as atletas como: “Incomodada com a situação”, “atleta reclamou”, “comportamento [de Ingrid] que ela não admirava”, “[Ingrid] esqueceu-se de citar o desempenho de sua companheira”.

O conceito de que as mulheres são “inimigas” – que é uma das pautas de combate dos movimentos feministas, mas ainda é muito presente em nossos repertórios quando nos referirmos a relações entre mulheres – é herança de tempos muito antigos, e os jornalistas se alimentam, com esses repertórios, de certa rivalidade que aparece entre as atletas.

Segundo Federici (2004), na transição do feudalismo para o capitalismo, a caça às bruxas foi um ação que objetivou afirmar e legitimar ideais burgueses de família, sexualidade, feminilidade e domesticidade. Assim, a caça às bruxas foi uma guerra contra as mulheres, uma busca coordenada de degradá-las, demonizá-las e destruir seu poder social. As amigas femininas eram convertidas em objeto de suspeita, sendo uma subversão à aliança entre marido e esposa. As relações entre mulheres foram demonizadas pelos acusadores de bruxas a fim de procurar cúmplices. Assim, evitava-se ao máximo nesse período a aproximação entre mulheres, e o relacionamento com o marido e a família já eram considerados relações suficientes para elas.

Todos os repertórios e sentidos presentes na matriz prescritiva confirmam o que aponta Romero (2004): que os homens ainda dominam e controlam os assuntos, temáticas e pautas na imprensa esportiva. Tanto é que a maioria das reportagens citadas nessa matriz é redigida por jornalistas homens, e somente uma é escrita por uma dupla mista. E em vez de essa constatação agir como mecanismo de mudança, grande parte da mídia perpetua estereótipos vinculados ao feminino e às mulheres atletas.

Para questionar esses estereótipos são necessárias matérias especiais, como as da campanha QTP, ou parcerias fora da “mídia tradicional”, como as autoras feministas. Esses momentos, mesmo que em pouca quantidade, nos permitem levantar os repertórios seguintes e conseqüentemente definir uma matriz questionadora.

4.3.3. Matriz questionadora: repertórios que ampliam e/ou desfamiliarizam os sentidos acerca das mulheres atletas

O contexto esportivo também é responsável por prescrever à sociedade comportamentos e ditar estereótipos de gêneros e sexualidades, construindo noções de “masculino” e “feminino”. Além disso, orienta sobre comportamentos adequados e inadequados de acordo com nosso sexo ou gênero. Ao mesmo tempo, os esportes podem ser um contexto que nos permite questionar, estranhar e/ou refutar essas construções (Adelman, 2003). A própria existência de atletas mulheres profissionais já é algo combativo e questionador, mesmo que elas sejam identificadas ou construídas com repertórios prescritivos.

Diante dessa noção, nomeio a matriz questionadora, em que os repertórios e sentidos presentes nesta se aproximam das noções e posicionamentos contidos nas epistemologias/movimentos feministas e estudos de gênero, em algumas vertentes diferentes, e em menor ou maior grau.

A matriz questionadora se encontra principalmente em contraposição aos repertórios e sentidos presentes na matriz prescritiva. Constituem-se mais como práticas discursivas que questionam identidades fixas e estereotipadas. Algumas vezes os termos que também aparecem na matriz prescritiva são utilizados na matriz questionadora, como a palavra “musa”. Entretanto adquirem um sentido diferente, estando de acordo com o que se propõe ao construcionismo social, que deve estar atento à variabilidade e polissemia de sentidos:

O foco dos estudos que adotam esse conceito deixa de ser, assim, apenas a regularidade, o invariável, o consenso, e passa a incluir também a própria variabilidade e polissemia que caracterizam os discursos, entendendo polissemia não como “um fenômeno semântico em que uma palavra se estende de um sentido primitivo a vários outros”, mas como “a propriedade que uma palavra possui (numa dada época) de representar várias ideias diferentes”. (Lalande, 1996, apud Spink, 2013, p.28).

Admitir que as práticas discursivas são polissêmicas não significa, entretanto, dizer que não há tendência à hegemonia ou que os sentidos produzidos possuem igual poder de provocar mudanças. Por outro lado, a natureza polissêmica da linguagem possibilita às pessoas transitar por inúmeros contextos e vivenciar variadas situações. (Spink, 2013, p. 29).

Os repertórios da matriz questionadora são utilizados mais com o intuito de problematizar os estereótipos de gêneros, adquirindo sentidos de negação de alguns repertórios pedagógicos: não musas, não derrotas, não fragilidade etc. E, conseqüentemente, ampliando as noções acerca das feminilidades e identidades vinculadas às mulheres atletas.

Goellner e Muhlen (2008) afirmam que a mídia deve expor diferentes formas e possibilidades de ser atleta. Diante das demandas sociais atuais, nos quais os movimentos sociais ganham novos formatos e uma força diferente, é fundamental que a mídia (re)pense na reconstrução ou desconstrução como e o que ela entende por gênero. Deve-se procurar falar de pessoas, sem criar, confirmar, reconfirmar ou impor convenções e estereótipos. E a matriz questionadora nos mostra que existe essa tentativa, mesmo que ainda tímida.

Na reportagem “Ela parou a carreira para treinar como queria. Agora é campeã olímpica”, do especial QTP, é abordada a trajetória da nadadora Pernille Blume. A atleta teve que enfrentar sua equipe de treino para poder competir na modalidade de distância que desejava. Neste caso aparecem repertórios como “resolveu tomar as rédeas da carreira”, “sempre me disseram”, “minha versão real”, “o que eu queria não era necessariamente o que eles queriam”, que apontam sentidos de enfrentamento de expectativas e estereótipos para buscar aquilo que se deseja.

Há pouco incentivo à autonomia das pessoas que nascem categorizadas como mulheres. Somos educadas a fazer o que esperam da gente. Repertórios com esse sentido contestam a ideia de que precisamos nos manter de determinada forma, submissas ao desejos dos outros, não podendo buscar lugares e coisas que vão contra as expectativas sociais, como afirma Joanna Maranhão, em matéria anteriormente citada: “Quem decide a hora de parar sou eu”, ou, pelo menos, deveria ser.

A opressão sofrida pelas mulheres se materializa e se consolida quando é legitimada a hierarquização e o poder masculino na sociedade, “ao estabelecer a liberdade para os homens e, às mulheres, a submissão” (Gurgel, 2011, p. 9). Não de forma arbitrária, uma das lutas dos feminismos é dar visibilidade a esses processos, procurando um projeto de emancipação das mulheres em concomitância com a construção de uma ordem social mais igualitária. Então repertórios que incentivam a busca de emancipação estariam de acordo com os posicionamentos feministas trazidos por Gurgel (2011).

Em uma direção ampla e social de embates, para além de carreiras e comportamentos individuais, há a noção de que as atletas possuem posicionamentos políticos públicos: “faz questão de defender suas posições publicamente”, “provocar mudanças”, “problematizar algumas coisas”, “discutir o machismo no esporte”, “ajudou a conscientizar”, “as causas que eu defendo e continuarei lutando”. Ou seja, a atleta é vista como sujeito político público.

As reportagens, por exemplo, não trazem se as atletas se consideram feministas ou não, mas as pautas apontam certa consonância com algumas pautas dos movimentos feministas, como combate à violência sexual e machismos, promoção da autonomia de escolhas e liberdade em relação ao próprio corpo e sexualidade. Assim:

Antes de ser um movimento coletivo determinado por interesses comuns, o feminismo poderia ser caracterizado como um movimento, uma ação coletiva que possui um sujeito coletivo e plural, e cujas afinidades vão sendo construídas no curso da sua história mediada por aproximações e conflitos. Não sendo verticalizado, na medida em que mantém sua autonomia, seus sujeitos podem falar por ele sem credenciais, sem vinculações, “sem carteirinha”. (Gonçalves, 2016, p. 346).

Ao contrário dos repertórios pedagógicos, os repertórios ligados a embates, tanto pessoais quanto sociais, não são nomeados como polêmica, mas como políticos. A reportagem “‘É o meu maior desafio’, diz inglesa sobre defesa do ouro após gravidez”, traz o episódio em que a atleta Jessica Ennis-Hill solicitou que seu nome fosse retirado das arquibancadas do estádio quando soube que os responsáveis pelo espaço contrataram um técnico acusado de estupro. As atletas passaram, então, a serem identificadas como mulheres que se posicionaram no sentido da luta, por uma causa humanitária, ou seja, como algo positivo, que merece atenção, e não apenas sendo uma ação polêmica.

Ao tratar as atletas como sujeitos de direitos, de embates, de vozes, e não apenas como objetos de admiração, amplia-se a diversidade das feminilidades e se caminha em direção aos discursos feministas. Por meio do feminismo, as mulheres reclamaram sua condição de sujeito no esporte, analisando-o como um espaço político e, conseqüentemente, um lugar de

resistência e transformação das relações de gênero. Repertórios que afirmam o sentido político das atletas criam espaços para mudar a percepção acerca das mulheres atletas.

Assim como nomear o casal lésbico Isadora Cerullo e Marjorie Enya como “casal-símbolo” das Olimpíadas é um ato político, também “passa uma mensagem”, “serv[e] de exemplo para jovens da comunidade LGBT”. A existência de notícias como “Casal-símbolo dos Jogos: Conheça a história de amor de Isadora e Marjorie”, dá visibilidade a sexualidades não normativas: confere uma maior possibilidade de “representatividade”, como afirmam as atletas.

Segundo Goellner (2012), os estudos relacionados aos esportes que dão visibilidade às sexualidades divergentes da heterossexualidade ainda são poucos e possuem baixa circulação, o que acaba praticamente invisibilizando os sujeitos que escapam da norma heteronormativa. Essa invisibilidade faz com que o discurso homofóbico ganhe espaço no terreno esportivo, limitando as contestações. Ainda mais quando vincula a sexualidade ao sexo e ao gênero (Goellner, 2007).

A existência de reportagens que celebram a lesbianidade como modelo de relacionamento em veículos midiáticos “populares” representa um grande avanço em prol dos direitos humanos. Mais uma vez essas mudanças refletem as próprias demandas e embates de movimentos que lutam por acesso da comunidade LGBT aos direitos concedidos às pessoas heterossexuais.

Essas questões nos permitem pensar e questionar mais abertamente a heterossexualidade como algo universal e/ou “normal”. As próprias atletas defendem a normalidade em não serem heterossexuais: “duas mulheres absolutamente normais”. Nesse sentido, reafirmar que a homossexualidade é algo normal passa a ser uma forma de combater o sistema de produção de heterossexualidades (Wittig, 1992).

Entretanto a existência desse sistema heterossexual não permite às sexualidades não normativas criarem categorias próprias e estruturas de relacionamentos, muitas vezes reproduzindo na intimidade das relações lésbicas e gays a lógica das relações héteros. Assim, a lesbianidade, que se torna símbolo, é pautada na estrutura de um relacionamento heteronormativo, como o noivado, e a própria ideia do “amor romântico” é enfatizada na reportagem. Mas, quando se pensa com otimismo, talvez esse apagamento da lesbianidade e homossexualidade que o sistema heteronormativo propaga (Wittig, 1992) esteja começando a ter pequenas rachaduras.

Talvez as sexualidades não normativas, principalmente a sexualidade lésbica, tornam-se mais aceitáveis nesse contexto, pois já “se espera” que uma mulher atleta tenha mais probabilidade de se tornar “machona” e conseqüentemente lésbica. A não ser que pratique esportes adequados para as mulheres, como natação, saltos ornamentais etc. Pensando nisso, ressalto que as notícias sobre casais lésbicos geralmente demarcam os esportes ditos masculinos, como rugby (Marjorie e Isadora), judô (Rafaella Silva e Thamara Cezar); hóquei de grama (Kate Richardson-Walsh e Helen Richardson-Walsh) ou handebol (Mayssa Pessoa e Nikki Shumake).

Entretanto, toda essa diversidade de casais lésbicos trazidos pela UOL permite questionar a noção entre esportes e masculinização que já é comumente feita, afinal inclui mulheres com os mais variados perfis, por exemplo o da modelo “superfeminina” Nikki Shumake:

A associação entre esporte e masculinização do modo como vulgarmente é apresentada remete ao medo que se têm de que determinadas práticas corporais operem em favor da construção de uma aparência corporal que deforma aqueles contornos desenhados para o feminino no singular. Remete, sobretudo, ao pavor a uma

suposta vivência homossexual, considerada como imprópria, desviante e abjeta. Apoiando-se na heterossexualidade e na maternidade como norma. (Goellner, 2007, p. 7).

Em relação aos repertórios que versam sobre o emocional, na matriz questionadora, estes se vinculam aos sentidos de bem-estar e confiança: “bem feliz”, “sorridente”, “orgulhosa”, “otimismo”, “confiança”, “ponderada”. A mulher não é retratada como insegura ou emocionalmente desequilibrada como na matriz prescritiva. Há outros como: “esqueçam atributos físicos e torçam pela vitória”, “não porque quer me ver de maiô”, “não gosto quando as pessoas me colocam como musa”, “ser reconhecida como atletas”, “o corpo das mulheres ainda é visto como atração”, “cobranças de feminilidade ‘perfeita’”, “se preocupar com coisas que não dizem respeito ao esportes”.

Esses repertórios questionam os sentidos das atletas vinculados à noção de “musas”, de que devem vender certo padrão de imagem de seus corpos enquanto atletas. São repertórios que criam atletas relacionadas ao seu desempenho, às suas conquistas, e não como objetos de desejo heteronormativo ou “modelos de feminilidade e atratividade”.

As reportagens colocam essa demanda de “musas” como “obsessão pelo corpo das atletas” e conseqüentemente como uma demanda por “controlar o corpo feminino”. E diante disso, “a modalidade à qual ela se dedica vira coadjuvante”. O controle dos corpos femininos é histórico e social, e se deu e dá por diversos meios, legislações, mídia, escola e práticas corporais. Apontar esses controles e questioná-los é uma possibilidade de trazer à tona essas relações que muitas vezes são deslegitimadas e tratadas como “vitimismo” ou “invencionice”.

A tríade trazida pela matriz questionadora – autonomia (para buscar e lutar pelo que se acha justo), confiança emocional e destaque para a capacidade (para além de estética) – possibilita pensar atletas que afastem a insegurança corporal que engloba socialmente as mulheres:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos cujo ser (esse) é um ser percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. (Bourdieu, 2002, p. 80).

Assim como na matriz prescritiva os jornalistas incentivam as inimizades e conflitos entre as atletas, reforçando o estereótipo de animosidade entre mulheres. Na matriz questionadora é possível encontrar repertórios que criam sentidos opostos a esses: “somo amigas”, “continuo confiando nela”, “colegas de time”. Não há porque as mulheres serem inimigas ou rivais só porque as formas de pensar, levar a carreira ou de se comportarem são diferentes. Assim, por mais que haja divergências e desacordos entre as atletas, elas não devem “denunciar” as colegas para que sejam “queimadas na fogueira”: “prefiro que você pergunte a quem está envolvido” (atleta Juliana, acerca dos acontecimentos envolvendo a dupla Ingrid e Giovanna).

Apesar de a matriz questionadora confrontar os estereótipos de gênero, ainda são construções muito pautadas no feminismo com uma vertente mais liberal. Essa vertente dos feminismos ganha força no Ocidente por volta dos anos 1960, quando a principal pauta consistia na luta por igualdades de direito entre homens e mulheres. Essa perspectiva procura criar uma unidade em torno da categoria “mulher”. Nessa segunda onda, a noção de gênero se constrói como categoria de análise. Argumenta-se em prol de desnaturalizar concepções definidas em relação aos “papéis de gênero” desempenhados por homens e mulheres. Questiona-se construções naturalizadas e universalizadas referentes a casamento, maternidade, tornando-se aspectos até então considerados privados também como aspectos políticos ou públicos (Piscitelli, 2002).

Assim como o liberalismo, acaba-se voltando as práticas discursivas para a individualidade das pessoas, surgindo nos movimentos feministas a noção de “empoderamento”. O empoderamento busca a conscientização civil sobre os direitos sociais e civis, pautados numa emancipação individual. Mas, assim como a noção de meritocracia, o empoderamento individual acaba responsabilizando as pessoas pelas situações de opressão e violências sofridas, quando na realidade a análise é mais ampla e vinculada a sistemas e instituições. Ou seja, de nada adianta ser uma mulher “empoderada” se não consigo um simples emprego porque “posso engravidar” ou por não estar esteticamente dentro dos padrões. São violências, opressões e discriminações vinculadas a toda uma estrutura de sistema.

As noções de gênero, pautadas nessa perspectiva, ajudam a desconstruir aspectos naturalizados em relação ao ser homem e ao ser mulher, mas não avançam numa análise de contextos sociais. E aqui se encontra uma outra crítica a esse momento dos feminismos, em que a compreensão de mulher como constructo único invisibiliza diversos outros marcadores sociais. A experiência de uma mulher negra ou lésbica não deve ser entendida como a mesma experiência de uma mulher branca e heterossexual. Mesmo que ambas sofram opressões e violências, as pautas de lutas e reivindicações não serão as mesmas.

Ainda há, na maioria das reportagens, essa concepção liberal por meio de repertórios como: “inspirar as pessoas a ser o melhor que elas puderem”; “[é] uma decisão totalmente pessoal”; “acreditar que posso”. Estes descartam o contexto, o histórico e as vivências de cada indivíduo ou grupo, trazendo à tona o conceito da meritocracia e a culpabilização dos sujeitos pela vida que possuem.

Por fim, os últimos repertórios levantados na matriz questionadora vão além das discussões e ampliação dos estereótipos relacionados à construção das mulheres atletas. Vêm questionar algo que até então não havia sido perguntado nas reportagens anteriores: “O que é

ser mulher, afinal”? A reportagem “Novas regras olímpicas abrem portas para atletas transexuais. Ainda é pouco”, escrita pela travesti e prostituta Amara Moira, que questiona a legitimidade dos testes de sexo e a construção binária pautada no sexo biológico para separação das modalidades e construção das regras esportivas. Aos poucos, o COI começa a rever esses testes e definições, o que ainda é muito pouco em prol de uma real visibilidade e inclusão das pessoas transexuais, transgêneros(as) e/ou intersexo no contexto esportivo.

Esses questionamentos apontam na direção contrária da vertente dos feminismos radicais. Segundo *Piscitelli* (2012), as feministas radicais alegam que o cerne de opressão às mulheres está vinculado à divisão de trabalho de acordo com as funções reprodutivas e biológicas, e tomar as rédeas da procriação e de seus corpos às levariam a uma “libertação”. Seguindo esse pensamento, somente as mulheres cisgêneros (as não trans) estariam sujeitas a essas opressões vinculadas às mulheres, e, portanto, só elas poderiam ser consideradas mulheres. Em contrapartida, há feministas que advogam que a construção de mulher é muito mais social e discursiva do que necessariamente biológica. Seria muito mais uma questão de identidade social do que necessariamente algo material e nato.

São posicionamentos diferentes, que criam e constroem sentidos também diferentes sobre a categoria “mulher”, “transexuais”, “transgêneros” e “intersexo”. É um contexto travado de disputas em busca de direitos, de visibilidade, de uma identidade que possa existir. Assim, Amara Moira comemora que “poder jogar em um mundo em que pessoas trans quase não têm direitos já é um avanço”. Que aos poucos as pessoas *trans* vão se “impondo na sociedade”, em busca de respeitos e conquistas de espaços para “superar essas violências”.

A visibilidade e luta por acessos obrigam a sociedade a repensar suas estruturas, divisões e hierarquias, mesmo que a passos lentos: “as regras criadas antes de existirmos publicamente em número considerável começam a ter que ser repensadas, inclusive os critérios para considerarmos justa uma competição”. E repensar essas regras, tanto nos

esportes como em qualquer contexto social, é “importante para começarmos a romper com a ideia nociva de que esporte (ou a sociedade) não é lugar de pessoas trans e intersexo”.

As noções construídas e instrumentos de controle acerca do que é preestabelecido para as performances femininas sobre corpo, relações afetivas, sentimentos e desempenhos também são reproduzidas e amplificadas para as pessoas (e atletas) trans e intersex. Há a demanda de: “caber nos critérios de mulher do COI”.

A escritora então conclui que ainda não há espaço sob os holofotes para as mulheres transexuais. Assim, cabe a elas permanecerem nos bastidores como prostitutas de estrangeiros, questionando, portanto, “[q]ual o nosso lugar [lugar das trans] na Olimpíada?”.

Toda essa discussão confirma os argumentos e posicionamentos de Wittig (1992), que afirma o caráter político da categoria mulher vinculado à manutenção de uma pensamento heterossexual. Pois fora do pensamento heterossexual as categorias de sexo não fazem sentido, visto que a criação de identidades e subjetividades se relacionariam com a diferenciação entre pessoas e não com características aleatoriamente vinculadas ao sexo e ao biológico. O que constrói uma mulher é a sua relação social e específica com outras pessoas. Entretanto, ao propor a inexistência de uma categoria mulher, retira-se também a oportunidade de pessoas trans identificarem-se e terem os mesmos direitos pertencente às “nascidas mulheres”.

Nessa direção, uma grande potencialidade para os estudos sobre esporte, observados a partir da sua vertente histórica, reside na incorporação de análises que rompam com o binarismo homem-mulher, feminilidade-masculinidade, heterossexualidade-homossexualidade, uma vez que, mesmo que esses termos sejam usados no plural, ainda não visibilizam os “paradoxos da diferença”
. [...]

Ao eliminarem do horizonte analítico o determinismo biológico e os binarismos, tais estudos favorecem a aceitação da profusão de feminilidades e masculinidades, da permeabilidade entre as fronteiras corporais e a não fixação das identidades. (Goellner, 2012, p. 22).

Infelizmente, a mídia ainda está muito mais pautada em sentidos nas matrizes produtiva e prescritiva do que em sentidos questionadores. Apesar do aumento da visibilidade e do quantitativo de notícias sobre as atletas mulheres, ainda há, notadamente, pouca diversidade de discursos, de vozes e de posicionamentos. Há avanços, mas não podemos nos contentar em encerrar as lutas, as análises e a procura por contextos mais justos e que se constituam por uma maior equidade de gênero e de sexualidades.

4.4 Vozes e posicionamentos: uma comparação entre as práticas discursivas presentes no especial QTP e na revista *Azmina*

Selecionar reportagens no recorte da perspectiva feminista/de gênero, como explicado anteriormente (sessão 4.2.2), mostrou-se fundamental, pois são justamente essas notícias que, em sua maioria, criaram a matriz questionadora, com exceção das seguintes reportagens: “Casal-símbolo dos Jogos: Conheça a história de amor de Isadora e Marjorie”, selecionada pela perspectiva da mídia (sessão 4.2.1), na temática comportamento/relacionamento/sexualidade, que possui mais repertórios e sentidos referentes à matriz questionadora; “Me perguntam como sou musa se sou baixinha e gordinha’, diz esgrimista”; e “É o meu maior desafio’, diz inglesa sobre defesa do ouro após gravidez”. Estas duas foram selecionadas por compor o especial QTP, mas seus repertórios e sentidos se voltam mais para a matriz prescritiva.

Em posse do *corpus* da pesquisa, senti necessidade de discutir e diferenciar aspectos da escrita dos(as) jornalistas da UOL, incluindo do especial QTP, em relação à escrita das

autoras da revista *Azmina*. Por mais que as matérias do QTP ou as dos jornalistas da UOL também possuam repertórios na matriz questionadora, a forma de escrever, de abordar o tema, falar sobre a atleta e seu contexto é notadamente diferente da escrita e dos posicionamentos presentes nas matérias de responsabilidade da revista *Azmina*.

Primeiramente, nas reportagens da revista *Azmina* a noção de interseccionalidade aparece de forma marcante. Por mais que não haja nomeações diretas e claras ao termo, a análise mostra-se, na maioria das vezes, condizente com a teoria da interseccionalidade. Pensando no público-alvo, possivelmente não acadêmico ou estudioso das ciências sociais, com os mais variados perfís, é compreensível não discutir os marcadores sociais utilizando o termo.

Sobre o termo, Crenshaw (2002), feminista negra e professora de Direito, uma das primeiras a utilizá-lo nos anos 1980, afirma que a interseccionalidade se relaciona à sobreposição de grupos e de marcadores sociais, pois nem sempre lidamos com grupos distintos e isolados. Destaca-se no grupo ou pessoas recortes específicos como raça, sexualidade, classe ou gênero apenas com objetivos teóricos, pois as pessoas fazem partes de diversos grupos simultaneamente; e, dependendo de como os grupos ou pessoas são atravessadas pelos marcadores sociais, seu “lugar” no contexto social também se altera.

Assim, temos uma atleta (profissão) que também performa como mulher (gênero), que pode ser lésbica (sexualidade), jovem (geração) e negra (raça). As combinações são as mais diversas e auxilia a localizar na pessoa ou grupo os possíveis (não) acessos aos Direitos Humanos, e nos contando um pouco dos possíveis privilégios e/ou preconceitos, discriminações e violências em relação à pessoa ou ao grupo de acordo com o contexto. Com afirma Nogueira (2013):

[a teoria da interseccionalidade] parece poder permitir expandir o pensamento acerca do gênero e dos feminismos ao reafirmar a

natureza “multiplicativa interseccional” e o impacto do contexto, chamando a atenção para o entrecruzar de opressões e privilégios.

[...]

Uma análise interseccional resiste à essencialização de todas as categorias (tratando todos os membros de um único grupo social como o mesmo e supondo que compartilham as mesmas experiências) e está atenta às especificidades de data, do local, das histórias e das localizações. (Nogueira, 2013, p. 233).

A noção de interseccionalidade é considerada uma das principais marcas do feminismo contemporâneo. Possibilita pensar que os privilégios, as opressões e as violências são aspectos passíveis de mudanças e estão inter-relacionados. Auxilia no questionamento de experiências coletivas vinculadas aos marcadores sociais. Considerando, que, por exemplo, só porque se performa como mulher, não significa que as experiências vivenciadas são compartilhadas e iguais. As vivências de uma mulher negra é diferente das de uma mulher branca, de uma mulher lésbica e negra... Não há universalidade. Nogueira (2013, p. 234) afirma que investigadores(as) que optam por utilizar uma análise interseccional se mostram mais comprometidos(as) com “justiça social e relações de poder”.

Por mais que os marcadores sociais apareçam nas matrizes anteriores ou nas reportagens elaboradas pelos(as) jornalistas da UOL, como idade ou sexualidade, não se discute como se cria relações de poder, violências, privilégios e hierarquias. Não há problematização sobre o que essas “características” (interseccionalidades) significam para o nosso contexto e muito menos apontam caminhos para superar/modificar essas discriminações e/ou privilégios. Por exemplo, na notícia da UOL “Rafaela Silva dá ao Brasil sua primeira medalha de ouro na Rio-2016”, o fato de a atleta ser negra e “favelada” é tratada pelo redator apenas como uma descrição de características que envolve uma “história de superação”, mas

que estão separadas do seu contexto, não os discutindo como marcadores sociais que interseccionam gênero e/ou sexualidade.

Ao contrário dessa postura, que pauta-se numa falsa descrição, neutralidade e carregam conotações de meritocracia, a reportagem “Reflexões de uma favelada sobre a vitória de Rafaela Silva”, da revista *Azmina*, propõe uma discussão sobre o significado dos marcadores sociais que atravessam e constituem a atleta Rafaella Silva, para além da simples vitória e “trajetória de superação”. Questionando a ideia da meritocracia, apresenta-se por meio de uma escrita mais política, que compromete-se com mudanças sociais.

Outro fator é a própria reflexividade. As produções da revista *Azmina* geralmente trazem questionamentos em relação ao próprio contexto de produção jornalística. Apesar de o conceito de reflexividade estar mais vinculado à produção científica e acadêmica, pode ser utilizado em qualquer construção de conhecimentos. A reflexividade é um movimento de questionar os conhecimentos produzidos como políticos e sociais, engendrado nas hierarquias e (in)legitimidade (Spink, 2004). A produção midiática não está à parte dessas tramas de poder e demandas de reflexividade acerca das realidades que se constroem com seus repertórios, sentidos e vozes.

As escritoras da revista *Azmina* se utilizam de perguntas para questionar os interesses por trás de informações e comportamentos, vendidos muitas vezes como desinteresses. Na notícia “Ingrid Oliveira, atleta dos saltos ornamentais, faz sexo - e sua mãe também”, de Letícia Bahia, ela se questiona: “o que estamos dizendo sobre nós quando transformamos a transa de uma mulher em notícia?”; “o que dizer da imprensa, que compra o machismo nosso de cada dia e converte o sexo consensual entre dois adultos em notícia?”

Já a escritora Carolina Vicentin, na reportagem “Exigência de beleza e uniforme curto atrapalham mulheres, dizem estudiosos”, reflete sobre como a “obsessão pelo corpo das atletas pode ser medida na exploração que a mídia faz da imagem das mulheres.” E ainda

levanta dúvidas sobre o interesse do público e das organizações esportivas: “será que o público da arquibancada dos jogos femininos realmente está interessado no esporte? Mais: o que estão vendendo as confederações que obrigam as atletas a jogarem com pouca roupa?”

Esse movimento reflexivo não foi identificado nas reportagens da UOL. Destaco como uma escrita pautada pelo feminismo se mostra mais preocupada com os sentidos que estão sendo ditos, mostrados, reproduzidos e circulam no nosso contexto social. Procuram apontar, mesmo que de forma sutil, as hierarquias e poder presentes nas práticas discursivas que atravessam nosso cotidiano.

Outra diferença refere-se à noção de localização dos conhecimentos. As autoras de *Azmina* sempre acrescentam uma espécie de minicurriculo ao final da notícia. Essa demarcação nos diz que o que está escrito procurou ser humanizado, que é obra de alguém corporificado, localizado, que possui interesse na temática e não é universal ou neutro. Segundo Haraway (1995), é uma lógica parcial (*standpoint*). A estudiosa questiona a objetividade na produção de conhecimentos.

Todo conhecimento é tratado como provisório, parcial, interessado e situado (Spink, 2003). Essa noção está intimamente ligada à reflexividade, pois, ao assumir que o conhecimento ali produzido é de interesse e se relaciona com quem o constrói, e não descorporificado, quem o produz preocupa-se muito mais com as implicações desse conhecimento. Então, esse *standpoint* feminista assume que pesquisador/a (ou escritor/a) não se distingue do “objeto” sobre o qual estuda/escreve.

Assim, na matéria citada anteriormente, temos uma pessoa que se autodenomina mulher, negra e “favelada” (Ana Paula Lisboa) que produz práticas discursivas sobre uma outra pessoa, também mulher, negra e “favelada”. Ou uma transexual (Amara Moira), que discute transexualidade nos esportes. E, ao contrário do jornalismo tradicional, essa relação não é tratada como “contaminação de uma neutralidade”, mas como saberes localizados.

As diferenças nas práticas discursivas constroem e circulam diferentes versões e noções acerca das mulheres atletas. O posicionamento dos(as) jornalistas da UOL mostra-se marcadamente estereotipado e hierárquico, vinculado a uma noção de gênero anterior aos próprios movimentos feministas, enquanto a escrita da revista *Azmina* avança no sentido de questionar os estereótipos de gênero e ampliar as possibilidades de feminilidade(s).

AINDA HÁ MUITO O QUE DESCONSTRUIR: APONTAMENTOS FINAIS

A temática dos esportes ainda é de pouco interesse nos feminismos. Talvez por ser um espaço e contexto que permanece muito marcado pela presença do masculino (hegemônico). Mas o interesse e a diversidade de pessoas que têm se interessado pelo assunto vêm aumentando. É um contexto marcadamente político, que precisa ser discutido, pensado e questionado por diferentes vozes. E este trabalho é uma dessas tentativas.

É interessante refletir sobre o fato de a UOL ter feito um especial sobre desigualdade de gênero nos esportes (QTP) e ter escolhido parcerias que realmente se posicionam e compartilham de epistemologias feministas. Acredito que esse movimento é um reflexo das demandas sociais e dos próprios movimentos feministas, assim como as questões de visibilidade aqui discutidas.

Apesar de as reportagens com mais repertórios e sentidos da matriz questionadora terem menos repercussão em relação ao número de comentários (com exceção da matéria “Ingrid Oliveira, atleta dos saltos ornamentais, faz sexo - e sua mãe também”), é notável um avanço no contexto da mídia esportiva, no sentido de contemplar mais diversidade de representações e buscar a equidade de gêneros. É um incentivo para continuarmos questionando, produzindo e incomodando em busca de um jornalismo mais feminista.

Uma produção jornalística pautada em epistemologias feministas teria mais foco nas interseccionalidades, nas relações de poder e hierarquia que se estabelecem; estaria mais voltada para a equidade de gênero. Seriam (e são) reportagens menos focadas em comportamentos individuais, com intenção de prescrição e mais análises sociais e de contextos. Talvez fosse, então, um jornalismo que afirmasse os interesses do que e/ou de quem está produzindo “verdades”.

Entretanto ainda é preciso espaços “especiais” e parcerias para vislumbrar essas mudanças. A escrita tradicional do jornalismo continua pautada, predominantemente, em

construções estereotipadas de gênero e em sentidos prescritivos. Tanto que é visível a quantidade de repertórios e sentidos na matriz prescritiva em comparação à matriz questionadora. A mídia e o contexto esportivo ainda são incrivelmente pedagógicos. O aumento na visibilidade não garante uma diversidade dessas feminilidades, e isso talvez seja reflexo da própria homogeneidade ainda presente no jornalismo esportivo. Uma diversidade de vozes talvez possibilitasse uma maior diversidade de “realidades”.

Outro aspecto que precisa avançar se refere aos diversos dualismos homem/mulher, feminino/masculino, macho/fêmea, homossexual/heterossexual. Não há questionamentos acerca dessas construções binárias e complementares. A própria estrutura dos jogos olímpicos e a divisão dos esportes e modalidades não dá muito espaço para desconstruir essas dualidades. A própria noção de masculino(s) e feminino(s) ainda tem muito que desconstruir, e exigir também uma ruptura na produção midiática atual em relação aos binarismos é uma expectativa distante.

Obviamente as mudanças sociais não ocorrem de forma rápida e pura. Sempre será possível encontrar nas práticas discursivas versões anteriores convivendo com as rupturas. Identificar essas construções dá visibilidade à dinâmica das transformações sociais e impulsiona as mudanças.

Depois de todas as leituras, análises e discussão reflito sobre a aptidão física relacionada ao sexo, que pode ser que não exista. Talvez, se as mulheres tivessem acesso aos esportes com o mesmo incentivo conferido aos homens e tivessem as mesmas oportunidades de competições, locais de treino, patrocínios, competindo sem distinção entre categorias femininas e masculinas, os índices de vitórias e desempenho poderiam ser equivalentes.

Assim, apesar de esta dissertação ter como título uma referência à “desconstrução” das mulheres atletas, essa desconstrução ocorre a passos lentos. A presença de mulheres no esporte ainda não oferece perigo à hegemonia e ao lugar do masculino. Muito menos tange à

desconstrução da categoria “mulher”. Encaminham-se mais para diversas possibilidades de performar feminilidades.

Destaco que, apesar das minhas análises e temática se referirem às mulheres no contexto esportivo, percebo o quanto as práticas discursivas dizem muito mais sobre a categoria “gênero” e, conseqüentemente, às mulheres do que à “categoria” atleta. As matrizes prescrevem ou questionam mais acerca do “ser mulher” do que necessariamente do “ser atleta”. Para além do que uma atleta deve fazer, prescrevem e questionam o que uma mulher no contexto esportivo (ou fora dele) deve ou não fazer.

Além disso, fico pensando como assuntos de comportamento, relacionamento e sexualidade despertam mais nosso interesse, em detrimento de aspectos como desempenho, carreira ou sociedade. Temos uma curiosidade sobre a vida pessoal alheia – normalizar, normatizar, opinar, julgar. E por meio desses acessos acabamos por definir o que consideramos identidade (legítimo) e o que é considerado como a diferença (ilegítimo).

Também me incomoda e sinto a injustiça quando exaltamos o esporte feminino apenas quando o masculino nos frustra ou está aquém de nossas expectativas. Como foi o caso do futebol nas Olimpíadas Rio 2016. É como se admirar, incentivar e torcer pelo esporte feminino fosse uma punição para a categoria masculina. Com a desvalorização, as categorias femininas continuam a existir em “função de”, assim como os relatos dos esportes durante as Guerras Mundiais. As mulheres praticavam esportes em “função de” não haver homens disponíveis, pois estavam guerreando.

Pensando nisso, também destaco que o meu objetivo não foi comparar repertórios e coberturas sobre homens e mulheres, categorias masculinas e femininas. Mas foi uma tentativa de buscar certa autonomia das categorias esportivas femininas. Que as mulheres atletas pudessem existir sem a contrapartida dos homens, das categorias esportivas masculinas.

O percurso para construção dessa pesquisa foi longo e não termina em pontos de chegada. Não tenho por objetivo concluir, fechar o assunto ou esgotá-lo. Esses são termos que “não existem” na posição de feminista e construcionista social por mim adotada. Assim como os conhecimentos são provisórios e construídos socialmente, minhas noções, percepções, reflexões e argumentos também o são. Ainda há muito que ser (des)construído. Todo estudo é limitado e pautado por escolhas.

Procurei discutir as diferentes matrizes que constituem as práticas discursivas na mídia esportiva escolhida. Tentei apontar uma polissemia de sentidos e verificar se têm ocorrido mudanças nesse campo em relação às questões de gênero. Na Psicologia há poucos estudos na temática dos esportes. Além do fato de ser pouco explorada a produção midiática como instrumento legítimo de pesquisa. As discussões nessa ciência ainda são muito pautadas pelo viés individual e de patologias. Ao utilizar os feminismos, as perspectivas de gênero e o próprio construcionismo social, caminho em direção a uma ampliação dessas noções. Defendo um conhecimento parcial, localizado e provisório, bem como político, que deve buscar mudanças sociais para uma maior equidade nas relações e contestar as hierarquias e permissões.

Enfim, procuro construir

[u]m caminho marcado pela polifonia, em que as várias vozes localizadas irão construir saberes que por vezes podem parecer contraditórios, mas que constituem essa manta de retalhos que será a teoria feminista e o feminismo, que deixam de ter sentido no singular e adquirem-no apenas no plural. (Oliveira, 2010, p. 34).

REFERÊNCIAS

Adelman, Mirian (2003). *Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina*.

Estudos Feministas: Florianópolis, p. 445-465.

Amâncio, Ligia (1998). *Feminino e masculino. A construção social da diferença*. (2ª ed.).

Porto: Edições Afrontamento, 1998.

Bissel, Kim e Smith, Lauren R. (2013). Let's (Not) Talk Sex: An Analysis of the Verbal and

Visual Coverage of Women's Beach Volleyball during the 2008 Olympic Games.

Journal of Sports Media, p.01-30.

Bourdieu, Pierre (2002). *A dominação masculina*. (2ª. ed., M. H. Kuhner, trad.). Rio de

Janeiro: Beltrand Brasil.

Bordo, Suzan. R. (1997). O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista

de Foucault. Em A.M. Jaggar, S.R. Bordo. *Gênero, corpo, conhecimento* (B.L. de

Freitas, trad.). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.

Borges, Lenise. (2008). *Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino:*

possibilidades de legitimação e de transgressão. Tese de Doutorado. Programa de Pós-

graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.

Borges, Lenise. e Ribeiro, Flávia. R. G. (2014). O jornal como objeto de pesquisa

socioconstrucionista, p. 185-206. Em M.J. Spink *et al.* A produção de informação ma

pesquisa socia: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de

Pesquisas Sociais, 2014 (publicação virtual).

Brasil. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social (2014). Pesquisa

brasileira de mídia 2015 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. –

Brasília: Secom.

Bruschini, Maria Cristina A. (2007). *Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos*.

Cadernos de Pesquisa, 37, 537-572.

- Canuto, Alice (Re)visitando personagens, cenários e vozes: nas tramas sobre o “sujeito” do feminismo no Blogueiras Feministas. *Dissertação de Conclusão (Mestrado em Psicologia)*. UFMG, sob orientação da profa. Dra. Claudia Mayorga, Belo Horizonte.
- Castellani Filho, Lino. (1997). Os impactos da reforma educacional na Educação Física brasileira. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, p. 20-33.
- Castells, Manuel (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Crenshaw, Kimberlé W. *A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero*. 2002. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>> Acesso em: 10 de jan de 2017.
- Daniels, Elizabeth. A. (2012). Sexy versus strong: What girls and women think of female athletes. *Journal of Applied Developmental Psychology*, p. 79–90.
- Danzinger, Kurt. (1997). The varieties of social construction: A review. *Theory e Psychology*, p. 399-416. Disponível em <http://www.kurtdanziger.com/journal_articles.htm>
- Delphy, Christine (1996). Rethinking sex and gender. In: LEONARD, Diana; ADKINS, Lisa (Eds) *Sex in question: French materialist feminism*. Oxon: TayloreFancis, 1996 [1991], p. 30-41.
- Devide, Fabiano. P. (2005). *Gênero e Mulheres no Esporte: História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos*. Ijuí: Unijuí.
- Dowling, Collette . (2001). *O mito da fragilidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Nobert, Elias. e Dunning, Elias. “O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos”, *In: Nobert, E. e Dunning, E. A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992. pp. 257-278

- Pereira, Erik G. B. P; Pontes, Vanessa S. e Ribeiro, Carlos Henrique de V. (2014). *Jogos olímpicos de Londres 2012: brasileiros e brasileiras em foco*. Rev. Educ. Fís/UEM, v. 25, n. 2, p. 257-271, 2.
- Ezell, Matthew. G. (2009). “*Barbie dolls*” on the Pitch: Identity work, defensive othering, and inequality in women’s rugby. *Social Problems* 56 (1): 111-31, 2009.
- Fausto-Sterling, Anne (2002). *Dualismos em duelo. Cadernos Pagu*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a02.pdf>. Acesso em: 15/03/2016
- Gonçalves, Eliane. (2016). *Renovar, inovar, rejuvenescer: processos de transmissão, formação e permanência no feminismo brasileiro entre 1980-2010*. Revista Brasileira de Sociologia. vol. 04, No. 07, Jan. Jun, pp.341-370.
- Finley, Nancy J. *Skating Femininity: Gender Maneuvering in Women’s Roller Derby*. Journal of Contemporary Ethnography.
- Firmino, Carolina B. (2014), “Sou Atleta, Sou Mulher”: A Representação Feminina Sob Análise Das Modalidades Mais Noticiadas Nas Olimpíadas De Londres 2012. *Dissertação de Conclusão (Mestrado em Comunicação Midiática) – FAAC – Unesp*, sob orientação do prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, Bauru.
- Fischer, Rosa Maria B. (2002). O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, p. 151-162.
- Federici, Silvia. *El caliban y la bruja: mujeres, cuerpo y acumulación originaria*. Prefácio e introdução. Capítulo 04. *Traficantes de Sueños*, 2010 [2004], pdf.
- Foucault, Michel (1994). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes
- Gergen, Kenneth (2009). O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, p. 299-325.
- Giddens, Aanthony (2002). *Modernidade e identidade*. Ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro.

- Goellner, Silvana V. (2000) *Mulheres em movimento: imagens femininas na Revista Educação Física*. Educação e Realidade. Porto Alegre, 25 (2), p. 77-94, jul./dez.
- _____ (2001) *Gênero, educação física e esportes*. In: Votre, Sebastião (org). Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer. Rio de Janeiro: Gama Filho, p. 215-227.
- _____ (2004) *Esporte moderno: memória e história*. Lecturas Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v. 10, n.77.
- _____ (2005) *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n.2, p. 143-151.
- _____ (2007) *O esporte e a cultura fitness como espaço de generificação dos corpos*. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007, Recife. Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. pp. 1-12. Recife: CBCE.
- _____ (2007) *Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico*. Movimento (Porto Alegre), v. 13, p. 171-196.
- _____ (2012) – *Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades*. Revista Tempo, vol. 19 n. 34. Pp. 45-52.
- Goldemberg, Mirian. e Ramos, Marzano S. (2002). A civilização das formas: o corpo com valor. In: Goldemberg, Miriam (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record.
- Gomes, Carla (2016) *Nossos corpos, nossos manifestos*. Revista CULT 129. pp.40-43
- Gonzales, Lélia *Racismo e Sexismo na cultura brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- Gurgel, Tema. (2011) *O feminismo como sujeito coletivo total: a mediação da diversidade*. Cadernos de Crítica Feminista, Recife, ano 5, n. 4, dez.

- Guzzi, Ana Cecilia V. (2010). *A partir de una mirada ética sobre la inserción de las mujeres em el escenario del trabajo*. In: A. L. Galinkin e C. Santos (Orgs.), *Gênero e Psicologia Social: interfaces* (pp.437-460). Brasília: Technopolitik.
- Hacking, Ian (2001) *La construcción social de qué?*. Barcelona: Paidós.
- Hall, Stuart (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Haraway, Donna. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, p. 7-41.
- Iñiguez, Lupicínio (2003). *La psicología social en la encrucijada postconstruccionista*. Historicidad, subjetividad, performatividad, acción. Conferência de abertura XII Encontro Nacional da ABRAPSO, Rio Grande do Sul.
- Knijnik, Jorge D.; Vasconcellos, Esdras G. *Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil*. In: Cozac, J.R. (Ed.). *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003.
- Koivula, N. (1999). *Gender Stereotyping in Televised Media Sport Coverage*. *Sex Roles*.
- Kolnes, Liv-Jorunn . (1995). Heterosexuality as an organizing principle in women's sport. *International Review for the Sociology of Sport*, p. 61-77.
- Laqueur, Thomas W. (2001) *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Lauretis, Teresa di. (1994). "A Tecnologia do gênero". In: *Hollanda, Heloisa Buarque (org), Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Le Breton, David (2013). *Antropologia do corpo e modernidade*. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes.
- Macêdo, Goiacira N.S. (2003). A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional. *Universidade Católica de Goiás*.
- Disponível em:

http://www.ucg.br/ucg/katiamacedo/dissertacoes/pdf/Goiacira_ConstrucaoRelacaoGeneroHomemMulher.pdf. Acesso em 08/01/2017

- Maia, Mayara Cristina (2015) *Feminismos e suas possíveis implicações para o esporte olímpico no Brasil*. Pp. 1-16. Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do esporte: CONBRACE. Vitória, ES
- Medrado, Benedito. (2013). Textos em cena: A mídia como prática discursiva, p. 215-241. Em M.J. Spink. *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais (publicação virtual).
- Messner, Michael e Sabo, Don F. (1990). Sport, men and the gender order: Critical feminist perspectives. Champaign: *Human Kinetics Books*.
- Miragaya, Ana M. (2002). A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. Trabalho apresentado em *Fórum Olímpico*, Universidade Gama Filho.
- Mühlen, Johanna C. V. e Goellner, Silvana V. (2012). *Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 34, p. 165-184.
- Nicolson, Paula (1996). Gender, power and organization. *A psychological perspective*. New York: Routledge.
- Nogueira, Conceição; Neves Sofia e Barbosa, Carlos (2005). Fundamentos construcionistas sociais e críticos para o estudo de gênero. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, p.01-15.
- Nogueira, Conceição (2001). Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. *Psicologia e Sociedade*, p. 107-128.
- ____ (2013). A teoria da Interseccionalidade nos estudos de gênero e sexualidades: condições de produção de “novas possibilidades” no projeto de uma psicologia feminista crítica.

- In: Brizola, A. L. C.; Zanella, A. V.; Gesser, M. (Orgs) Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos. Florianópolis; ABRAPSO-NUPPE/CFH/UFSC.
- Oliveira, José Manuel de. *Os feminismos habitam espaços hifenizados – a localização e interseccionalidade dos saberes feministas*. Ex æquo, n.º 22, 2010
- Oliveira, Thais Sentidos sobre Beleza Feminina no Blog Blogueiras Feministas. *Dissertação de Conclusão (Mestrado em Psicologia)*. PUC-GO, sob orientação da profa. Dra. Lenise Santana Borges, Goiânia.
- Pires, Bárbara (2016). *As políticas e produções de sexo/gênero no esporte: um olhar sobre o hiperandrogenismo às vésperas das Olimpíadas Rio 2016*. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Artigo%20B%C3%A1rbara%20Pires%20PDF.pdf>>. Acesso em 14/10/2016
- Piscitelli, Adriana (2002). Re-criando a (categoria) mulher? In: M. Algranti (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002, p. 01-25.
- Romero, Elaine (2004) A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. In: III fórum de debate sobre mulher e esporte - mitos e verdades - 2004, São Paulo. Disponível em: <http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAIS_III_Forum_Mulher_Esporto_Mitos_e_Verdades.pdf> acesso 15/10/2016.
- Rubin, Gayle Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole (org). *Placer y peligro. Explorando la sexualidade femenina*. Madrid: Revolución, 1989, 113-90.
- Rubio, Kátia e Simões, Antônio C. (1999). De espectadoras a protagonistas: A conquista do espaço esportivo pelas mulheres. *Movimento*, p. 50-55.
- Sant'anna, Denise. B. (2014). *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Scott, Joan. (1990) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2): 1-35, jul/dez.

- Sibilia, Paula (2012) Imagens de corpos velhos: a moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In.: Couto, E. S. e Goellner, S. V. *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. (p. 145-16)Petrópolis, Vozes.
- Silva, Tomás T. da A produção social da identidade e da diferença. (2000). In: Silva, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Soares, Carmen Lúcia *Pedagogias do corpo: higiene, ginásticas, esporte*. In.: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008 p. 75-85.
- Souza, Juliana S. S. e Knijnik, Jorge (2007). *A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil*. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, p.35-48.
- Spink, Mary Jane (2004). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. EDIPUCRS: Porto Alegre.
- ____ (2013). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo, SP: Cortez.
- Spink, Mary Jane e Medrado, Benedito. (2013). *Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas*, p. 22-41. Em M.J. Spink. *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo, SP: Cortez.
- Spink, Mary Jane; Brigagão, Jacqueline. I. M; Nascimento, Vanda N. e Cordeiro, Mariana P. (2014). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. 1.ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais (publicação virtual).
- Thompson, John B. (1998). *A Mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- ____ (2008). *A nova visibilidade*. Matrizes [online]. n.2, p. 15-38.

Valcárcel, Amelia (1991) Es el feminismo una teoría política o una ética? Disponível em <http://ameliavalcarcel.com/la-politica-de-las-mujeres-2/> Acesso em 23/06/2016

Whiteside Erin e Hardin Marie (2011). Women (Not) Watching Women: Leisure Time, Television, and Implications for Televised Coverage of Women's Sports. *Communication, Culture e Critique*, p. 22–143.

Wittig, Monique (2006). El pensamiento heterosexual y otros ensayos. Madrid: Egales, 2006 [1981-2]. Caps: La categoría de sexo; no se nace mujer; el pensamiento heterosexual; el punto de vista: universal o particular?; la marca del género.

ANEXO A – Categorias de divisão temática das reportagens

a) Desempenho/Carreira (257 reportagens no total ou 56,6% das publicações). São as reportagens que de alguma forma discutiam o desempenho das atletas ou da seleção feminina nos jogos Olímpicos ou que davam destaque para formas e dificuldades de treinamento, perspectiva de medalha, possibilidades para competição nos próximos eventos esportivos, impedimentos de participação nas Olimpíadas por doping, prognóstico na carreira esportiva, aposentadoria na carreira e assuntos similares.

b) Comportamento/Relacionamento/Sexualidade (108 reportagens no total ou 23,8% das publicações). São notícias que tinham como foco principal assuntos que não se relacionavam diretamente ao esporte, como família, comemoração de vitórias, brigas e desacordo entre atletas, opiniões das atletas sobre o Brasil, ocorrências na Vila Olímpica, entre outros. Além de reportagens com foco na vida amorosa das atletas, como pedidos de casamento, casais lésbicos, envolvimento sexual, uso de aplicativos de namoro.

c) Corpo/Estética (38 reportagens no total ou 8,4% de publicações). Nessa categoria temática agrupei notícias que falavam sobre atributos físicos, como peso, altura, beleza, saúde, deficiência física, lesões, ginecologia esportiva. Além disso, reportagens que abordavam vestimentas, como valor de maiôs de ginástica artística, ou jogadoras que usam *hijabs*.³²

d) Sexo/Gênero/Raça/Classe (29 reportagens no total ou 6,4% das publicações). Separei nessa temática reportagens que tinham como assunto principal marcadores sociais, como sexo, gênero, raça e classe. Aqui as reportagens discutem atletas negras, classe – por exemplo, atletas que “são faveladas” – ou que abordam equidade de gênero nas Olimpíadas, bem como notícias apontando a condição das atletas intersexuais ou sobre o teste de sexo.

³² Vestimenta conhecida como véu, que cobre a cabeça das praticantes do islamismo.

e) Emocional/Psicológico (17 reportagens no total ou 3,7% das publicações). Reuni neste item notícias que davam destaque ao emocional ou psicológico das atletas, reportagens que enfocavam emoções, como ansiedade, tristeza, medos, além de assuntos relacionados à Psicologia do Esporte numa vertente mais clínica, enfrentamento de medos e traumas, superação de derrota, importância do equilíbrio emocional.

f) Mídia/Cobertura esportiva (5 reportagens no total ou 1,1% das publicações). Aqui agrupei basicamente dois tipos de notícias: as que traziam opiniões das atletas acerca da mídia e seleções que buscavam maior visibilidade para a modalidade praticada.

ANEXO B – REPORTAGENS, REPERTÓRIOS E MATRIZES

REPORTAGENS DA TEMÁTICA: DESEMPENHO/CARREIRA			
Título da reportagem	Repertórios matriz produtiva	Repertórios matriz prescritiva	Repertórios matriz questionadora
Eliminada, Joanna ganha afago e diz: 'Quem decide a hora de parar sou eu'	“boa”; “rápida”; “Mais rápida”; “melhor ainda”; “não tem margem para erro”; “não foi muito eficiente”	“me sinto muito jovem”; “aos 29 anos”; “terá 33”;	“quem decide a hora de parar sou eu”;
Hope Solo é suspensa por seis meses por chamar suecas de 'covardes' na Olimpíada	“atleta”	“Irritada”; “covardes”; comentários inaceitáveis”; “não estão de acordo com o padrão de conduta”; “polêmica”; “comentários polêmicos”	----
Ingrid confirma fim de dupla com Giovanna e mira Tóquio: "ganharei medalha"	“erro no salto”; “será medalhista”; “focada”; “competição digna”; “continuar tentando”; “alto nível”; “última colocação”	“decepção”; “só tem a agradecer”; “jovem saltadora”; “20 anos”; “muito ansiosa”; “polêmica”; “quebrar as regras”; “veterana”; “35”; “desentenderam”	“otimismo”; “confiança”; “minha amiga”; “pergunte sobre isso a quem está envolvido”
Murer chora, cita lesão e anuncia aposentadoria: Foi minha última Olimpíada	“atleta brasileira”; “lesão”; “prejudicou sua preparação e seu desempenho”; “maior destaque individual”; “esperança de medalha”;	“chorando”; “35 anos”; pressionada”; “indignada com os fracassos”;	----
Rafaela Silva dá ao Brasil sua primeira medalha de ouro na Rio-2016	“primeira medalha de ouro”; “treinei muito”; “era uma vergonha”; “campeã olímpica”; “desacreditada”; “chance muito grande”; “a melhor judoca que o Brasil já teve”; “futura campeã”; “candidata melhor”	“treinei muito e o resultado veio”; “atividade para acalmar a menina brigona”	“nascida em uma favela”

REPORTAGENS DA TEMÁTICA: COMPORTAMENTOS/RELACIONAMENTOS/SEXUALIDADES			
Título da reportagem	Repertórios matriz produtiva	Repertórios matriz prescritiva	Repertórios matriz questionadora
Após vaias, Hope Solo explica cuidado com zika: "Quero começar uma família"	“Atleta”; “focada”	“aparente exagero”; “começar uma família”	“ponderei”
Casal-símbolo dos Jogos: Conheça a história de amor de Isadora e Marjorie	“jogadora”; “jogadoras estrangeiras”;	----	“Casal-símbolo”; “duas mulheres absolutamente normais”; “passa uma mensagem”; “problematizar algumas coisas”; ajudou a conscientizar”; “orgulhosa”; “servir de exemplo para jovens da comunidade LGBT”; “representatividade”
Ingrid desabafa sobre Giovanna e diz: "Minha vida só diz respeito a mim"	“totalmente focada”; “coisa que ninguém fez”; “não tive notas abaixo de 6”	“explicar polêmicas”; “polêmica”; “esquecendo de citar a performance de sua companheira”;	“somos amigas”; “continuo confiando nela”;
Joanna presta queixa após ataques, mas admite erro em piada com transgênero	“nadadora”; atleta”;	“desabafou”; “sem rancor”	“não admito agressões”; “não invalida as causas que eu defendo e continuarei lutando”
Mayra e Rafaela não prestam continência por receio de represália	campeã olímpica”; “medalhista de bronze”	“temer represálias”	----

REPORTAGENS DO ESPECIAL “QUERO TREINAR EM PAZ”			
Título da reportagem	Repertórios matriz produtiva	Repertórios matriz prescritiva	Repertórios matriz questionadora
“Acho errado esse negócio de 'vou ver só porque ela é bonita””, diz Ingrid	“representante do país”; “promissoras atletas”; “conquistou medalha”; “a primeira do país”;	“ansiedade”; “nervosa”	“esqueçam atributos físicos”; “torçam pela vitória”; “assistir só porque é bonita”; “ouve das pessoas mais das conotações negativas”; “não como musa”; “reconhecida como atleta”;
"Me perguntam como sou musa se sou baixinha e gordinha", diz esgrimista	“espadachim olímpica”;	“disse não à Playboy”; “musa da esgrima”; “diz estar ok com esse tratamento”; “chocariam com os valores”; “não é uma atleta qualquer”; “vantagens de não ser invisível”; “baixinha”; “gordinha”; “enquanto as outras meninas”; “ajeitava a maquiagem”; “como uma jóia”;	“me sinto bem assim”; “não me julgassem”; “ela faz o que quiser da vida dela”; “a favor do aborto”
Ela parou a carreira para treinar como queria. Agora é campeã olímpica	“premiada com o maior prêmio”; “classificou-se”; “melhor tempo”; “não era cotada como favorita”; “a mais rápida”; “recorde”; “coroadá”;	“contra todas as expectativas”; “jovem de 22 anos”; “não a deixavam treinar”; “me disseram que eu era baixa demais”; “preferiam que eu treinasse”; “prefere não atacar”	“tomar as rédeas da carreira”; “saber o que eu queria”; “feliz”; “é isso que eu quero”; “minha versão real”; “sorridente”; “dominou”; “o que eu queria não era o que elas queriam”.
"É o meu maior desafio", diz inglesa sobre defesa do ouro após gravidez	“terceira mulher na história das Olimpíadas”; “superatleta”; “duas vezes campeã mundial”; “medalhista”; “lesionou”; “novo recorde”; “nível necessário”;	“defender título imediatamente após gravidez”; “maior desafio sem dúvida alguma foi ter o meu filho”; “o filho, foi a melhor coisa que poderia ter acontecido”; “consegue alcançar coisas incríveis (...) e ser uma ótima mãe”	“orgulhosa”; “dificuldades valeram a pena”; “determinação”; “faz questão de defender suas posições publicamente”; “provocar mudanças”; “ouvir o que tenho a dizer”; “inspirar as pessoas”

REPORTAGENS DA REVISTA AZMINA			
Título da reportagem	Repertórios matriz produtiva	Repertórios matriz prescritiva	Repertórios matriz questionadora
Ingrid Oliveira, atleta dos saltos ornamentais, faz sexo - e sua mãe também	“a brasileira do salto ornamental”	----	“virar manchete”; “o mundo a acasou”; “modalidade virou coadjuvante”;
Reflexões de uma favelada sobre a vitória de Rafaela Silva	“desclassificada”; “ganha ouro olímpico”;		“Menina nascida e criada na comunidade”; “meritocracia”; “história perfeita”; “ela ser tudo isso e muito mais”; “brilhante”; “sorte também”; “mulher negra”; “racismo”
Exigência de beleza e uniforme curto atrapalham mulheres, dizem estudiosos	“estrela”;	----	“Eu não vou usar minissaias”; “o corpo das mulheres ainda é visto como atração”; “visão estereotipada prejudica o desempenho das atletas”; “esforço extra para lidar com as cobranças de feminilidade ‘perfeita’”; “pressão estética”, “se preocupar com coisas que não dizem respeito ao esporte”; “obsessão pelo corpo feminino”; “controlar o corpo”
Novas regras olímpicas abrem portas para atletas transexuais. Ainda é pouco	“fez história”;	----	“primeira mulher trans”; “o fato de poder jogar (...) já é um avanço”; “vamos nos impondo”; “regras (...) precisam ser repensadas”; “antes de existirmos”; “refazer as regras”; “romper a ideia nociva”; “não reproduza práticas discriminatórias”; “a ciência ainda está aprendendo”; “o que significa ser mulher ou homem”; “a ciência não as considerava tão mulheres”; “cabem nos critérios de mulher do COI”; “o que é ser mulher, afinal?”; “intersexo”; “trans”; “superar essas violências”; “disputando um lugar ao sol”

APÊNDICE A

Reportagem 01: Publicado em 08/08/2016, 15:25 /Atualizado em 08/08/2016, 15:25

Eliminada, Joanna ganha afago e diz: 'Quem decide a hora de parar sou eu'

Antônio Strini e Igor Resende, do Rio de Janeiro (RJ), para o ESPN.com.br.

Joanna Maranhão ficou fora da semifinal dos 200 metros medley nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro por apenas cinco centésimos: marcou 2:13.06, enquanto a última classificada, Vitkoriia Andreeva, fez 2:13.01 na tarde desta segunda-feira.

Assim que passava pela zona mista do Estádio Aquático Olímpico, a nadadora recifense recebeu o apoio do marido, o judoca Luciano Corrêa. Eles conversaram por alguns minutos, trocaram um abraço até que ela atendesse os jornalistas.

"Uma dor, né? Você vê o trabalho do dia-a-dia, o esforço, tudo, e ficar fora por pouco... Mas agora é página virada, porque amanhã (terça) tem os 200 metros borboleta. Ela fica triste, não abatida, e a partir do momento em que ela sair da prova, amanhã vai vir muito bem", disse Luciano, campeão mundial até 100kg em 2007, ao ESPN.com.br.

Joanna disputa no Rio sua quarta Olimpíada da carreira. E aos 29 anos, negou que pense em se aposentar das piscinas e deixou aberta a possibilidade de tentar uma nova vaga nos Jogos de Tóquio em 2020, quando terá 33.

"Sinceramente me sinto muito jovem. Eu fechei o 400m medley melhor que uma menina dez anos mais jovem. Não estou com um corpo e uma cabeça de uma pessoa de 29 anos. E enquanto eu quiser nadar e acreditar que posso nadar, vou continuar vindo forte, brigando por uma semifinal, pelo meu melhor. Quem decide a hora de parar sou eu", afirmou a recifense.

"Ainda sou boa, rápida, e acredito que posso ir mais rápido e melhor ainda. Enquanto acreditar nisso, vou estar aí brigando", garantiu.

Sobre a prova desta segunda, a nadadora admitiu ter errado na parte final.

"Jogos Olímpicos é isso. Quem está na situação que estou, do 16º ao 24º, não pode errar de manhã, não tem margem de erro. Esses cinco centésimos foi um erro, causou com que eu não passasse para as semifinais. Mas eu queria muito, lutei o tempo inteiro, e por lutar tanto que meu crawl não foi muito eficiente, quis sair rodando muito o braço".

'Vivendo uma poesia', Joanna Maranhão explica como a pausa na carreira foi positiva

"Faltou um pouco mais de inteligência, de calma nos últimos 15 metros, encaixar. Saí querendo crescer. A galera estava gritando tanto que eu não estava sentindo a prova, não estou cansada, mas faltou um pouco mais de piscina para mim. Não deu. Paciência", resignou-se Joanna Maranhão.

Reportagem 02: Publicado em 24/08/2016, 21:54 /Atualizado em 24/08/2016, 22:38

Hope Solo é suspensa por seis meses por chamar suecas de 'covardes' na Olimpíada

ESPN.com.br

A federação de futebol dos Estados Unidos anunciou nesta quarta-feira a suspensão da goleira Hope Solo por seis meses. O motivo para isso foram os comentários dela após a eliminação do torneio olímpico frente à Suécia, nas quartas de final.

As americanas foram derrotadas nos pênaltis, depois de um empate em 1 a 1 no tempo regulamentar. Irritada com o resultado, Solo não só declarou que o melhor time acabou não vencendo naquela oportunidade como ainda chamou as suecas de "covardes", por considerar que as adversárias se defenderam demais durante a partida.

"Os comentários dela após o jogo com a Suécia foram inaceitáveis e não estão de acordo com o padrão de conduta que exigimos dos atletas da nossa seleção", declarou Sunil Gulati, presidente da federação americana, no comunicado que emitiu para anunciar a suspensão.

Ju Cabral fala de convivência com Hope Solo e diz: 'Já teve polêmica dentro e fora de campo'

"Além das arenas esportivas e além dos resultados, a Olimpíada celebra os ideais de respeito e jogo limpo. Nós esperamos que todos aqueles que nos representam honrem esses princípios, sem exceção. Levando em consideração incidentes do passado envolvendo Hope e as conversas privadas que tivemos com ela exigindo uma conduta que se adequasse à de um membro da nossa seleção, a federação determinou que essa era a ação disciplinar apropriada", completou.

Não é a primeira vez que ela faz comentários polêmicos após a eliminação da seleção dos EUA em um torneio importante. Em 2007, ela criticou publicamente a performance da goleira Briana Scurry, que foi titular na semifinal da Copa do Mundo de 2007 e a deixou no banco de reservas na derrota para a Alemanha por 3 a 0.

"Foi a decisão errada, acho que todo mundo que sabe algo de futebol concorda com isso. Não há dúvidas na minha cabeça de que eu teria defendido aquelas bolas que entraram. E o fato é que não estamos mais em 2004. Estamos em 2007. É preciso viver no presente. Não dá para viver só com grandes nomes e não dá para viver do passado", disse ela na época.

Reportagem 03: Publicado em 18.08.2016 às 12h00

Ingrid confirma fim de dupla com Giovanna e mira Tóquio: "ganharei medalha"

José Ricardo Leite

Do UOL, no Rio de Janeiro

A decepção pelo erro no salto duplo e meio mortal de costas carpado, que custou uma vaga nas semifinais da prova da plataforma de 10m dos saltos ornamentais, era visível na face de Ingrid Oliveira. Nas palavras, porém, ela fez de tudo para demonstrar otimismo e já falou com confiança após o fim de sua participação nos Jogos do Rio: será medalhista em Tóquio, em 2020.

A saltadora aproveitou para agradecer o apoio da plateia que a incentivou durante as competições no Maria Lenk. "Eu vou totalmente focada pra Tóquio e lá vou ganhar uma medalha. Só tenho a agradecer toda torcida, fãs e quem me apoia. Se não fossem eles, não sei nem o que eu faria. Teve muita gente me criticando, mas muitas outras me apoiando. Eu vi que a torcida ajuda bastante e só tenho a agradecer", falou.

Ingrid fazia boa eliminatória e estava na nona colocação (18 passariam pra semi) quando caiu de costas ao arriscar o salto duplo, na quarta série. O movimento em questão é quando tentou o mesmo movimento que a fez zerar no Pan-Americano de Toronto, no ano passado. Ele tem grau de dificuldade 2,9, em uma escala na qual o movimento mais complexo - que rende maior nota, caso executado com perfeição - é de 3,8.

A jovem saltadora de 20 anos garantiu que o erro não será motivo para não tentar mais a execução do salto. Pelo contrário, afirmou que usará parte desse movimento para tentar um ainda mais complexo que será utilizado nas próximas competições que disputar.

"Achei que foi uma competição muito boa, tirando o penúltimo salto, que eu estava muito ansiosa em fazer. Tirando ele, minha competição foi digna de final olímpica. Esse salto estava bem nos treinos, vou continuar tentando e treinando. Ele estava saindo muito bom mesmo nos treinos. Quando ele tiver bom, de alto nível, vou colocar outro salto no lugar desse", explicou.

"Vou continuar treinando esse salto pra colocar um mais difícil no lugar dele. Enquanto o mais difícil não rolar, vou continuar treinando com ele. Fiz uma série bem competitiva contra as melhores. Tem um salto que quero arriscar e dá pra aumentar o grau de dificuldade", prosseguiu.

Após polêmica, competição só no individual

A prova de quarta-feira era uma oportunidade de Ingrid desviar o foco das histórias que a envolveram até aqui nestes Jogos Olímpicos Rio-2016. Antes da prova de salto sincronizado da plataforma de 10m, na terça-feira (9), Giovanna Pedroso e Ingrid se desentenderam. E o caso se complicou depois de Ingrid quebrar as regras com a sua colega ao levar para o quarto que dividia com ela na Vila o também atleta Pedro Henrique Gonçalves da Silva, 23. A parceria terminou na oitava (e última) colocação.

A dupla dos saltos sincronizado foi desfeita, e Giovanna voltou para casa, pois não tinha mais compromissos nos Jogos. Ingrid permaneceu na Vila, mas com uma forte blindagem feita pelo COB (Comitê Olímpico Brasileiro) e CBDA (Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos), para poder ter a tranquilidade para competir na prova da plataforma de 10m.

Ingrid confirmou que agora é hora de focar apenas na prova individual. “Na questão da dupla, já vínhamos pensando em nos separar há algum tempo pra eu focar mais no individual. E eu penso que se a pessoa está bem no individual, a dupla exige muito. Talvez no futuro possamos fazer uma dupla pra brigar com as meninas, mas nesse momento eu vou focar no individual.”

Rusga com Juliana

Depois de encerrar sua participação na quarta Olimpíada seguida, Juliana Veloso, 35, foi questionada sobre a polêmica e se dava conselhos para Ingrid. A veterana não fez muita questão de esconder que o relacionamento entre as duas não era bom e que a companheira tinha comportamento que ela não admirava.

“Somos do mesmo time, do Fluminense, mas há uma distância muito grande entre nós, temos uma criação muito diferente. Ela é minha amiga, eu dou conselhos, mas é difícil. Ela ouve, mas não sei se entende. É difícil em todos os aspectos: ouvir é uma coisa, fazer é outra”, disse Juliana, após encerrar sua participação na Rio-16 com o 27º lugar na prova do trampolim de 3 metros, na tarde de sexta-feira, 12.

“Acho que foi um caso isolado [a polêmica de Ingrid na Vila]. Pode ser questão de educação ou rédea frouxa. Mas eu não sei o que aconteceu, prefiro até ficar distante, não posso falar sobre o que não sei. Não me envolve, então prefiro que você pergunte sobre isso a quem está envolvido. Porque é muito grave”, continuou Juliana.

Na quarta, Ingrid aproveitou para cutucar a companheira ao responder se a equipe estava torcendo por ela na prova da plataforma 10m. “Assim, tinha mais gente da equipe aqui. Tinha o Ian (Matos), que é meu amigo. O Luiz (Outerelo) não vem muito em competições. Eles sempre me apoiaram, exceto a Juliana. Acho que todos são como uma família pra mim, se não vieram aqui, creio que torceram de casa. A equipe é muito unida e gosto muito deles, exceto da Juliana”, afirmou.

Reportagem 04: Publicada em 16.08.2016 às 11h53

Murer chora, cita lesão e anuncia aposentadoria: Foi minha última Olimpíada

Pedro Ivo Almeida e Luis Augusto Simon

Do UOL, no Rio de Janeiro

Fabiana Murer ficou muito decepcionada após não conseguir a classificação para a final da prova feminina de salto com vara na Rio-2016. Chorando, a atleta brasileira disse que uma hérnia de disco descoberta há um mês prejudicou sua preparação e seu desempenho nesta terça-feira (16). Com o encerramento da sua participação nos Jogos, ela anunciou a aposentadoria das Olimpíadas.

“Acabei de sair de uma prova complicada. Passei um mês muito difícil desde que descobri que estava com uma hérnia cervical que tira a força dos braços, das costas e não me deixou treinar do jeito que queria para chegar bem na Olimpíada. Esse aqui é meu último ano mesmo. Foi minha última Olimpíada”, declarou.

Em setembro deste ano, Murer teria que participar da Liga Diamante por contratos com o patrocinador. Apesar disso, a lesão preocupa a brasileira de 35 anos.

"Já tinha falado há algum tempo que esse seria meu último ano. É um bom momento de parar. Fui convidada para última etapa da Liga Diamante, em Bruxelas. Vou avaliar a evolução da lesão nos próximos 15 dias e resolver", declarou.

Diante da torcida presente no Engenhão, a atleta brasileira caiu fora do colchão no aquecimento e, na classificação, não ultrapassou a marca de 4,55m em três tentativas.

"Comecei com uma vara mais fraca para ver se ia dar certo. Peguei uma mais forte também na segunda, mas não deu certo. É um momento difícil, já tinha feito um bom ano, estava num bom caminho para ir bem nessa Olimpíada, mas infelizmente tive essa hérnia. Talvez eu precisava de mais um tempo para recuperar", acrescentou.

No segundo grupo, Fabiana, que seria a primeira a saltar, decidiu começar a classificação apenas nos 4,55m. Mas na primeira tentativa, não ultrapassou o sarrafo. Decepcionada com a investida inicial, a brasileira também parou no sarrafo na segunda chance, nos mesmos 4,55m. Pressionada e indignada com os fracassos anteriores, a atleta foi para a terceira tentativa com os mesmos 4,55m e não teve êxito.

"Foi um mês muito intenso, de muito treinamento, tratamento. Sempre acreditando que seria possível chegar na Olimpíada 100% e batalhar pela final. Eu sabia que a qualificação ia ser difícil. Sempre é muito complicada. Ainda mais por esse mês que passei, eu tinha que chegar na competição e ver como ia estar", analisou Fabiana.

A hérnia cervical acontece quando há uma lesão no disco intervertebral, que é responsável pelos membros superiores. Por isso, quando existe a irritação da hérnia de disco, os movimentos dos braços ficam amortecidos.

"Não tenho força suficiente no braço para saltar. Às vezes minha mão falha. É bem complicado, é até difícil de explicar. Só sentindo mesmo para ver o quanto é problemático ter uma hérnia. O braço falha, não funciona da mesma forma", contou Murer.

Fantasmas

A atleta de 35 anos é o maior destaque individual na modalidade do país nos últimos anos. Ela foi campeã mundial duas vezes (2010 indoor e 2011 ao ar livre) e conquistou a Liga Diamante em duas oportunidades (2010 e 2014). Por isso era a grande esperança de medalha para o Brasil em sua modalidade. Apesar disso, ela precisou enfrentar os 'fantasmas olímpicos' que a perseguem desde 2008.

Nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, a atleta sofreu o seu primeiro baque quando não encontrou uma de suas varas antes do início da final. Ela procurou de todas as formas, foi reclamar com a organização e não achou. Então desconcentrada, ela acabou em 10º lugar.

Nas Olimpíadas seguintes, em Londres-2012, ela chegou como uma das favoritas à medalha de ouro. Apesar disso, ela não teve sorte e pegou um dia de muito vento na qualificação, ficando de fora das finais.

Reportagem 05: Publicada em 08.08.2016 às 17h07

Rafaela Silva dá ao Brasil sua primeira medalha de ouro na Rio-2016

Bruno Doro

Do UOL, no Rio de Janeiro

A primeira medalha de ouro do Brasil nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro é de uma carioca, nascida em uma favela e que começou a lutar em um projeto social. Rafaela Silva é a nova campeã dos leves (57kg) do judô, após bater a mongol Sumiya Dorjsuren, atual líder do ranking mundial, nesta segunda (08).

"Treinei muito depois de Londres-2012 porque não queria repetir o sofrimento [foi eliminada na estreia, ao aplicar um golpe ilegal]. Depois da minha derrota, muita gente me criticou, disse que eu era uma vergonha para minha família, para meu país. E agora sou campeã olímpica", disse Rafaela logo depois da luta. "Em 2014, eu estava desacreditada, mas, agora, treinei o máximo que podia e o resultado veio".

Técnico da seleção brasileira, Mário Tsutsui disse que a luta mais difícil foi a da semifinal. "Contra a romena, que foi decidida só no golden score [a morte súbita do judô], foi tenso. A Rafaela sentiu a pressão de lutar por uma final olímpica. Mas quando vimos a mongol ganhando da japonesa, ficamos confiantes e sabíamos que ela tinha uma chance muito grande de ganhar a medalha de ouro", comentou - Dorjsuren venceu a atual campeã olímpica, Kaori Matsumoto.

Com sua família e amigos nas arquibancadas, Rafaela cresceu com a vibração do público e reverteu um histórico incomodo: em cinco lutas contra a asiática, tinha vencido apenas uma vez, no ano passado. "Mesmo assim, sabíamos que a mongol não era perfeita. Trabalhamos muito em cima dela e sabíamos que ela abria a guarda para contra-golpes. Foi assim que veio o golpe da vitória", explicou Tsutsui.

Na Arena Carioca 2, Rafaela Silva venceu a mongol por um wazari. A vantagem a permitiu controlar a luta, inclusive mantendo a rival longe e recebendo duas penalidades.

A história da campeã olímpica

Aos cinco anos, Rafaela saiu da Cidade de Deus, a comunidade carente e violenta que ficou famosa com o filme homônimo de Fernando Meireles, para se tornar a melhor judoca que o Brasil já teve. Em 2013, foi campeã mundial, também em sua casa, no Rio de Janeiro. Nenhum outro judoca do país tem títulos olímpicos e mundiais. Sarah Menezes, Aurélio Miguel e Rogério Sampaio têm ouros olímpicos, mas nunca venceram Mundiais. João Derly (duas vezes), Tiago Camilo, Luciano Correa e Mayra Aguiar têm o Mundial, mas não o ouro olímpico.

A história da judoca começou em uma academia montada em sua rua, quando seus pais buscavam uma atividade para acalmar a menina brigona. O destino fez com que Geraldo Bernardes, o técnico de Flavio Canto, medalhista de bronze dos Jogos de Atenas-2004, visse na garota uma futura campeã. Ela foi treinar no Instituto Reação, que Bernardes e Canto criaram para ensinar judô em comunidades carentes.

Em 2008 o trabalho já dava resultado, com o título mundial sub-20. Em 2009, foi a melhor brasileira no Mundial de Roterdã, com um quinto lugar. Em Londres-2012, já vice-campeã mundial, quase deixou o esporte. Eliminada por tentar um golpe ilegal, acabou bombardeada com mensagens racistas em redes sociais. Reagiu. Quando chegou no Brasil, queria parar.

A família, Bernardes, Canto e uma psicóloga, Nell Salgado, não deixaram. No ano seguinte, ela já era campeã mundial e líder do ranking da Federação Internacional de Judô. Nos últimos três anos, subiu ao pódio em quase todos os torneios que disputou. A primeira medalha do judô na Rio-2016 não poderia vir de uma candidata melhor.

Reportagem 06: Publicada em 05.08.2016 às 12h48

Após vaias, Hope Solo explica cuidado com zika: "Quero começar uma família"

Do UOL, em São Paulo

A goleira da seleção feminina de futebol dos Estados Unidos, Hope Solo, reagiu nesta sexta-feira (05), em entrevista à revista *Sports Illustrated*, às vaias e provocações dirigidas a ela pela torcida brasileira no Mineirão, na estreia da sua equipe nos Jogos Olímpicos de 2016.

Solo, pouco antes de vir para o Brasil, postou foto nas redes sociais com roupas para proteção contra insetos, alegando ter medo do vírus zika. O aparente exagero da atleta foi lembrado pelo público no estádio, que respondeu com deboche: toda vez que a norte-americana tocava na bola, ouvia o grito de "ooo... zika!"

"Eu não sabia o que estava acontecendo durante o jogo, e isso não me afeta", assegurou a goleira. "Vim ao Brasil com um objetivo, que é ajudar meu time, o meu país, a ganhar. Estou focada nisso".

E acrescentou: "Se é uma chatice? Bom, gostaria que as pessoas soubessem que ponderei muito antes de vir para o Brasil. Foi uma decisão pessoal que fiz com o meu marido, pois estamos pensando em começar uma família".

Solo ainda lembrou as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês, uma agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA), que advertiam grávidas ou mulheres que pretendem engravidar sobre os riscos de uma viagem ao Brasil justamente por causa da possibilidade de contrair o vírus zika.

A seleção de Hope Solo venceu por 2 a 0 a Nova Zelândia na estreia, no Mineirão. No sábado (06), pela segunda rodada, enfrentará a França, no mesmo estádio.

Reportagem 07: Publicada em 13.08.2016 às 06h00

Casal-símbolo dos Jogos: Conheça a história de amor de Isadora e Marjorie

Fernanda Schimidt

Do UOL, no Rio de Janeiro

Isadora Cerullo e Marjorie Enya não esperavam uma repercussão tão grande. A foto do beijo após o pedido de casamento em público e em pleno gramado rendeu manchetes ao redor do mundo e as transformou no casal-símbolo da Olimpíada de 2016.

“Somos um casal de duas mulheres absolutamente normais, que têm coisas especiais e defeitos como todas as pessoas têm. O bacana disso é que a gente passa uma mensagem de que todo mundo tem direito a ser feliz. Somos um casal de mulheres que quer ser feliz junto. Só isso”, disse Marjorie, 28, em entrevista ao UOL Esporte na tarde desta sexta-feira (12), seu primeiro dia de folga após o “sim”. Ela vive em função dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos desde o fim do ano passado, quando se mudou para o Rio de Janeiro para gerenciar tudo o que acontece fora do campo no estádio de Deodoro.

O acesso privilegiado e os contatos quentes foram cruciais na hora de Marjorie planejar o pedido de casamento e montar o palco para a ocasião, logo após a cerimônia de entrega de medalhas do rúgbi de 7, na noite do último dia 8. Mas, primeiro, era necessário criar um pretexto para que a futura noiva fosse a campo.

A seleção brasileira já havia jogado naquele dia, e o ônibus que levaria a delegação de volta à Vila sairia em breve. A gerente de mídia, então, foi acionada para contar que Isadora, 25, daria uma entrevista no campo logo após a entrega do ouro à Austrália. “Falei para as meninas irem, que não precisavam me esperar, depois daria um jeito de voltar. Mas elas disseram que queriam ver as medalhistas”, contou Isadora. Ela foi inocentemente até a namorada para pedir ajuda e organizar o retorno para o quarto: “Você sabe de transporte para depois? Tenho uma entrevista agora”, disse. Sem perder a pose, Marjorie sacou o rádio e entrou em contato com o responsável, confirmando o transporte para uma atleta. “Ele não entendeu nada”, comentou.

No campo, Isadora ainda aguardava o início de sua entrevista quando viu Marjorie pegar o microfone. “Pensei: ‘que bacana! A Marjorie vai agradecer todo mundo pelo trabalho’. Mas aí começou o discurso emocionante”, lembrou a atleta. “Nessa hora eu já estava chorando horrores. Quando ela falou que faço dela a mulher mais feliz, chorei ainda mais”, completa.

O nervosismo fez Marjorie quase errar a mão em que amarrou a fita amarela simbolizando uma aliança. No plano dela, o estádio já estaria vazio nesse momento. Porém, ao chegar lá e se deparar com um monte de gente e imprensa, teve de improvisar. “A Isadora é jogadora, não pode usar aliança. Mas achei que ia ser difícil fazer tudo isso sem ter uma aliança no final”, contou.

Os planos para o próximo ano ainda continuam incertos em termos profissionais. “A única coisa que a gente sabia é que não ia abrir mão uma da outra?”, disse Isadora imagem: Iwi Onodera/UOL

O casal está junto há dois anos, mas ainda não tinha conversado diretamente sobre casamento. Marjorie achou o momento apropriado e que tinha total relação com o espírito olímpico de união e amor: “A nossa história tem muito a ver com os Jogos. A gente ralou muito para estar aqui”, disse. E brincou sobre o motivo real da escolha. “Quis fazer no meio do estádio para ela não falar não”, completou, rindo. Elas dizem que o bom humor é característico desse relacionamento, repleto de pequenas provocações, brincadeiras e muito afeto.

Amor e esporte

Antes do emprego temporário no Rio, Marjorie era gerente na seleção feminina de rúgbi. Foi lá que elas se conheceram, quando Isadora veio ao Brasil passar por um processo seletivo para a equipe. Filha de pais brasileiros, a atleta nasceu em Nova Jersey e havia visitado o país uma única vez, aos 9 anos, para passar um tempo com a avó paterna, apesar de manter contato frequente por telefone com a família.

Ela jogava rúgbi na universidade e em clubes, quando ficou sabendo da convocação para brasileiros que moram no exterior e estivessem interessados em competir pelo país. Depois de quatro meses pensando a respeito, Isadora resolveu tentar e foi aceita para passar por testes em São Paulo.

O início da relação delas foi curioso. Marjorie rejeitava a ideia dessa pessoa que chegaria para o time antes mesmo de conhecê-la. Ela ainda lembrava de experiências ruins da equipe com jogadoras estrangeiras pouco comprometidas. Para completar, as burocracias para a chegada de Isadora atrapalharam. A atleta pegou uma folga no trabalho de pesquisa que fazia no hospital da Universidade da Pensilvânia para viajar até Washington e poder tirar o documento de identidade brasileira. Mas o processo desencadeava uma série de erros no sistema, e Isadora saiu de mãos abanando. “Essa pessoa não consegue nem tirar o RG!”, pensava a gerente em São Paulo, que se lançou em um trabalho de investigação sobre a possível nova integrante.

“Eu fuçava o Facebook, queria saber quem era essa gringa. Aí vi uma nerd, que estudou na [Universidade de] Columbia e trabalhava no hospital. E tinha um metro e meio [de altura]. Tá de palhaçada”, falava Marjorie na época. Mas as coisas foram mudando antes mesmo de a atleta chegar

ao Brasil. Isadora lançou uma campanha de crowdfunding para ajudar a pagar a passagem e realizar o sonho de jogar profissionalmente. Ali, fogueira a futura namorada, que começou a mudar de opinião. “Vi que ela estava se esforçando para vir”, admite Marjorie.

O dia a dia de treinos e viagens as aproximou. A afinidade pela leitura e cultura e as discussões profundas sobre a vida foram o estopim para o romance. Em vez dos passeios para fazer compras com as demais colegas do time, elas preferiam visitar museus. Marjorie se formou em História pela Universidade de São Paulo, e Isadora fez Biologia e Direitos Humanos - ela também estava se preparando para entrar em processos seletivos de faculdades de Medicina quando decidiu investir no esporte. “A minha experiência aqui está sendo rica, porque eu conheci uma historiadora”, contou Isadora.

O casal gosta de fazer roteiros literários. Quando foram a Salvador, por exemplo, Isadora lia “Capitães de Areia”, de Jorge Amado. Atualmente, está a 50 páginas do fim de “Ensaio Sobre a Cegueira”, de José Saramago, livro que tem lido propositadamente aos poucos. Enquanto Marjorie enriqueceu o leque cultural da namorada e colaborou para ampliar a fluência no português, a chegada de Isadora trouxe novas discussões importante para as meninas da seleção de rúgbi.

“Ela trouxe uma influência, de problematizar algumas coisas, discutir o machismo no esporte”, contou Marjorie, orgulhosa. A nova integrante ajudou a conscientizar as colegas sobre o tipo de cobertura feita pela imprensa e as diferenças de investimento dado à modalidade feminina versus a masculina. “As pessoas começaram a ver que podiam se revoltar com isso”, disse Isadora.

As diferenças culturais, no entanto, apareceram em alguns momentos. Questionadas sobre quando começaram a namorar, as duas riem. “Ela me enrolou por três meses!”, comentou Marjorie. Isadora fez questão de se defender: nos Estados Unidos é normal você sair com uma pessoa por um tempo e, depois, conversar sobre se estão namorando. “Não existe um pedido oficial de namoro”, disse a jogadora.

O pedido de casamento surgiu num momento de incertezas quanto ao futuro. O contrato de Isadora com a seleção se encerra nesta semana, e o trabalho de Marjorie para o Comitê Olímpico, no mês que vem. “A única coisa que a gente sabia é que não ia abrir mão uma da outra”, disse a atleta. Marjorie concordou.

Não há planos para uma cerimônia tradicional. A ideia do casal é reunir familiares e algumas amigas mais próximas para uma celebração simples, como um almoço. Com a fama conseguida durante os Jogos, elas têm sentido a pressão popular a respeito do casamento. “Encontrei umas sul-africanas que

me reconheceram e perguntaram onde vai ser o casamento. Do jeito que está, vamos ter de fazer um em cada continente!”), brincou Isadora.

Nenhuma das duas teve problemas após assumir a sexualidade para as suas respectivas famílias, mas sabem que estão em uma posição privilegiada. Elas esperam que com a visibilidade que a história ganhou possam servir de exemplo para jovens da comunidade LGBT. “Eu gostaria muito que tivesse acontecido algo assim quando eu era pequena. As pessoas que não passam por isso não entendem como a representatividade faz falta”, comentou Marjorie.

Depois da sessão de fotos exclusiva para o UOL Esporte e de todo o assédio da grande imprensa mundial, com entrevistas para CNN, Reuters, AP e BBC, entre outros veículos, Marjorie deu o recado: “Ai de você se terminar comigo! Hashtag sem pressão”, riu.

Reportagem 08: Publicada em 11.08.2016 às 08h05

Ingrid desabafa sobre Giovanna e diz: "Minha vida só diz respeito a mim"

Do UOL, em São Paulo

Ingrid Oliveira quebrou o silêncio após ver seu nome envolvido no centro de uma polêmica que afetou a dupla formada com Giovanna Pedroso. Juntas, as atletas competiram nos saltos ornamentais nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Entretanto, após a eliminação do torneio, as atletas revelaram uma briga entre elas e deram a parceria como encerrada.

Segundo o UOL Esporte apurou, a briga foi motivada por uma série de desavenças: locais de treino, ordem dos saltos a ser realizada e até mesmo uma “ficada” de Ingrid com outro atleta da delegação brasileira, que teria sido o estopim para o racha entre as atletas. O "muso", apelido pelo qual o COB vinha se referindo, é Pedro Henrique Gonçalves da Silva, 23, que representa o Brasil na categoria K1 da canoagem – e competiu na última quarta-feira (10), conseguindo o sexto lugar, algo inédito para o país.

Nesta quinta-feira (11), Ingrid usou sua conta em uma rede social para dar sua versão dos fatos e agradecer o apoio dos fãs neste momento difícil.

“Gostaria de agradecer a todos pela força que vocês estão me dando, Obrigado de coração pelas palavras de apoio. Meta a gente busca, caminho a gente acha. Desafio a gente enfrenta e sonho a gente realiza. A derrota na vida também é uma vitória, e sem ela a gente não cresce. Errar todo mundo erra, ninguém é perfeito abaixo de Deus, mesmo estando brigada com a Giovanna, continuo confiando nela e continuo colocando minha mão no fogo por ela”, escreveu a atleta.

Apesar do impasse, Ingrid salienta que ainda pretende conversar com Giovanna para acertar as arestas e recuperar o bom relacionamento que sempre tiveram durante o período em que competiram juntas.

“Somos amigas sim, e já passamos por muitas coisas juntas e momentos bons e ruins de ambas as partes. Depois daqui vamos sentar e conversar, mas no momento estou totalmente focada para entrar em uma final olímpica (coisa que ninguém fez)”, salientou Ingrid.

Assim como aconteceu após o término da prova, Ingrid fez questão de exaltar o seu desempenho na plataforma de salto, esquecendo-se de citar a performance de sua companheira.

“A minha competição era em dupla. Se uma errar, prejudica a nota da outra. E se vocês assistirem a competição, verão que não tive notas abaixo de 6”, explicou Ingrid.

Na final do salto ornamental na plataforma de 10 metros, as brasileiras terminaram a prova na última colocação ao marcar 280.98 pontos. A dupla chinesa, que ficou com a medalha de ouro, marcou 354 pontos para ficar com o título olímpico.

Por fim, a atleta desconversou sobre o problema que teria causado o racha definitivo entre ela e Giovanna. De acordo com fontes ouvidas pelo UOL Esporte, Ingrid conheceu outro atleta na Vila Olímpica e quis leva-lo para o apartamento que dividia com Giovanna. Incomodada com a situação, já que Ingrid teria pedido que ela deixasse o local, a atleta reclamou para os dirigentes da delegação brasileira, que contemporizaram o caso. Em seu post, Ingrid disse que não comentaria o problema.

“Sobre a minha vida pessoal, não tenho absolutamente nada a declarar. Já falei e vou repetir: o que faço na minha vida pessoal só diz respeito a mim e mais ninguém”, concluiu a competidora.

Ingrid está na fase preliminar do salto individual da plataforma de 10 metros. A prova acontecerá na próxima quarta-feira (17), às 15h (de Brasília).

Pedro Henrique da Silva não quis comentar relacionamento

O atleta Pedro Henrique da Silva disputou medalha nesta quarta-feira (11) na canoagem Slalom, mas acabou ficando sem premiação ao terminar na sexta colocação.

Apesar do resultado histórico, já que foi a melhor colocação de um brasileiro na prova na história dos Jogos Olímpicos, o atleta esteve envolvido em outro assunto que movimentou a delegação brasileira: o envolvimento com Ingrid Oliveira.

O atleta compareceu ao programa " Balada Olímpica", da Rede Globo, mas se recusou a comentar o suposto envolvimento com a atleta, que teria sido o estopim para um conflito entre Ingrid e Giovanna que já durava certo tempo.

"E essa história de rede social, de namoro com a Ingrid na Vila Olímpica. Deu muita repercussão? Se você não quiser falar, não precisa falar", disse Flávio Canto. "Já resolvi [o assunto]. Uma exposição desnecessária, mas eu estava muito focado em competir em alto nível e hoje eu mostrei o resultado. Só quero comemorar com a minha família, com os meus amigos e foi espetacular", respondeu o Pepeh.

Reportagem 09: Publicada em 12.08.2016 às 11h56

Joanna presta queixa após ataques, mas admite erro em piada com transgênero

Pedro Ivo Almeida

Do UOL, no Rio de Janeiro

A nadadora Joanna Maranhão compareceu nesta sexta-feira à Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática, na região do Jacarezinho, zona norte do Rio de Janeiro, para prestar queixa contra os ataques que sofreu na internet durante a sua participação nos Jogos Olímpicos.

"Optei por fazer esse boletim de ocorrência. Todo debate é válido, mas quando temos agressão ou violência, precisamos acionar a Justiça. Sou uma pessoa pública e tenho que saber dos julgamentos, mas não admito agressões", disse Joanna. O caso ficará com a delegada Daniela Terra, titular da DRCI.

Após ser eliminada de sua terceira e última prova no Rio de Janeiro, há três dias, Joanna desabafou e disse ter sido vítima de ataques na internet. Segundo ela, as mensagens faziam referência ao abuso sexual que sofreu na infância.

"Não torçam para eu ser estuprada. É pesado. É muito duro. Eu aguento porque não tive outra opção na vida" desabafou a nadadora, que disputou as eliminatórias dos 200 m borboleta e e dos 200 m e 400 m medley no Rio de Janeiro.

Joanna Maranhão aproveitou para admitir erro em sua postura em tweets antigos. Em textos postados há cinco anos, a atleta fez comentário polêmico sobre a Ariadna, ex-participante do reality show "Big Brother Brasil" que é transgênero, afirmando que ela precisaria "nascer de novo" para se assemelhar a uma mulher. Além disso, foram encontrados posts se referindo a mulheres como "vagabundas".

"A maior covardia foi pegar um Tweet meu de 5 anos atrás. Aproveitei para pedir desculpas a Ariadna. Foi uma piada de péssimo gosto. Mas isso não invalida as causas que eu defendo e continuarei lutando", disse. "Tenho um irmão caçula que é homossexual. Até comemorei quando ele me falou. Mas depois pensei o que ele poderia sofrer. Toda comunidade LGBT merece respeito", completou.

O advogado da Joanna, Fabiano Rosa, explicou a queixa. "Internet é um espaço público. As pessoas precisam entender que não podem caluniar e injuriar ninguém. Precisamos acabar com essa cultura de impunidade na internet. Vamos pedir ajudas à Polícia. São mais de 250 comentários ofensivos, muitos gravíssimos com incitação a crimes, estupros. Além de crimes contra a honra. Depois, iremos à Justiça cobrar a reparação imediata disso".

Delegada explica próximos passos

Após pouco mais de 1h30 na Delegacia, Joanna Maranhão deixou o local acompanhado de advogado e amigos. "Acredito em punição, mas sem rancor. Quero que as pessoas possam se posicionar e viver suas vidas sem ataques na internet. Ao menos 30 posts foram muito agressivos. Eles me explicaram que esse será o foco da investigação", disse a nadadora.

Na sequência, a delegada Daniela Terra, que comanda o caso, explicou os próximos passos da investigação e tipificou os delitos cometidos. "Ela registrou a ocorrência e o inquérito foi instaurado. Já identificamos ao menos dez perfis, que serão enquadrados nos crimes de injúria, difamação e ameaça. Todos serão convocados a depor, mas ainda não há qualquer pedido de prisão", esclareceu.

Reportagem 10: Publicada em 12.08.2016 às 13h51

Mayra e Rafaela não prestam continência por receio de represália

Bruno Doro e Luiza Oliveira

Do UOL, no Rio de Janeiro

As três medalhas que o judô brasileiro ganhou nos Jogos do Rio de Janeiro foram conquistadas por atletas militares. A campeã olímpica dos leves, Rafaela Silva, e a medalhista de bronze dos meio-pesados, Mayra Aguiar, são sargentos da marinha. Quando subiram ao pódio, porém, ambas não prestaram continência à bandeira e disseram temer represálias pelo gesto - nesta sexta-feira, Rafael Silva quebrou essa sequência e fez o gesto depois de levar o bronze entre os pesados.

“Foi passado para a gente [não prestar continência]. Veio de cima a ordem então acabei que não fiz”, explicou Mayra. “Mas com certeza vou lá na Marinha. Sou sargento. Eles nos apoiaram demais, fizeram muito parte da nossa história e das nossas vitórias. Com certeza merecem esse prestígio, a gente vai lá com certeza”, completou.

Rafaela, que subiu ao pódio dois dias antes, também não fez o gesto. “Eles têm regras que mudam bastante. Antes, não podia nem fazer o sinal da cruz que você seria desclassificado. Para não correr o risco de perder minha medalha, eu continuei com minha mão no lugar”, falou a campeã.

Procurada pela reportagem, a CBJ (Confederação Brasileira de Judô) explicou que não existe nenhuma diretriz interna para que os atletas não prestem continência no pódio. O COB (Comitê Olímpico do Brasil) também liberou o gesto.

Segundo Marcus Vinícius Freire, diretor-executivo do COB, a continência não quebra a regra que proíbe manifestações políticas ou religiosas em pódio. “O atleta pode expressar seu respeito à bandeira do país de várias formas diferentes, pode levar a mão ao peito, prestar continência, isso não representa uma manifestação política”, disse Freire.

Primeiro medalhista brasileiro, Felipe Wu é atleta-militar. Ao subir ao pódio, ele prestou continência. O atirador não foi punido. Em julho, o COI disse, em nota enviada por e-mail à agência Reuters, que “sempre faz uma avaliação caso a caso, com uma abordagem sensata, com relação a gestos como as continências militares”

Reportagem 11: Publicada em 31/07/2016, às 00h30m

“Acho errado esse negócio de 'vou ver só porque ela é bonita’”, diz Ingrid

José Ricardo Leite

Do UOL, no Rio de Janeiro

“Às vezes olho pra arquibancada e imagino todo mundo lá, com muitas pessoas fazendo barulho”, diz Ingrid Oliveira logo após uma sessão de treinamentos no Parque Maria Lenk. Aos 20 anos, em sua primeira Olimpíada, em seu país, ela quer contar com o carinho dos brasileiros. Mas faz um pedido: esqueçam atributos físicos e torçam pela vitória. Rótulos? Só se forem relacionados ao esporte e de maneira respeitosa.

“Acho que é muito errado esse negócio de “vou assistir só porque ela é bonita”. Tem que assistir porque quer torcer e para que eu me dê bem, não porque quer me ver de maiô”, disse a representante do país nos saltos ornamentais no Rio.

A carioca é uma das promissoras atletas dos esportes aquáticos do país e, com 19 anos, conquistou uma medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Toronto, no ano passado, a primeira do país em provas sincronizadas. A partir da competição, Ingrid ganhou muita projeção, sobretudo depois de chuvas de comentários desrespeitosos em suas fotos de maiô nas redes sociais e rótulos que recebeu. Na sequência, depois de muita repercussão, tentou no Pan um duplo mortal e meio de costas, mas caiu de costas na água.

A saltadora se diz chateada porque até hoje ouve das pessoas mais das conotações negativas do que as relacionadas ao pódio na competição continental. Conta que logo nos primeiros dias de Vila Olímpica se deparou com uma situação desagradável. E aproveita pra pedir torcida pelo esporte.

“Sinto (que o esporte tem mais atenção hoje), mas não gosto quando as pessoas me colocam como musa. Quero ser reconhecida como atleta, não como musa ou a menina que tirou zero. Ninguém nem fala da minha medalha. Ontem na Vila e eu estava com o Ian (Matos, saltador) tirando fotos no círculo olímpico e de repente chegou um cara e falou pra outro cara ‘é aquela menina que tirou zero no Pan’”, desabafou.

“Gente, eu ganhei medalha, viu? Só pra informar, viu, também ganhei medalha. E o povo não reconhece essas coisas, e sim outras coisas. E eu fico meio triste, meio revoltada”, prosseguiu, enfatizando o que colheu de bom esportivamente. “Acho que o salto ganhou bastante conhecimento, pelo Pan, pela medalha, pela Juliana (Veloso) que as pessoas sempre falam. Isso tudo ajudou, no lado esportivo.”

Atleta do Fluminense, Ingrid estará nos Jogos do Rio na prova de plataforma sincronizada ao lado de Giovana Pedroso, do Botafogo. Quanto aos objetivos na competição, a ideia é pensar com calma um de cada vez. Primeiro, nos treinos, se aprimorar e imaginar as coisas dando certo. Depois, acertar o

que precisa executar para sonhar mais alto. “Quero acertar o salto que fiz no Pan, quero a final da individual e ficar de quinto pra cima no sincronizado, brigar por medalha.”

Enquanto isso, ela aproveita os primeiros dias no Rio pra se adaptar ao clima olímpico e imagina situações positivas, controlando a ansiedade.

“Aqui na piscina está tudo igual, ainda tem mais gente a chegar e não tem público. Tento tentado me adaptar imaginando isso cheio, sem ficar nervosa, com muitas pessoas aqui e fazendo muito barulho pra ajudarem. Lá na Vila é diferente, os apartamentos são diferentes, as pessoas são diferentes. Eu estou lá e de repente cruzo com uma campeã olímpica, isso é tudo

Reportagem 12: Publicada em 07/08/2016, às 01h00m

"Me perguntam como sou musa se sou baixinha e gordinha", diz esgrimista

Adriano Wilkson

Do UOL, no Rio de Janeiro

A mulher que disse não à Playboy. A musa da esgrima. É assim que as pessoas têm se referido à espadachim olímpica Amanda Simeão, 22 anos, depois que ela recusou um convite para fazer um ensaio para a revista masculina mais conhecida do mundo.

Ao contrário de atletas que não gostam de ser primeiro lembradas por seus atributos físicos, Amanda diz estar ok com esse tratamento. Ela só recusou fazer o ensaio porque, como é atleta militar, as fotos se chocariam com os valores das Forças Armadas.

“Se você passa na frente de uma obra e os pedreiros não falam nada, alguma coisa está errada com você”, afirmou ela no último sábado logo após perder seu combate e ser eliminada da competição individual da Rio-2016. Ela atuará de novo no torneio por equipes.

Mulher de luta: a vaga foi suada

Amanda não é uma atleta qualquer. No começo do ano, brigou para ter direito a competir nos Jogos e conseguiu provar a ilegalidade da naturalização de uma esgrimista húngara que tentava atuar pelo Brasil.

Amanda, sua mãe, seu técnico e um advogado fizeram uma investigação e conseguiram anular judicialmente o processo de naturalização de Emese Takács, baseando-se no argumento de que ela tinha um casamento fraudulento no Brasil. Com a saída da húngara, a curitibana, então a quarta melhor espadachim do país, ganhou a vaga.

“Eu tive que lutar muito para chegar aqui, e algumas pessoas não veem isso”, disse ela, no Parque Olímpico da Barra, entre um duelo e outro de Nathalie Moelhausen, a ítalo-brasileira melhor ranqueada da equipe.

As vantagens de não ser invisível

Amanda acredita que a atenção gerada sobre sua aparência é boa para a divulgação de um esporte ainda pouco conhecido e praticado no Brasil. Ela também diz crer que o assunto lhe traz inclusive vantagens esportivas.

“As outras meninas ficam perguntando como posso ser chamada de musa se eu sou baixinha e gordinha”, disse ela depois de mostrar em seu celular uma foto ao lado de uma adversária muito mais alta. “Elas se preocupam tanto com isso que acabam perdendo o foco do jogo e eu consigo levar alguma vantagem.”

Amanda mede 1,66 m e pesa 62 kg. Suas duas colegas do time de espada são dez centímetros mais altas e têm praticamente o mesmo peso.

No sábado, antes de entrar na pista para jogar sua primeira Olimpíada, enquanto as outras meninas se concentravam e soltavam gritos de guerra, Amanda ajeitava a maquiagem e o cabelo refletindo-se em um espelho de mão. “É só o jeito que eu sou, eu me sinto bem assim e gostaria que as pessoas não me julgassem”, disse ela. “Se a menina quiser se maquiar pode, se não quiser pode também, tanto faz, ela faz o que quiser com a vida dela.”

"É complicado escrever sobre mim"

Amanda gosta de ser tratada “como uma joia” e dar pontos a homens que lhe dão presentes e pagam toda a conta do restaurante, mas também tem opinião que pode ser considerada progressista sobre ao menos um tema controverso: aborto.

“É difícil, mas desde que não seja uma vida ainda, desde que não traga dor e sofrimento para um ser humano, acho que a mulher tem que ter o direito de fazer, sim. Em caso de estupro principalmente porque aí ela não pode ser responsabilizada pela gravidez.”

“Eu sei que é complicado escrever sobre mim”, afirma ela antes que a entrevista acabe. “Eu penso coisas que podem parecer conflitantes, mas as pessoas são assim, complexas. Eu mesma estou me conhecendo e tentando me entender sempre.”

Reportagem 13: 14.08.2016 às 06h00

Ela parou a carreira para treinar como queria. Agora é campeã olímpica

Guilherme Costa e Gustavo Franceschini

Do UOL, no Rio de Janeiro

Pernille Blume venceu, contra todas as expectativas, os 50 m livre na Rio-2016. Foi o primeiro ouro da Dinamarca na natação desde 1948, mas se dependesse dos outros, a espera demoraria mais. No ano passado, a jovem de 22 anos parou com a natação por três meses porque não a deixavam treinar a distância que ela mais gostava. Ela fez uma pausa, resolveu tomar as rédeas da carreira e foi premiada com o maior prêmio do esporte mundial.

“Sempre me disseram que eu era baixa demais para os 50 m livre, preferiam que eu treinasse para os 100 m, mas eu me divirto tanto nos 50 m... Eu precisei parar para saber o que eu queria. Se é para eu me dedicar todo dia a alguma coisa, que seja para algo que me deixa feliz. Quando eu voltei eu falei: ‘É isso que eu quero’. Vocês estão vendo a minha versão real, e é uma versão bem feliz”, disse Pernille, sorridente ao lembrar do assunto.

A pausa da dinamarquesa aconteceu em agosto do ano passado, abalando a promissora equipe do país escandinavo. Em um esporte de alto rendimento como a natação, uma pequena aposentadoria, ainda que só por três meses, poderia ter tirado dela qualquer chance de medalha. De fato, o caminho até o ouro na prova mais rápida das piscinas não foi simples.

Pernille classificou-se para a Olimpíada só com o décimo melhor tempo da distância e não era cotada como favorita por quase ninguém. Desde que pisou no Rio, no entanto, ela dominou. Foi a mais rápida nas eliminatórias e nas semifinais e levou o ouro com o recorde dinamarquês, 24s07, batendo atletas mais cotadas como as irmãs australianas Bronte e Cate Campbell. Coroadas, elas preferem não atacar quem as impediu de treinar como queria.

“Eu sempre fui uma das mais jovens do nosso time e as pessoas esperavam muito de mim. Elas só me davam apoio, mas eu vi que o que eu queria não era necessariamente o que eles queriam”, completou Blume, que também volta para casa com o bronze no revezamento 4x100 m medley.

Reportagem 14: Publicada em 10.08.2016 às 06h00

"É o meu maior desafio", diz inglesa sobre defesa do ouro após gravidez

Fernanda Schimidt

Do UOL, no Rio de Janeiro

A inglesa Jessica Ennis-Hill é uma superatleta. Medalhista de ouro em Londres 2012 e duas vezes campeã mundial no heptatlo, modalidade que reúne sete provas de atletismo em dois dias de competição, Jess enfrentou barreiras especialmente difíceis para chegar às Olimpíadas do Rio.

No fim de 2013, descobriu estar grávida, em uma gestação não planejada. Com o nascimento do primeiro filho, voltou aos poucos a se exercitar, dando atenção ao tipo de movimento que fazia em cada exercício para não sobrecarregar o corpo. Porém, após um ano de trabalho para recuperar a forma física, lesionou o tendão de Aquiles e perdeu a temporada indoor (pista fechada).

Em sua primeira disputa desde o ouro em Londres, em maio de 2015, atingiu a pontuação necessária para se qualificar para as Olimpíadas do Rio. Desde então, marcou um novo recorde pessoal no salto em distância, com 6,63m, e levou o ouro em uma importante disputa na Alemanha, competindo sob chuva torrencial.

“Todas essas lesões e contratempos que tive no último ano foram muito difíceis, mas o maior desafio sem dúvida alguma foi ter o meu filho. É algo que, até acontecer, você não sabe como irá se sentir ou quanto a sua vida irá mudar. Voltar ao atletismo, retomar a primeira posição no meu esporte e o tempo necessário para isso foram um desafio gigante. É algo que estou muito orgulhosa de ter alcançado”, disse Jess, em entrevista exclusiva ao UOL Esporte.

O caminho até o Rio foi intenso. Foram meses treinando 22 horas por semana para atingir o nível necessário para uma nova medalha. Mas, para ela, as dificuldades valeram a pena.

“Ele (o filho) foi a melhor coisa que poderia ter acontecido em nossas vidas. Sinto que estou numa posição privilegiada, de tê-lo perto nesta fase da vida, dele poder assistir à mãe em uma Olimpíada, que é algo tão único”, falou.

O pequeno Reggie, 2, no entanto, terá de ver a competição pela TV. Ela e o marido decidiram que seria melhor o filho ficar na Inglaterra junto ao pai e avós após o surto de Zika.

“Ele já está assistindo a tudo, correndo pela casa e tentando praticar todos os esportes. Vai amar quando eu voltar para casa”, completou. Se Jess conseguir o ouro, será a terceira mulher na história das Olimpíadas a defender o título imediatamente após uma gravidez.

Ela espera ser um exemplo para as mulheres que sonham em retomar as carreiras após se tornarem mães. “É uma decisão totalmente pessoal. Tem mulheres que não querem voltar a trabalhar, e isso é

ótimo. Mas é importante mostrar que é difícil, porém com as pessoas certas ao seu redor você consegue alcançar coisas incríveis na sua carreira e ser uma ótima mãe”, disse ela.

A determinação é sua característica desde sempre. Mais baixa do que a média dos atletas da modalidade, com 1,65m, foi dispensada por vários técnicos na infância até encontrar Toni Minichiello, seu treinador desde os 11 anos de idade. “Ganhar uma medalha olímpica de ouro era o meu maior sonho. Mas agora, que estou entrando em minha segunda Olimpíada e tentando ir bem para defender o meu título, é uma situação inacreditável”, comentou.

Jess não só reconhece seu papel como exemplo para milhares de jovens pelo mundo, como faz questão de defender suas posições publicamente e usar a fama para provocar mudanças naquilo que está ao seu alcance, ainda que o faça de maneira humilde.

Em novembro de 2014, ela pediu que seu nome fosse removido da arquibancada do estádio do Sheffield United após notícia de que o clube recontrataria o jogador Ched Evans, preso pelo estupro de uma jovem de 19 anos. O pedido lhe rendeu uma série de ameaças de abuso e violência sexual pelo Twitter.

“Sou uma atleta e amo o que faço. Se as pessoas querem ouvir o que tenho a dizer, ótimo. Estou apenas tentando inspirar as pessoas a ser o melhor que elas puderem naquilo que fazem”, finalizou em tom modesto.

Jessica Ennis-Hill compete nos dias 12 e 13 de agosto no Estádio Olímpico.

Reportagem 15: Publicada em 13/08/2016, às 13h44m

Ingrid Oliveira, atleta dos saltos ornamentais, faz sexo - e sua mãe também

AzMina

Letícia Bahia*

Colaboração para o UOL

As Olimpíadas do Rio finalmente chegaram. Chegou a primeira medalha no tiro esportivo, o primeiro ouro com a judoca Rafaela Silva e o Brasil segue com boas chances de pódio em diversas modalidades. Vamos falar sobre elas? Vamos falar sobre esporte, sobre histórias de superação, sobre espírito olímpico? Não, não vamos. É triste, mas precisamos desviar os olhos do desempenho dos atletas para falar do óbvio: Ingrid Oliveira, a brasileira do salto ornamental, faz sexo.

A atleta teria pedido a sua parceira de quarto e de equipe para deixá-la a sós com outro atleta. Foi o que bastou para a saltadora virar manchete e perder a parceira de modalidade. O mundo a acusou de botar os instintos antes do esporte. Ela, que já tinha virado notícia meses atrás quando os internautas consideraram que sua bunda era ornamental. Mais uma vez, a modalidade à qual ela se dedica virou coadjuvante.

O que estamos dizendo sobre nós quando transformamos a transa de uma mulher em notícia? Acaso acreditamos termos sido trazidos na trouxa de uma cegonha? Encontrados dentro de um repolho? Ou será que a gente acha que, como um Jesus, nascemos filhos de mãe virgem? Vou estragar a festa dessa gente: para cada pessoa que está viva hoje, outras duas fizeram sexo. Metade era mulher, e se você está vivo para ler esse texto, sinto informar, mas isso inclui a sua mãe.

E o que dizer da imprensa, que compra o machismo nosso de cada dia e converte o sexo consensual entre dois adultos em notícia? Passar pito não parece resolver, porque as críticas ao machismo na cobertura das Olimpíadas têm sido incessantes, mas nem por isso diminuíram as gafes ofensivas de uma mídia esportiva amplamente dominada por homens, sempre eles.

Mas aqui o caso é mais grave. Além de machista, o debate sobre quem está ou deixa de estar na cama da brasileira invade sua privacidade. Nem a nossa imprensa marcadamente masculina, nem eu, nem você temos qualquer coisa a ver com quem Ingrid transa ou deixa de transar. Corpo da Ingrid, regras da Ingrid. Quem trata assunto de foro íntimo como questão pública, além de fazer papelão, faz fofoca. Que as mulheres estão dando um baile na Rio 2016 já é fato - é Marta, é Rafaela, é Simone Biles -, mas parece que a gente ainda tem muito o que ensinar em termos de cobertura esportiva. E tudo bem, a gente ensina. Mas no que diz respeito a matérias sobre a vida pessoal dos atletas, a aula é curta: simplesmente não façam, rapazes.

**Letícia Bahia é Diretora de Relações Institucionais da Associação AzMina de Jornalismo Investigativo, Cultura e Empoderamento Feminino (Facebook.com/azmina), coautora do livro "Você é já Feminista", psicóloga e autora do blog "Reflexões de uma Lagarta".*

Reportagem 16: Publicada em 09/08/2016, às 13h08m

Reflexões de uma favelada sobre a vitória de Rafaela Silva

AzMina

Ana Paula Lisboa*

Colaboração para o UOL

Os amigos da Cidade de Deus, narradores de timeline, me serviram desde cedo para contar orgulhosos da menina nascida e criada na comunidade, Rafaela Silva, desta vez lutando ao lado de casa, já que o Parque Olímpico fica a poucos quilômetros dali. Eu perdi a luta final ao vivo, só me dei conta do momento histórico depois que todas as redes sociais foram cobertas por enxurradas de lágrimas e declarações de amor valorosas. Tudo ia bem, até que ela chegou: a meritocracia.

Eu e boa parte da minha geração que cresceu nas favelas e subúrbios cariocas somos frutos de projetos sociais. O boom das ONGs aconteceu principalmente depois das chacinas de Vigário Geral e Candelária (não é à toa a Pira estar acesa por lá) e trouxe projetos que tentavam trazer a inserção social de crianças e adolescentes através, principalmente, de preparação para o mundo do trabalho, da arte e do esporte.

Era o clássico: "Bota os meninos para fazer alguma coisa, pra não ficar na rua fazendo besteira". Assim surgiram nomes como os do projeto Dançando Pra Não Dançar e o sonho de toda mãe preta de ter uma filha como bailarina do Municipal. Mas quantas mães realizaram esse sonho?

Conto tudo isso porque Rafaela é a "história perfeita", a própria encarnação da Jornada do Herói. Nascida e criada na Cidade de Deus, começou a lutar ainda criança, foi desclassificada nas Olimpíadas de Londres e ganha o ouro olímpico lutando em casa – competindo nas semifinais com a mesma adversária de 2012. É ou não é roteiro de O Grande Dragão Branco? E que maravilha ela ser isso tudo e muito mais!

O problema é que o mérito faz as pessoas crerem, falsamente, que basta ser trabalhador, lutador, dedicado e inteligente para chegar onde Rafaela chegou. "Basta um pouquinho mais de suor". Quando, na verdade, a questão maior é que é necessário um esforço descomunal para chegar a lugares que alguns poucos alcançam, muitas vezes sem suor algum. Rafaela é brilhante, mas muitos de nós, tão brilhantes quanto ela, ficamos pelo caminho por conta de balas perdidas, falta de financiamento, violência policial e racismo. Não basta mérito, é preciso sorte também.

E quando se fala de uma mulher negra, essa questão é ainda mais profunda, já que nós somos as que mais morremos vítimas de assassinato, as que mais apanhamos, as que temos muitas vezes o trabalho doméstico como a única alternativa, e não o esporte.

Festejamos Rafaela, choramos com ela e sua família, seus amigos, mas não nos esquecemos dos outros que ficaram pelo caminho. Não nos esquecemos do racismo que ela sofreu em 2012, e mais ainda do que ela sofre todos os dias.

Rafaela deveria voltar para casa ovacionada, passear de carro aberto pelas ruas da Cidade de Deus, afinal, ela estava há poucos minutos do lugar onde cresceu. Mas isso não foi possível, desde sábado a comunidade sofre com intensos tiroteios. Cidade de Deus é ouro, e é chumbo.

** Ana Paula Lisboa tem 27 anos, é a mais velha de quatro irmãos, filha de dois pretos. Moradora do Complexo da Maré, Zona Norte do Rio, faz parte nesse território do Coletivo Palafita, agência e produtora com foco na arte e cultura das favelas, além de ser repórter d'AzMina. Formada em Letras e escritora desde os 14 anos, publicou contos e poesias em coletâneas nacionais e internacionais como a "Estrelas Vagabundas", "26 novos autores da FLUPP" (Festa Literária das Periferias), "Eu me chamo Rio" e na "Je suis Favela". Em 2014 recebeu o 1º Premio Carolina de Jesus, dado a pessoas que tiveram suas vidas mudadas pela Literatura. Desde 2012 faz parte da equipe de coordenação da Agência de Redes para Juventude, projeto que tem como missão mudar a relação da cidade com a juventude de favela*

*** Este texto não reflete, necessariamente, a opinião do UOL.*

Reportagem 17: Publicada em 03.08.2016 às 14h26

Exigência de beleza e uniforme curto atrapalham mulheres, dizem estudiosos

AzMina

Carolina Vicentin

Colaboração para o UOL

"Eu não vou usar minissaias. Eu não uso saias nem quando saio à noite, então certamente não vou usá-las no ringue", reagiu Katie Taylor, estrela do boxe mundial, quando a Aiba, a Federação Internacional do esporte, sugeriu que as atletas vestissem a peça nas competições de Londres, em 2012.

Naquele ano, com a inclusão do boxe feminino, pela primeira vez, todas as modalidades olímpicas seriam disputadas por ambos os sexos. Em meio às comemorações, porém, a Aiba – até hoje dirigida apenas por homens – fez questão de ressaltar que, no mundo esportivo, o corpo das mulheres ainda é visto como atração.

A cobrança para que atletas usem uniformes curtos e justos não é exclusividade do boxe, e estudiosos afirmam que as roupas têm atrapalhado a performance feminina nos Jogos. Em 2012, a Confederação de Basquete da Europa (Fiba Europa) exigiu que as jogadoras usassem um uniforme no estilo macacão, colocado ao corpo. Este ano, as brasileiras que disputarão medalhas no atletismo e no vôlei, de quadra e de praia, também estarão vestidas com "menos pano" que os colegas do sexo masculino.

O pesquisador Jorge Knijnik, da Western Sydney University, estudou o preconceito de gênero e o estresse sofrido por futebolistas brasileiras no doutorado. Sua conclusão? A visão estereotipada prejudica o desempenho das atletas. "Elas não podem ser muito fortes, têm que ser heterossexualmente atraentes, com cabelos compridos, usando batom e saia fora das quadras. Isso é um peso para elas, que precisam fazer um esforço extra para lidar com as cobranças de feminilidade 'perfeita'", diz. "O modelo dos uniformes tem que ser discutido com quem vai usá-los", defende.

Um dado revelado nesta semana pela Ticketbis corrobora com sua visão e provoca questionamentos: será que o público da arquibancada dos jogos femininos realmente está interessado no esporte? Mais: o que estão vendendo as confederações que obrigam as atletas a jogarem com pouca roupa? Nos jogos deste ano, somente três modalidades femininas tiveram mais de 50% dos ingressos vendidos até agora: ginástica, vôlei de praia e hóquei sobre a grama. Em comum, as três terão atletas com uniformes curtos e uma maioria de homens na plateia.

Helena Altmann, professora da Unicamp, comenta o dado: "Por conta dessa pressão estética, muitas atletas acabam tendo que se preocupar com coisas que não dizem respeito ao esporte. Isso, certamente, tem efeitos na obtenção de patrocínio".

Essa obsessão pelo corpo das atletas pode ser medida na exploração que a mídia faz da imagem das mulheres. Em muitos casos, elas são retratadas de forma desrespeitosa, com closes de partes do corpo.

Recentemente, o jornal Folha de S. Paulo noticiou uma vitória da tenista Maria Sharapova dando destaque à celulite da jovem russa.

"Historicamente, as mulheres já foram proibidas de praticar diversas atividades físicas devido a mitos científicos. Como isso foi caindo por terra, o negócio agora é tentar controlar o corpo feminino por meio da ultrassexualização", conclui Knijnik.

** Carolina Vicentin é repórter especial da Revista AzMina, jornalista, especialista em bioética e marketing digital. Trabalhou nos jornais Correio Braziliense, Metro e Jornal do Brasil e na Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília e na Organização dos Estados Ibero-americanos.*

*** Este texto não reflete, necessariamente, a opinião do UOL*

Reportagem 18: Publicada em 05.08.2016 às 11h42

Novas regras olímpicas abrem portas para atletas transexuais. Ainda é pouco

AzMina

Amara Moira*

Colaboração para o UOL

Jaiyah Saelua fez história em novembro de 2011 ao ser a primeira mulher trans a atuar nas Eliminatórias duma Copa do Mundo da FIFA, pela seleção masculina da Samoa Americana. Jogar na seleção masculina não foi algo que a incomodou, até porque só o fato de poder jogar em um mundo em que pessoas trans quase não têm direitos já é um avanço. Mas é interessante notar que, à medida que vamos nos impondo na sociedade, à medida que vamos nos fazendo respeitar, as regras criadas antes de existirmos publicamente em número considerável começam a ter que ser repensadas, inclusive os critérios para considerarmos justa uma competição. E as Olimpíadas são o prato cheio para chamarmos atenção para o assunto.

Refazer as regras seria particularmente importante para começarmos a romper com a ideia nociva de que esporte não é lugar de pessoas trans e intersexo ou de que atletas só podem fazer sua transição de gênero depois da aposentadoria, a exemplo de Caitlyn Jenner e Kellie Maloney. Competição esportiva que se preze tem que entender seu papel na construção de uma sociedade que não reproduza práticas discriminatórias.

Para começar, precisamos lembrar que a ciência ainda está aprendendo muito, mesmo em sentidos biológicos, sobre o que significa ser mulher ou homem.

Por exemplo: a corredora espanhola Maria Patiño descobriu que, apesar de ter vivido a vida toda como mulher e ter um corpo naturalmente feminino, a descoberta dos cromossomos XY em seu teste genético, realizado às vésperas da competição que poderia lhe garantir vaga nos Jogos Olímpicos de Seul (1988), não permitiam que a ciência a considerasse como tal. Portadora de uma condição rara, a síndrome da insensibilidade androgênica, seu corpo produzia o hormônio masculino, a testosterona, mas suas células não respondiam a ele, o que fazia com que ela não desfrutasse de nenhuma vantagem física por conta disso.

Resultado? Considerada homem pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), ela foi impedida de participar das Olimpíadas e, exposta ao escárnio público, perdeu seu lugar na equipe espanhola, sua bolsa de estudos, o namorado, e precisou ainda de quatro anos pra conseguir reverter a decisão. Quatro anos na vida de uma atleta, fora o trauma da exposição, imagine o peso! Jogador de basquete com dois metros de altura, tudo bem, mas nascer com um Y inútil nos seus cromossomos, aí já é trapaça. Qual o sentido?

Muitas outras atletas passaram por situação similar, atletas que em meio a competições importantes descobriram que a ciência não as considerava tão mulheres quanto a vida as vinha considerando até ali. É o caso, por exemplo, da judoca brasileira Edinanci Silva, que teve de se operar às pressas antes das Olimpíadas de Atlanta (1996) para caber nos critérios de mulher do COI, e da corredora indiana Shanti Soudarajan.

Dado emblemático sobre Soudarajan: ao ver-se obrigada a largar os esportes, teve que voltar a trabalhar nos fornos de tijolo ganhando o salário mínimo médio que as mulheres recebem na Índia - valor inferior ao que o que é pago aos homens. Como bem aponta Giovana Capucim e Silva: "Na hora de definir seu pagamento, não houve questionamento sobre sua feminilidade". O que é ser mulher, afinal: existir enquanto mulher para a sociedade ou, antes, o resultado de um rigoroso exame de laboratório?

Eis a pergunta que, lançada no mundo dos esportes pelas pessoas intersexo (essas que a ciência tem dificuldade em definir se são do sexo feminino ou do masculino) e agora alavancada pelas pessoas trans, vem forçando o COI a repensar suas regras e definições, pois cada vez vai se mostrando mais claro o quanto esse ideal de competição "justa" só leva em consideração quem não é trans nem intersexo. Qual o lugar do homem trans no esporte, o homem que nasceu com vagina mas que se hormoniza com testosterona? Qual o da mulher trans, mulher que nasceu com pênis, em especial a que faz uso do bloqueador de testosterona?

Com as diretrizes que o COI acaba de publicar, estabelecendo critérios mais razoáveis para a participação de pessoas trans nos esportes de alto rendimento (por exemplo, eliminando a necessidade de intervenções cirúrgicas e diminuindo o tempo mínimo de uso do bloqueador de testosterona), vê-se um primeiro passo na tentativa de superar essas violências, e aí já é possível que, nas próximas Olimpíadas, encontremos uma ou outra de nós disputando um lugar ao sol.

No país que, ao mesmo tempo, mais mata travestis e que mais consome a pornografia em que elas aparecem no mundo, a participação oficial de pessoas trans vai talvez se restringir a Laerte Coutinho carregando a tocha olímpica ou a Lea T. na cerimônia de gala da abertura. Já é algo, mas ainda pouco, muito pouco. Esse número cresce caso a gente dê uma olhadinha na participação não oficial, aquela que se dá nas sombras, às escondidas, das travestis prostitutas que cobram trocados (tudo o que a gente pode cobrar) pra fazer a alegria de atletas e turistas gringos. Qual o nosso lugar na Olimpíada?

** Amara Moira é colunista da Revista AzMina e autora do livro "E se eu fosse puta?". É travesti, prostituta e feminista. Militante dos direitos de LGBTs e de profissionais do sexo, ainda faz doutorado em teoria literária pela Unicamp, para o desespero do patriarcado.*

*** Este texto não reflete, necessariamente, a opinião do UOL*